

FALHADA TENTATIVA DE EVASÃO DE CAXIAS

Bombistas lançam ultimato

Coincidente com um clima de agitação lançado no interior de algumas unidades militares por elementos direitistas, uma fuga espectacular de Caxias, planeada para o penúltimo sábado, foi evitada à última hora por elementos da P. J. M. que oportunamente tiveram conhecimento do esquema já montado. A fuga envolvia os detidos João Veríssimo, tenente Meneses, Gonçalo Gonçalves, Rangel e Ramiro Moreira, presumíveis componentes da rede bombista que durante muitos meses desencadeou no País uma vaga de terrorismo, e que aguardam na prisão que os respectivos processos sejam enviados a tribunal para julgamento.

De acordo com informações dignas de todo o crédito e segundo relatos que circulam em meios próximos de familiares dos presumíveis implicados no

surto bombista, o plano de evasão terá sido elaborado com a conivência dos guardas Andrade (ex-primeiro-cabo fuzileiro), Diamantino (ex-alferes

**Liberdade
IMEDIATA**
do EDUARDO (Corréio)
= Defensor da Democracia =
Queremos o Corréio em Liberdade
Nós, Democratas, esperamos para o abraçar!

Em Braga, na noite de 11 para 12 de Fevereiro foram distribuídos, na noite de 12 para 13 foram afixados, impressos como o que se reproduz

comando) e Purificação (ex-furriel comando). Os três pertenceram ao A. M. I., sendo depois contratados para prestar serviço no forte de Caxias.

Os guardas teriam recebido 50 contos cada um para facilitar a fuga dos bombistas. Esta deveria concretizar-se depois da meia-noite, altura em que os guardas subornados entrariam de serviço. O plano só não resultou porque, quando se apresentavam para ocupar os seus postos, foram detidos por elementos da P. J. M., gozando-se assim uma tentativa de evasão envolta ainda num certo mistério. Os guardas, apesar de afastados do serviço, foram postos em liberdade às primeiras horas da madrugada.

Entretanto, falhada a tentativa, em vários pontos do País ocorreram reacções que não podem deixar de estar ligadas com o caso. A mais evidente foi em Braga onde apareceram panfletos a exigir a libertação do «Corréio», em nome da «democracia».

Ignora-se se os «pides», que se encontravam no mesmo piso com os bombistas, também seriam contemplados e faziam parte do grupo que preparara o plano de fuga mas presume-se que há ainda cúmplices que não foram descobertos. Não pudemos também averiguar se o dinheiro destinado a subornar os guardas entrou em Caxias ou foi entregue cá fora por outros elementos.

Este caso vem uma vez mais chamar a atenção para as coisas estranhas que se passam em Caxias: coisas como a visita de um promotor de Justiça ao ex-inspector Seixas, onde se avistou com o torcionário no gabinete do comandante. Sem negar ponderosas razões de serviço que possam ter existido, o normal parece ser o detido apresentar-se às autoridades judiciais quando necessário.

No mesmo gabinete, e enquanto ainda lá se encontrava o promotor da Justiça, Silva Pais foi visitado pelo ex-inspector Matos Rodrigues, figura proeminente da P. I. D. E., célebre pelas incursões que organizou contra a Tanzânia, e que participou numa tentativa para assassinar Lázaro Cavandame, quando este ainda se encontrava na Frelimo. A operação falhou, mas na altura foram assassinadas cerca de vinte pessoas.

Estranhas também eram as visitas frequentes (agora menos) que, após dali ter sido libertada, fazia ao forte de Caxias a ex-«pide» Maria Albertina, agora a trabalhar para o jornal «A Rua», juntamente com outros elementos do mesmo tipo, entre eles o ex-«pide» Walter Antunes.

Em Caxias, Maria Albertina teve sempre uma completa liberdade de movimentos e presume-se que era ela quem fazia a ligação entre os «pides» presos e os que estavam à solta, bem como com as organizações fascistas que os apoiam. Depois de ser libertada, embora menos assídua

Continua na pág. 16



Em piquetes, os trabalhadores da Maivest — pessoal feminino na maioria — aguardam a solução do conflito

Maivest encerrada

(Pág. 16)

Socialistas promovem associação de cultura

«A construção do Socialismo impõe a criação de uma cultura socialista que apenas será possível pelo estudo, pela livre circulação de ideias, pela reflexão, pelo debate leal, franco e aberto de todos os problemas que se põem ao socialismo entre nós e no mundo. Foi a tomada de consciência desta urgente e ingente necessidade de contribuir para a formação e consolidação de uma consciente cultura socialista em Portugal, de ajudar a preencher este grande vazio, que motivou a criação da Associação de Cultura Socialista —

conferência de imprensa dada por alguns dos seus promotores.

A Associação, que se pretende «um local de encontro dos que estão verdadeiramente empenhados na construção do socialismo, na edificação de uma cultura sem elitismos, vanguardismos, demagogias e falso eruditismo» propõe-se «apartidária»: «não está nas suas intenções, nem nos seus objectivos» diz o documento, «participar ou interferir na actividade dos órgãos do poder ou contribuir directamente para a determinação da política nacional através da participação em eleições ou por qualquer outro meio».

A Associação vai dedicar-se a um trabalho de debate, esclarecimento, formação. Não pre-

tende hostilizar os partidos da esquerda portuguesa, mas constituir, através da sua actividade, e em termos muito sumários, um reforço da esquerda portuguesa. Trata-se de uma aposta — afirmou Lopes Cardoso, na mesa, durante a reunião desta manhã com órgãos de informação, referindo-se a uma das preocupações dos promotores da iniciativa: impedir que a associação se transforme em mais um grupo de reflexão.

Da lista dos promotores fazem parte cerca de três dezenas de nomes: dirigentes sindicais, deputados, operários, jornalistas. Entre os nomes sobressaem, além de Lopes Cardoso, Eduardo Lourenço, Artur Porteira Filho, César Oliveira, Kalidás Berreto, José Luís Gaspar e Vitor Hugo.



Militantes socialistas (do P. S. e não) apresentaram esta manhã à imprensa a Associação de Cultura Socialista — Fraternidade Operária. Na gravura, a mesa, com Lopes Cardoso ao centro

A polícia espanhola detectou planos para um golpe violento

A Polícia espanhola obteve ontem mais um êxito ao entrar num apartamento de Madrid onde havia um conjunto de máquinas instaladas e prontas para serem utilizadas na fabricação de armas, com capacidade de produção para 50 metralhadoras por mês. O apartamento havia sido alugado por Mariano Sanchez Covisa, dirigente do grupo fascista «Guerriheiros de Cristo Rei», que foi preso na operação, junto com outro espanhol, uma francesa e oito neofascistas italianos procurados pelas autoridades do seu país. No andar ainda foram encontrados coletes à prova de bala e metralhadoras em diversas fases de fabricação.

Covisa nega ser o chefe dos «Guerriheiros de Cristo Rei», organização criada em 1969, mas é partidário declarado do fascismo e da «violência patriótica».

A Polícia descobriu ainda numa caixa de segurança bancária, três lingotes de ouro, pesando um quilo cada um, e cujo depósito está relacionado com outras actividades dos detidos. Em outras buscas foram encontrados planos e fotografias de armas desmontadas, material para falsificação de documentos, especialmente passaportes italianos e diversos materiais electrónicos para serem utilizados em explosões.

Aponta-se como responsável do grupo o italiano Elio Masagrande, já detido anteriormente no seu país pelas mesmas actividades. Como «director-técnico» aparece Eliodoro Pomar, autor de vários projectos de armas e conhecedor de electrónica. Engenheiro de alta capacitação, Pomar ostenta o cargo de director do «ISPR», o único centro nuclear de Itália.

Continua na pág. 16

**Pensão
mínima
sobe
para 2.250
escudos**

(Pág. 16)

EXCLUSIVO

OS INDIOS
DO CANADÁ

1/3 SÓCIO
PREMIADO

S

S

S

S

S

S

S

ECONOMIA CHINESA

POA A BOMBA
DE HENAO-PRO

S

S

S

SUPLEMENTO

15 de Fevereiro de 1977

15 de Fevereiro de 1977

15 de Fevereiro de 1977

15 de Fevereiro de 1977

15 de Fevereiro de 1977

15 de Fevereiro de 1977

15 de Fevereiro de 1977

15 de Fevereiro de 1977

15 de Fevereiro de 1977

15 de Fevereiro de 1977

15 de Fevereiro de 1977

15 de Fevereiro de 1977

15 de Fevereiro de 1977

15 de Fevereiro de 1977

Nacional

Política do A a Z

UM NOVO MITO

Apetece proclamar, gritar: Não criemos um novo mito! A Europa (é a esse mito que nos referimos) não resolverá os nossos problemas se não arregaçarmos as mangas e nos não decidirmos a trabalhar. Mas para trabalhar é preciso saber: para quê e para quem. E o Governo tem que ser ele a dar o exemplo: do trabalho, da persistência, da dedicação, da competência, da austeridade.

Não podemos continuar a ser os visionários de sonhos imperiais divagantes: a África aflorada em exploração costeira gananciosa ou desflorada em penetrações breves; o Oriente fulgurante; o Brasil imenso; novamente a África; agora a Europa, três lustros depois de descoberta como terra de suor e de pão por quantos se aventuraram ao jogo de azar da emigração. Não podemos correr de mito em mito. Um dia repartiremos força, sangue, inteligência, pelos cinco continentes, noutro dia receberemos «retornados» aos quais não temos trabalho e casa para lhes dar; um dia, exportaremos força-de-trabalho, andarmos a construir as alheias nações, e sempre, termos a nossa pátria por fazer, a marcha do tempo novo condenada às grilhetas do atraso secular, ao arcaísmo do mundo rural, à imprevidência e à imprevisão. O relógio da História marcou a hora de descobrir Portugal em Portugal, de construir nesta terra entre a Espanha e o Atlântico, o Portugal dos Portugueses. O nosso trabalho nos ajudará. Vamos trabalhar.

OS DUROS DIAS E AS VERDADES DURAS

O Primeiro-Ministro, ao regressar da sua rápida viagem a quatro países da Europa, falou-nos de tempos duros. E falou-nos de sacrifícios. As palavras não assustam mas carecem de explicação política. Os sacrifícios deverão ser repartidos, o trabalho deverá ser solicitado como condição da vitória de um combate político que se apresente com um objectivo claro.

A política de austeridade e o apelo ao trabalho, não são compatíveis com as indemnizações, as devoluções, as desocupações rurais e os despejos urbanos, o pagamento de retroactivos, as reintegrações. Impõe-se uma política coerente e convincente de marcha (em democracia) para o socialismo.

No final de Outubro, Mário Soares, falando na qualidade de secretário-geral do P.S., reconheceria que «o alargamento do sector público, com a nacionalização dos sectores base da economia portuguesa», que «as experiências autogestionárias», que «a reforma agrária», que «o controlo de gestão», representavam «um conjunto de reformas estruturais que pode fazer inveja aos projectos de democracia avançada dos partidos socialistas e comunistas europeus».

Destas «reformas estruturais» que, como conquistas programáticas e reais sublinhava o significado, não desconhecia os custos. Haveria que recuperar no campo económico. Era preciso trabalhar, produzir e acumular, acumular e investir. Mas, socialmente, esse «conjunto de reformas estruturais que pode fazer inveja aos projectos de democracia avançada», eram conquistas a defender (quaisquer que fossem as correcções necessárias) e, como tal, vieram a ser inscritas na Constituição.

A Constituição define os três sectores de propriedade dos meios de produção na fase de transição para o socialismo (art.º 89). A Constituição define o Plano como instrumento de orientação e de coordenação da «construção de uma economia socialista» (art.º 91). A Constituição define a Reforma Agrária como «um dos instrumentos fundamentais para a construção da sociedade socialista» (art.º 96). A Constituição reconhece o «direito dos trabalhadores criarem comissões de trabalhadores para a defesa dos seus interesses e intervenção democrática na vida da empresa, visando o reforço da unidade das classes trabalhadoras e a sua mobilização para o processo revolucionário de construção do poder democrático dos trabalhadores» (art.º 55). A Constituição estipula que ao Estado cabe apoiar as experiências de autogestão (art.º 61).

Não multipliquemos as citações. Estas exemplificações são suficientes. Os dias duros, os anos de trabalho e de sacrifícios que nos esperam não poderão ver comprometidas, no seu significado político e social, na sua autenticidade, estas reformas estruturais que podem «fazer inveja aos projectos de democracia avançada». Estamos à frente da Europa (em diversos aspectos); estamos atrasados em relação à Europa (em muitos outros). Mas a integração na Europa (na economia da qual já um milhão de portugueses se integrou), não poderá levar a um recuo em relação às conquistas políticas, económicas e sociais do 25 de Abril. E isto terá que ser inequivocamente garantido se nos querem pedir sacrifícios, mais trabalho, rigorosa austeridade.

A Europa terá de ser uma meta socialista. Nunca um desvio social-democrata para a recuperação capitalista. Porque é preciso que Mário Soares o compreenda no seu sentido literal e político, para a «Europa dos capitalistas» temos bons agentes de viagem; temos Sá Carneiro; temos Freitas do Amaral.

A essa viagem de regresso não valeria a pena sacrificar um Partido Socialista.

RECUSAR O CAPITALISMO E A SOCIAL-DEMOCRACIA

O diálogo sobre a Europa (não falamos da monotonia informativa com que a Televisão nos ameaçou) terá que partir dessa posição bem nítida: recusar o capitalismo, repu-

ALMIRANTE HILL-NORTON:

"A N.A.T.O. está muito satisfeita com a situação portuguesa"

Após uma curta visita oficial a Lisboa classificada como de cortesia e despedida, regressou a Bruxelas Hill Norton, presidente do Colégio Militar da N. A. T. O., que em breve abandonará aquelas funções. Durante a sua permanência em Portugal foi recebido pelo Presidente da República numa audiência a que assistiram também o ministro da Defesa, coronel Firmino Miguel, os chefes dos Estados-Maiores do Exército e da Armada e o vice-chefe do Estado-Maior da Força Aérea. O almirante Hill será substituído pelo general norueguês Gundersen.

No aeroporto estiveram a despedir-se do almirante Hill Norton, o chefe do Estado-Maior da Armada, vice-almirante Souto Cruz, o vice-chefe do Estado-Maior da Força Aérea, general Silva Cardoso, e o representante português no Comité Militar de Bruxelas, general Ferreira Macedo. O contra-almirante americano Frank Corley, chefe do Comberlant, também se deslocou ao aeroporto para apresentar cumprimentos ao almirante Norton. Registe-se que estas visitas frequentes de personalidades da N. A. T. O., e o estabelecimento cada vez maior de vinculações das Forças Armadas portuguesas às estruturas da N. A. T. O., ultrapassando as exigências dos acordos internacionais a que Portugal deve compromisso, bem como as pressões exercidas pelos altos responsáveis deste bloco

político-militar, têm causado justificada apreensão a muitos sectores democráticos, que vêem nesses factos uma séria ameaça à independência nacional e à própria independência das nossas Forças Armadas.

A partida do almirante Hill falou aos jornalistas que ficaram a saber da colaboração dada pelas Forças Armadas portuguesas ao Comberlant na «vigilância das crescentes actividades da Marinha soviética» e que com o auxílio dos Estados Unidos e da República Federal Alemã, estão a ser elaborados planos para reactivar e modernizar as forças portuguesas nesta fase em que deixaram de estar viradas para as guerras em África e procuram adaptar-se às suas novas missões europeias.

O almirante presidente do Colégio Militar da N. A. T. O. disse, noutra passagem das suas declarações que, no que diz respeito ao Exército e à Força Aérea «não há problemas de maior», mas quanto à Marinha portuguesa sente-se a necessidade de «um maior auxílio dos aliados para que ela possa desempenhar não só a sua missão de defesa nacional mas, simultaneamente, dar a sua contribuição à Aliança Atlântica».

Hill Norton, que parece pouco identificado com a sensibilidade política do povo português, ou então acha que o povo já não conta, declarou ainda aos jornalistas que quando

chegar a Bruxelas, ao apresentar o relatório da sua visita a Lisboa, dirá que, no que se relaciona com o Exército e a Força Aérea os problemas «estão em vias de solução» mas quanto à colaboração efectiva da Marinha portuguesa com os aliados a situação é mais difícil. A Marinha portuguesa «é pequena e precisa de ser modernizada», o que custaria «mais dinheiro do que aquele que Portugal pode dispor para esse efeito, enquanto a sua economia não recuperar». Por isso o almirante vai recomendar em Bruxelas aos membros da N. A. T. O. que estudem em conjunto a melhor forma de encontrar os meios necessários.

Perante declarações deste tipo fica-se a saber que se preparam maiores despesas para compromissos militares com a N. A. T. O., numa altura em que os recursos do País não chegam sequer para o essencial.

Mas não nos podemos esquecer que, segundo palavras proferidas pelo almirante Hill na véspera, durante um jantar que lhe foi oferecido pelo general Ramalho Eanes, na sua qualidade de chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, o Quartel-General da N. A. T. O., em Bruxelas «tem acompanhado com grande interesse os acontecimentos em Portugal», encontrando-se «extremamente satisfeito com o progresso alcançado na estabilização política do País, com vista à democracia».

PROPOSTA DE CARTER AO CONGRESSO

Adiar empréstimo a Portugal de 1,5 biliões de dólares

O presidente norte-americano James Carter propôs ao Congresso o adiamento, por um ano, da concessão de um empréstimo a Portugal através do Fundo Monetário Internacional (F. M. I.).

Na contraproposta orçamental ontem apresentada ao Congresso pela administração Carter, as verbas destinadas a cobrir a participação americana no empréstimo a conceder a Portugal (ou seja, 40 por cento de 1,5 biliões de dólares) foram transferidas para o ano orçamental de 1978, que se inicia em 1 de Outubro.

Este adiamento, segundo a mensagem presidencial, destina-se a «dar tempo aos participantes para negociar».

O empréstimo do Fundo Monetário Internacional fora proposto, em Novembro de 1976, pelo secretário do Tesouro Edwin Yeo e seria subscrito por um grupo de países capitalistas desenvolvidos através daquela instituição, a qual asseguraria também a gestão do empréstimo.

Segundo a proposta inicial, a parte americana do empréstimo seria entregue em três prestações — 300 milhões de dólares em 1977, 130 milhões

em 1978 e 120 milhões em 1979. Se a proposta de Carter for aprovada no Congresso a primeira prestação só será entregue depois de 1 de Outubro de 1977.

Recentemente os Estados Unidos abriram uma linha de crédito a Portugal no valor de trezentos milhões de dólares, através do Fundo de Estabilização Cambial do Tesouro americano, a curtíssimo prazo, sem que tenham sido tomadas públicas as condições em que tal empréstimo foi negociado.

Também esteve em Portugal uma missão de observação do F. M. I. para analisar a economia portuguesa, a qual regressou há duas semanas aos E. U. A. O relatório por ela apresentado poderá ter influenciado a decisão de James Carter.

"A CAPITAL"

Passou na segunda-feira o 9.º aniversário da segunda série do vespertino «A Capital», jornal que nesta fase da sua existência teve como directores Norberto Lopes, Maurício de Oliveira, Manuel José Homem de Melo, Henrique Martins e Carvalho e David Mourão-Ferreira. Actualmente, Francisco de Sousa Tavares exerce aquelas funções.

A todos quanto trabalham em «A Capital» desejamos as maiores felicidades.

Morais da Silva desgraduado

Por determinação do Conselho da Revolução, o major da Força Aérea José Alberto Morais da Silva, foi desgraduado do posto de general de quatro estrelas em virtude de ter sido exonerado do cargo de chefe do Estado-Maior da Força Aérea.

MOBÍLIAS USADAS

Salas jantar e quartos desde 7.900\$00, rústicas, modernas, Século XVII, Queen Anne, D. Maria, roupeiros, estantes, jogos de maples, sofás-cama, etc.

Rua Alves Torgo, 18, cave
(Ao Chile, defronte igreja de Arroios)

BOM ESTABELECIMENTO

TRESPASSA-SE

Amplio, com cerca 130 m2, no melhor local da Av. Alentejo Reis, para qualquer ramo. T. 846373-846385

MOBÍLIAS MODERNAS E DE ESTILO

COMPRE NO FABRICANTE

TEMOS GRANDE VARIEDADE EM EXPOSIÇÃO

FABRICA DE MÓVEIS SUPERCONFORTO

RUA MARIA ANDRADE, 64

(Perto Igreja dos Anjos)

Noticiário breve

GOVERNO

A Secretaria de Estado da Comunicação Social recusou-se a revelar a agenda de trabalhos da reunião de amanhã, em S. Bento, do Conselho de Ministros, sob a presidência de Mário Soares. Um porta-voz daquele Gabinete disse «não estar autorizado a divulgar a agenda». Admite-se que a recente viagem do Primeiro-Ministro, por vários países da Europa capitalista, seja debatida na reunião.

"POVO UNIDO" EM ODEMIRA

«Lutar por uma política de defesa dos princípios da Constituição, é, entre outros, um dos objectivos fundamentais da Comissão Coordenadora do «Povo Unido», de Odemira. Apoio à Reforma Agrária, dinamização das comissões de moradores e melhoria de informação através de jornais de parede, são outras metas da F. E. P. U., naquela vila alentejana.

25 DE ABRIL

Ramalho Eanes poderá presidir a uma sessão solene, comemorativa do 25 de Abril, a realizar, nesse dia, na Assembleia da República. Recorde-se que o coordenador das comemorações do terceiro aniversário da queda do fascismo em Portugal, será o conselheiro da Revolução, capitão Marques Júnior.

SINTRA

Toma posse amanhã, em cerimónia presidida pelo governador civil de Lisboa, a Assembleia Municipal do Concelho de Sintra. O acto terá lugar, pelas 18 horas, no Palácio Municipal de Valências.



LONDRES
VIAGENS ESPECIAIS
partidas regulares
4 a 8 dias
preços reduzidos

Europeia
AV. LIBERDADE 233 TEL. 536121 LISBOA 2

post-scriptum

Originalidades espantosas

Com espanto, ouvi na TV anunciar que o doutor Mário Soares «oferece» os préstimos das antigas colónias portuguesas à CEE!!!

Depois de hostilizar Angola, de se opor durante tantos meses ao reconhecimento do Governo do dr. Agostinho Neto, e da ameaça velada que há dias lançou o ministro Medeiros Ferreira — aquando da mudança da moeda angolana — contra «eventuais» atitudes do Governo de Angola, é, pelo menos, bem «original» (agora usa-se muito a originalidade, é claro) que o Primeiro-Ministro se valha dos valores africanos para atrair os favores do Mercado Comum! Estarão os Estados africanos de acordo? Seria interessante saber!

Maria Moura
— LISBOA

Socialismo: um caminho cheio de Gonalhas

Na mesma edição do Telejornal (do passado dia 13) em que apareceram os senhores Amaral e Carneiro, apareceu também mais uma vez, um elemento da cúpula do PS, neste caso o sr. Gonalhas, e apareceu a tentar dividir os trabalhadores.

O sr. Gonalhas acha que os sindicatos não são democráticos e a CGTP-Intersindical também não. Para o serem, deveriam provavelmente adoptar métodos e estruturas idênticos às do partido do sr. Gonalhas, que não esclareceu, se, para ser democrático, o Congresso dos Sindicatos deveria carecer de «quorum», nem se os sindicatos devem considerar os Estatutos como de somenos importância.

O sr. Gonalhas esqueceu-se de dizer muita coisa, mas os trabalhadores estão bem lembrados de quem tem por intenção «quebrar a espinha à CGTP-Intersindical». Além disso, os trabalhadores sabem e sabiam que ao enveredar pela estrada do socialismo, iam encontrar muitos senhores Gonalhas pelo caminho. Homem prevenido...

Francelim Peixoto de Castro Soutinho
— MATOSINHOS

SAUDOSISTAS

É lamentável que passados quase três anos sobre a data histórica do 25 de Abril, o nome da Mocidade Portuguesa Feminina não fosse ainda extinto dos ficheiros existentes.

No passado dia 4, os serviços da Caixa de Previdência de Viana do Castelo enviaram uma circular à extinta (estará?) Mocidade Portuguesa Feminina, comunicando-lhe o aumento das contribuições para a Previdência.

Pode ser que se trate de um lapso, mas também pode acontecer que entre os trabalhadores da Caixa haja alguns saudosistas do passado, a quem até um simples sobrescrito com os nomes de instituições fascistas faz crescer «água na boca».

António Rui Viana
— VIANA DO CASTELO

Colonizadores colonizados

Portugal foi durante muitos e muitos anos tristemente conhecido em todo o mundo como país colonizador, situação que acarretou enormes e profundos prejuízos morais e materiais, não só ao povo português, mas também aos povos das ex-colónias.

Com a Revolução de 25 de Abril de 1974, facto que jamais será esquecido por todos os portugueses amantes da paz e da liberdade, foi possível acabar com essa situação, mas após o 25 de Novembro, Portugal, segundo todos os indícios, está a caminhar lenta, mas seguramente, e a exemplo de quase toda a América Latina e boa parte da Europa para a situação de país colonizado.

Não queria ser demasiado pessimista, mas os factos aí estão: prosseguimento sistemático de uma política de empréstimos de milhões de contos, com a Europa «amiga» e os EUA como prestamistas «benevolentes»; entrada em Portugal de grande quantidade de material bélico (em tempo de paz); vaivém constante de diplomatas estrangeiros, especialmente americanos, e visitas diárias de altas personalidades civis e militares aos EUA e à Europa «amiga»; um cerrado anticomunismo e, em contrapartida, uma constante propaganda pró-imperialista, tanto nos órgãos abertamente reacçãoários como em grande parte da imprensa estatizada, assim como na Rádio e na Televisão; manobras da NATO no espaço português, com voos rasantes precisamente nas zonas da Reforma Agrária; política antitudo que seja conquista do povo português pós-25 de Abril exemplificada nos ataques frontais do Governo, ajudado por partidos como o PSD e o CDS (claramente subjugados ao Imperialismo), à Central Única dos Trabalhadores.

Cabe perguntar, por tudo o que atrás foi enunciado, se é assim que se caminha para o socialismo. Creio que não. Assim avança-se ainda que indirectamente, na via que conduz ao estatuto de país colonizado.

Miguel Ricardo Dias
— SINTRA

Folhetim artístico

José-Augusto França

De Malraux a Malraux

A morte de André Malraux provocou largos comentários, como é natural, e, pior ainda, inevitável. Nenhum jornal do mundo se absteve, certamente, de publicar um ou mais artigos sobre o desaparecido, e a sua desaparição, tema obrigatório que foi, mais ou menos de cultura. Também algures o cometi por dever de ofício, e em outro lado respondi ao que me perguntaram. Tempo passado, venho aqui ao assunto, como lugar próprio. Mas o Malraux das artes e do «Museu Imaginário» interessa-me menos, afinal, do que o «escritor que «descobriu» há quase quarenta anos e que, pelas páginas da «Voie Royale» e da «Condition Humaine», muito formou o adolescente que então eu era. Me formou em respeito pelo homem, talvez com um H grande demais que correspondia ao mito necessário e insuficiente. Me deu o sentido da supremacia (anarquista...) do ser em relação ao fazer — por mais «fazer» que eu vá fazendo. Isto pela leitura do «Espoir».

Mas o «Espoir», o romance e o filme mais tarde visto numa sala parisiense emocionada, foi também o retrato do escritor em aprendiz de feiticeiro que é aquilo que todos os escritores são, quando valem a pena de ser lidos — ou de existir, na sua função absurda de comunicarem uma experiência sempre pessoal e intransmissível. Daí que Malraux conduza a um beco sem saída possível, senão literária; ou, pior ainda, por via dum discurso estético em que os deuses, mudando de forma, são únicos protagonistas admissíveis. A menos que seja a morte... Da literatura, Malraux fez vida, como da arte, na segunda parte

da sua existência — e forma, em momentos históricos diferentes, a guerra de Espanha



Malraux: o escritor e o político

e a Resistência, e o gaullismo, uma e outra situação vividas nos termos trágicos que lhe convinham. E com uma ligação profunda, de dificuldade a si próprio — ou à identidade sempre buscada nas tempestades do mundo contemporâneo. (Mais contemporâneo que moderno, afinal.) Quem não a tiver atrás de si, como homem de acção, torna-se fascista; é outra das grandes lições do «Espoir».

O homem que resistiu contra as tropas de Franco e depois contra as de Hitler, que eram parecidas na sua abismal inumanidade, foi o mesmo que fez de De Gaulle um pólo de atracção de forças tradicionais, em que cabia a Liberdade e Grandeza, a Pátria e o Destino, num discurso ininterrupto e habitado por outros tantos fantasmas. A Cultura foi outro

aspecto da sua perseguição, e dela Malraux foi o ministro necessário, e o único possível, como ficou demonstrado.

Mensageiro do real, Malraux foi-o através do imaginário, e do irreal, e, finalmente, do intemporal, em títulos e abordagens sucessivas da obra de arte, numa anti-história que recusava o fio condutor do tempo, a favor da ilusão dum psicologismo de momento privilegiados. Acrobata desses momentos sincronizados num momento único, o vivido em antime-mória, Malraux punha nos seus saltos mortais uma erudição marginal, agudíssima e vivaz. A relação estava pronta, como se o tempo não existisse, nem o espaço entre as obras consideradas. Lembro-me de Malraux numa exposição em Paris, correndo, precipitando-se de uma obra para outra, através das salas, avançando e voltando atrás, como se procurasse, e procurava, a visão simultânea, ou a sobreposição de redes de significação diferentes, cuja identidade forçava. E sei também de Malraux, tendo perdido os dois filhos na véspera, num acidente brutal, a mostrar o museu do Louvre à rainha Isabel de Inglaterra — como se esse andar solene pelas salas representasse para ele mais que tudo o mais, de humano ou doloroso.

A arte processava-se para Malraux numa aventura metafísica e infinita. Nesse processo a sua obra se perde e ganha: monumento único possível na cultura do nosso tempo e do nosso espaço ocidentais. Mas monumento necessário pelo seu poder mágico de desafio ao destino interrogado. O diálogo então travado, fremente, delirante, flame-

jante, surpreendia, mais do que o leitor, o próprio autor — e esse maravilhado poder de auto-sugestão criava novas verdades. Mesmo que a lógica do discurso se abalasse numa retórica jorrando da boca, dos gestos e dos tiques do orador-escritor.

É preciso ter ouvido falar Malraux para entender a sua vivência mítica, permanente, uma vez lançado na aventura portentosa da palavra. Tudo passava nela, num delírio fulminante — e quem alguma vez tentou traduzir os seus textos de estética nesse delírio consumiu muito do seu tempo e da sua obcecada atenção. Até que, consultado, Malraux mandasse cortar a frase sem sentido aparente e que só um «élan» de orador comandara até ao papel...

A «metamorfose dos deuses» que a arte era para Malraux, como veículo necessário dum longo, infinito viajar sideral, explica o comportamento estético do escritor tanto como o seu comportamento humano — e político. O valor «sagrado» foi o seu valor próprio, e de De Gaulle e de Picasso ele recolheu as últimas palavras como de propósito, no reino que a ambos os heróis (ou aos três) convinha, sob o único respirável, na poluição do tempo e da história.

«Especialista do destino» chamaram a Malraux, e nesta «Ordem da Noite» a que pertenceu (disse-o a propósito de Jean Moulin) o tempo e a história contaram diversamente, e lendariamente, no século a que ele deu o sentido maior — que é sempre obra do mitólogo, mais do que dos mitos renegáveis ou esquecíveis.

PARA ONDE VAI O 25 DE ABRIL?

1 — O FENÓMENO POLÍTICO PORTUGUÊS É UM CASO

Para nós o momento por que passa a sociedade portuguesa seria um grande espectáculo se não fora o facto de estarmos nele seriamente envolvidos e sofrer as suas consequências.

Interrogámo-nos e discutimos, fomos à História recente para indagar sobre os grandes problemas e transformações sociais e deste esforço posto nesta digressão pelo campo da experiência e do saber, na busca da medicina para aplicar ao nosso caso, obtivemos muita informação, mas estática e global sobre acontecimentos provavelmente interpretados com interesse contemporâneo, cujas condições dentro das quais aqueles se processaram seriam diferentes das que dominam no nosso tempo e no nosso País e com as quais temos de trabalhar.

A experiência que conhecemos fala-nos das grandes convulsões e transformações sociais, produto complexo de um processo dialéctico dentro da sociedade humana; a instabilidade socioeconómica e política resultante das confrontações por conflito de classes e entre o velho e o novo.

A situação que nos deixou o 25 de Abril, não se encaixa totalmente nesses modelos de grande escala, acabados, com profundas implicações na vida e estrutura da sociedade, embora para eles pudessem tender a Revolução dos capitães.

Entretanto, o fenómeno está aqui, vivo e quente diante de nós: a direita e a esquerda,

o passado e o futuro, confrontando-se e medindo forças.

2 — AS «ECONOMIAS PARALELAS CONCORRENCIAIS» SÃO METAFÍSICA-ECONÓMICA

Uma política de desenvolvimento económico e progresso social será diferente conforme for capitalista ou socialista o sistema socioeconómico dominante em que a mesma se insere.

E, assim, não se poderá caminhar para o socialismo, como sistema que se pretende seja dominante, praticando actos de estímulo ao capitalismo ou travando a dinâmica das transformações sociais, razão de ser da Revolução do 25 de Abril, ou através da aplicação de medidas restritivas em relação aos avanços feitos, a título de corrigir excessos ou de assegurar a fantástica «coexistência concorrencial», conceito que, por falta de consistência teórica e técnica e sobretudo de experiência se encontra no mundo da metafísica. Jogos perigosos, contudo, pelas consequências directas e imediatas que podem ter na reactivação dos mecanismos e automatismos capitalistas existentes, e favorecer por conseguinte a direita e as forças da reacção, que neste sistema se apoiam.

A ciência sociológica diz-nos, quando identifica as diferentes épocas históricas de desenvolvimento da sociedade humana que poderão coexistir não só formas residuais de sistemas que dominaram no passado como também embriões

ULPIANO NASCIMENTO

de sistemas sociais que poderão dominar no futuro. Esclarece também, que em períodos de transição de uma época histórica para outra, poderá assinalar-se a coexistência de alguns sistemas socioeconómicos, definidos por regimes de propriedade diferentes, mas que pela sua dimensão, localização e características cristalizadas e ultrapassadas não afectarão o sistema dominante.

Todos estes casos estão fora do contexto da fenomenologia política portuguesa no momento actual, definida por uma Revolução de facto mas cujo processo se interrompeu numa fase em que a relação de forças em confronto estabeleceu certo tipo de equilíbrio. Aparantemente, não há domínio claro de uma força sobre a outra, embora a grande História da Humanidade tenha o costume de dar ao novo, ao progressista, a vitória, invariavelmente.

O sistema capitalista, muito embora tivesse sido profundamente ferido com a Revolução do 25 de Abril, não caiu. O desmantelamento dos monopólios, de certo poder agrário, da organização corporativa e do domínio colonial, que se reconhece determinante na viragem para o socialismo, não basta, porque aquele sistema conseguiu manter o suficiente de organização e motivação, internas para poder resistir, por algum tempo, o que permitiu à direita organizar-se e lançar-se na reconquista das

situações perdidas e procurar lograr a sua dominância anterior.

Voltamos praticamente ao princípio, ainda que a esquerda agora disponha de uma posição bastante melhor e a direita esteja diminuída em relação a 24 de Abril de 1974.

O que existe de estrutural e institucional, de relações de produção, de motivação mercantil, de lógica interna capitalista e mentalidade burguesa é bastante para manter de pé o corpo mutilado capitalista, o qual poderá acabar por restabelecer-se, se a esquerda não for capaz de encontrar-se a si mesma e de contra-atacar a pressão dessa frente, resolutamente, no quadro da Constituição. A viragem referida requeria uma dinâmica e uma continuidade de acções por parte dessa esquerda que, surpreendentemente, não se têm verificado em termos significativos.

3 — É URGENTÍSSIMO COMPATIBILIZAR A POLÍTICA E A ACÇÃO ECONÓMICAS COM A CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA

No caso português, o choque das novas forças produtivas dos novos regimes de propriedade, das novas relações de trabalho e da nova organi-

Continua na pag. 4

MEDALHAS EMITIDAS PELO GRUPO DE TRABALHO DO

ATELIER BELO MARQUES

SÉRIE «NACIONALIZAÇÕES»
DA BANCA



ANVERSO

MÓDULO 80 mm
BRONZE
NUMERADA
PREÇO AO PÚBLICO
300\$00
TRAB. DA BANCA
250\$00



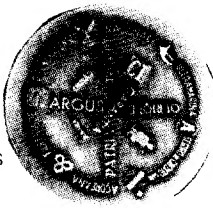
REVERSO

DOS SEGUROS



ANVERSO

MÓDULO 80 mm
BRONZE
NUMERADA
PREÇO AO PÚBLICO
300\$00
TRAB. DOS SEGUROS
250\$00

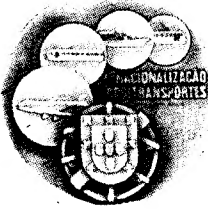


REVERSO

DOS TRANSPORTES

NUMERADA

BRONZE 70 mm
PREÇO AO PÚBLICO
250\$00
TRAB. DOS TRANSP.
200\$00



PEDIDOS AO
ATELIER BELO MARQUES

RUA DA TRINDADE, 5-2.º DTO LISBOA
TELEF: 371254 - ENVIOS À COBRANÇA S/ENCARGOS

Sindicato de Garagens, Postos de Abastecimento,
Transportes e Ofícios Correlativos do Centro e Sul

CONVOCATÓRIA
ASSEMBLEIA GERAL

Nos termos da alínea d) do Artigo 31.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral deste Sindicato, para reunir no próximo dia 7 de Março de 1977, pelas 21 horas, no Salão Nobre do Instituto Superior Técnico - Av.ª Rovisco Pais, Lisboa, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

Ponto Único — Deliberar sobre a alteração dos art.ºs 1.º, 4.º, 9.º, 12.º, 15.º, 16.º, 29.º, 31.º, 32.º, 38.º, 39.º, 42.º, 50.º, 51.º, 53.º, 56.º, 58.º, 63.º, 64.º, 66.º, 84.º e 88.º dos Estatutos.

Para tomar parte nos trabalhos da referida Assembleia é necessário e indispensável a apresentação do respectivo cartão de sócio.

Lisboa, 17 de Fevereiro de 1977

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL
José Duarte

FÉRIAS NA
MADEIRA

1 SEMANA

PARTIDAS: todos os DOMINGOS
DE NOVEMBRO A MARÇO

Preços
excepcionais
desde

3.350\$

INCLUINDO:

- Viagem em avião a jacto TAP
- Estadia no Hotel
- Transportes em terra
- Visita turística do Funchal
- Acompanhante **abreu**

a vantagem dos voos especiais

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA

abreu

fundada em 1840

LISBOA Av. da Liberdade, 160 - Telef. 371341
PORTO Av. dos Aliados, 207 - Telef. 37921
COIMBRA Rua da Seta, 2 - Telef. 270112
FARO Rua Cons. Svar, 65 - Telef. 25035/6
CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

não se prive
do seu automóvel
nos fins de semana,
leve-o consigo
de comboio!



o serviço diário

AutoExpresso

Lisboa-Porto-Lisboa

transporta-o a si
e ao seu carro

informe-se nas estações e agências de viagens

Caminhos de Ferro
Portugueses

Em OLHÃO o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na TABACARIA MODERNA

Nacional

Para onde vai o 25 de Abril?

Continuação da pag. 3

zação da sociedade, das novas ideologias, contra o velho sistema estabelecido e os velhos interesses que envolvem: os monopólios, os talifúndios, o grande comércio, a mentalidade conservadora, o obscurantismo, etc., existe vivo e faz-se sentir fortemente. Mas esse choque que, com o 25 de Abril ganhou força e determinação para a esquerda, a partir de certa altura, porém, essa força abrandou e o ritmo dos acontecimentos nesse sentido diminuiu até quase parar. Neste momento, estamos a assistir a alguns recuos por dispersão de motivação, por pressão das forças da direita que, entretanto, cresceram ou souberam melhor governar-se e tirar proveito da sua unidade dentro do processo político.

É evidente que os ganhos das forças progressistas em relação ao «status» de 24 de Abril de 1974, são enormes. Mas, cuidado, esses êxitos não estão suficientemente consolidados. Todo esse grande patri-

mónio conquistado pelo povo depois do 25 de Abril — hoje já nacional — que representa grandes avanços no domínio das liberdades e direitos civis e políticos e no âmbito económico e social, encontra-se de algum modo vulnerável aos interesses contrários, politicamente definidos pela direita e pela reacção (nacional e internacional), susceptível portanto de ser atacado com sucesso.

Possuímos orgulhosamente uma Constituição progressista; exhibe-se uma apreciável maioria de esquerda; temos um Governo socialista, um processo de Reforma Agrária em curso e dispõe-se, resultado do desmantelamento dos monopólios de um potente conjunto de empresas públicas, nacionalizadas e intervencionadas ao nível da produção, transformação e serviços, o qual, em qualquer parte do mundo, constituiria um bom motor de arranque numa sociedade em crise. Por outro lado, dispomos de uma forte organização sin-

dical que se identifica perfeitamente com o projecto constitucional — uma força verdadeiramente empenhada na solução socialista.

Parece, assim, ter-se conseguido quase todos os ingredientes necessários à realização do grande projecto proclamado na Constituição e caminhar firmemente para o socialismo.

Isto por um lado, mas no aspecto mais objectivo, temos de reconhecer que o modo de produção foi desde o 25 de Abril até agora predominantemente de mercado, o quadro económico aonde se realiza e domina o capitalismo. Os preços são feitos através do jogo de mercado e não mediante um plano; os bens e serviços circulam por força dos interesses particulares, e segundo a lei irracional da oferta e da procura, através de incentivos capitalistas, em especial o da maximização do lucro. O comércio, em geral, está intacto e altamente agressivo, não tendo sofrido qualquer beliscadura durante o período revolucionário, nem solução de continuidade, pelo contrário, só tem vindo a lucrar, beneficiando fartamente do aumento do poder de compra e do alargamento do mercado. E quando se deveria procurar substituir importações estas invadem o País como nunca.

Também a máquina empresarial pública deixou praticamente de intervir como tal no processo de transformação da sociedade; age e projecta-se em função do mercado, vinculada ao mercado, no interesse dos particulares e dos privilegiados, e não segundo um plano para servir os interesses verdadeiramente nacionais. E tanto assim é que parte das suas empresas se encontram moribundas e parcialmente ociosas por falta de dinheiro, por não se ter adequada e oportunamente investido nelas. Outrossim, as administrações dessas empresas foram substituídas por outras, que motivaram paragens e aprendizagens desnecessárias, e aonde se incluíam quadros do antigo regime que buscavam na actual conjuntura, nesta «sociedade de consumo», que ressurgiu, apenas melhores ordenados e gratificações. Nas próprias relações de trabalho observa-se o jogo forte do antagonismo de classes, em que os automatismos do sistema conduzem a acções de congelamento de salários e de alta de preços, o que vai gerar rendimentos adicionais e intensificar o processo de acumulação de poupanças e promover necessariamente desigualdades económicas e sociais, como é próprio do sistema capitalista, que a Constituição não favorece. A banca que foi nacionalizada encontra-se agora, em pleno funcionamento, mas parece empenhar-se sobretudo na ajuda financeira às empresas privadas, não procedendo, contudo, da mesma maneira em relação às empresas nacionalizadas e intervencionadas, cujas explorações continuam à espera do financiamento prometido, indispensável ao seu relançamento económico.

Essas empresas todas elas exibindo pesados passivos tecnicamente falidas, são, em geral, empresas viáveis economicamente, mas que vindas do passado, descapitalizadas, jamais poderão recuperar agora sem urgente e adequado apoio financeiro. Esta situação de inferioridade presta-se para confundir a opinião pública, sujando em geral a imagem da empresa nacionalizada, dizendo-se que os seus gestores são inexperientes, quando não incompetentes, ou que a própria

nacionalização é operação ruinosa e como tal deve cessar rapidamente, entregando as suas administrações à iniciativa privada, aquela iniciativa que, com raras excepções, colocou essas mesmas empresas em situação de falência antes do 25 de Abril.

Recorda-se que a iniciativa privada do nosso país raras vezes foi competitiva, só funcionou e cresceu com favores do Estado. Geralmente, tratava-se de uma «livre empresa» que se acomodava à segurança que o regime corporativo lhe garantia, embora na mediocridade, assente em trabalho barato, policiado, que não corria qualquer risco, limitando-se a transferir sistematicamente os lucros das empresas para o património privado dos administradores, ignorando o autofinanciamento, sem curar da consolidação daquelas e da sua valorização tecnológica.

4 — QUE SE LIMITE O PODER DA DIREITA, OPOSIÇÃO DESTRUTIVA CONTRA A CONSTITUIÇÃO

Em Abril de 1976 os representantes do Povo na Assembleia da República consagraram a opção socialista, ratificando a Constituição. Passou-se então a viver numa República Democrática em transição para o socialismo.

O período revolucionário havia passado.

O País aceitou a modalidade e acomodou-se a esse projecto, mas quando se aprontava para trabalhar dentro do espírito e da letra da Constituição, calmamente, surge a direita provocatoriamente, decidida a barrar o desenvolvimento desse projecto, a opor-se ao progresso, ao novo, aproveitando os mecanismos e instituições do velho regime com a sua velha mentalidade e hábitos que a efêmera Revolução não conseguiu naturalmente eliminar.

A direita, nas eleições de 1975 beneficiou desse gesto e aproveitando a incultura política, o obscurantismo, largamente disseminado no País em seu favor, transformou o seu ocaso político numa ascensão.

Porquê, então este êxito? Simplesmente, porque a esquerda não tem mercado unida, porque as formas de esquerda imprudentemente abriram flancos e em benefício da direita; porque o mais votado partido da esquerda regista profundas brechas, malbaratando o seu poder e a sua responsabilidade histórica; porque o único governo monopartidário, depois do 25 de Abril, não se entende internamente. Em resumo, porque a esquerda sacrificou o essencial e o duradouro ao acessório e imediato.

A esquerda cuidou do seu poder, mas parece não ter cuidado da realidade histórica no momento mais crítico da transformação da sociedade portuguesa, entre o novo e o velho, que impõe unir-se e consolidar-se e não dividir-se frente ao crescimento da «direita».

O 25 de Abril no seu posterior desenvolvimento disse categoricamente não à exploração capitalista. Os actos eleitorais democráticos e cívicos que se seguiram, a coberto já da Constituição, também disseram não ao capitalismo, ainda que à partida e só à partida se tenha de utilizar a plataforma e os mecanismos capitalistas existentes no arranque da sociedade portuguesa para o socialismo.

Política de A a Z

diar o reformismo social-democrata. Vão nesse sentido algumas (dizemos: algumas) das declarações de Mário Soares; é mais confusa, mais hesitante, a posição de outros responsáveis pelas negociações. Em Londres primeiro, à chegada a Lisboa com maior desenvolvimento, o Primeiro-Ministro afirmou: «De qualquer maneira, parece-me que o caminho para o socialismo, que está consignado na Constituição, não fica prejudicado pela nossa entrada na C. E. E. (Comunidade Económica Europeia). Penso que a Europa deve ela própria evoluir para o socialismo e que deve deixar de ser a Europa dos capitalistas para ser a Europa dos trabalhadores».

É Mário Soares acrescentou: «Julgo que a nossa transformação, a nossa marcha para o socialismo, não se poderá fazer indiferentemente da evolução dos outros países europeus, mas sim em conjugação com a evolução desta parte da Europa, juntamente com a evolução da C. E. E. para o socialismo».

Há, talvez, optimismo no que se antecipa sobre a Europa no seu conjunto. Mas a evolução da Espanha, a conjuntura político-eleitoral em França, a crise de equilíbrio político em Itália, permitem-nos adivinhar que a C. E. E. (Comunidade Económica Europeia) é um conjunto multinacional em mudança e não uma estratificação integrada, congeladora, tal como foi sonhada pelos doutrinários democratas-cristãos. Mas seja qual for a Europa nossa parceira de tratados de associação ou de integração económica, é com uma Europa dos trabalhadores, sensível à letra e ao espírito da nossa Constituição, que admitimos dialogar. Só com uma Europa em evolução para o socialismo, ou aberta a essa possibilidade, poderá Portugal negociar. Antes de Mário Soares, em públicas declarações, o ter referido, assim o prescrevia a Constituição da República.

Bem sabemos que, para alguns «europeus portugueses», outra é a Europa dos seus anseios. Bem sabemos que esperam da Europa, não o apoio a um país economicamente atrasado que se propõe construir o socialismo, mas a protecção das manobras de reconversão capitalista.

O Partido Socialista, obrigado como está a clarificar a sua política europeia, também se deverá sentir constrangido a rever, com o realismo que se impõe, os seus devaneios parlamentares, os cumprimentos, promessas e namoros, com um «centro direita» e uma «direita excêntrica» que juram o nome da Democracia em vão e não escondem a sua oposição ao Socialismo.



ANTÓNIO PEDRO MARTINS RODRIGUES

FALECEU

A Quadrante, Eduardo R. Ferreira, Ld.ª, cumpre o doloroso dever de participar o falecimento do seu sócio-gerente António Pedro Martins Rodrigues e que o seu funeral se realiza amanhã, dia 24, pelas 10 horas da manhã, da Igreja de Arroios para Coimbra, para jazigo de família.

Por tal motivo os serviços da firma encontram-se hoje e amanhã encerrados.

Tomás Rosa confessa divergências entre responsáveis da RTP

O capitão Tomás Rosa, presidente da Comissão Administrativa da RTP, distribuiu um comunicado pelos jornais sobre «notícias vindas a público em alguns órgãos de Informação» (...) que «continuam a tentar a desestabilização da RTP».

Assim, o capitão Tomás Rosa afirma que «é completamente falso (e denota inconsciência e falta de respeito pela profissão de jornalista) que eu tenha declarado ao Conselho da Europa que a RTP não precisava do seu concurso para o novo centro de produção, pois já havia encomendado os planos aos irlandeses e aos alemães».

Acentua-se ainda no comunicado que «é completamente falso que o actual director de Informação da RTP tenha sido

chefe do Gabinete do ministro do Trabalho do VI Governo Provisório ou tenha exercido quaisquer outras funções no Ministério do Trabalho».

Afirma-se também no comunicado que «é completamente falso que tenha estado ou esteja prevista a nomeação de Dórdio Guimarães ou de Ribeiro Soares para a chefia da Direcção de Informação».

Pormenoriza depois o comunicado que «é completamente falso que eu tenha estado presente ao visionamento do filme sobre o «25 de Novembro», o que pode ser comprovado pelas pessoas que estiveram efectivamente presentes».

Transcrição da parte restante do comunicado:

«É completamente verdadeiro que tomei conhecimento pelos

jornais de sábado que o secretário de Estado da Comunicação Social determinara um inquérito à Administração da RTP, assim como é verídico igualmente que determinei um inquérito à Direcção de Informação da RTP na tarde de sexta-feira passada. O inquérito mandado instaurar à Direcção de Informação visa apurar responsabilidades que serão posteriormente objecto de processos disciplinares. Este inquérito situa-se no âmbito da vida interna da empresa. Espero que os inquéritos mandados instaurar descubram, além do mais, quem e porquê tenta desestabilizar a situação interna da RTP, bem como as profundas razões de certas divergências, que realmente existem, entre alguns responsáveis da empresa.»

NOTA OFICIOSA

Porte pago para a Imprensa mantém-se até 30 de Abril

É prorrogada até 30 de Abril do corrente ano a vigência do despacho de 20 de Setembro de 1976, sobre a distribuição postal das publicações periódicas — informa um despacho conjunto dos Ministérios das Finanças e dos Transportes e Comunicações e da Secretaria de Estado da Comunicação Social.

Justifica-se esta prorrogação: previa-se para o auxílio concedido a despesas postais de um largo número de empresas jornalísticas uma «vigência restrita — que não ultrapassaria o presente ano —, assim como a revisão em moldes definitivos, das medidas oportunamente tomadas».

«Aconteceu, porém» — explica o despacho — «que, razões várias, a que não é estranho o elevado ritmo da acção governativa, vieram retardar os estudos necessários à aludida reformulação».

No seu ponto dois determina o despacho que o pagamento, pelo Estado, da referida distribuição postal restringir-se-á às expedições para território nacional.

São excluídas dos benefícios do porte pago as publicações periódicas de carácter pornográfico; aquelas cujo conteúdo publicitário ocupe uma média mensal superior a metade do espaço total da publicação; os jornais e revistas editados por partidos políticos, associações de classe ou agremiações desportivas; as publicações periódicas de conteúdo religioso, sem distinção de crenças.

Finalmente, informa ainda o texto ministerial que as «credenciais emitidas nos termos do despacho conjunto de 20 de Setembro de 1976 deverão ser remetidas à Secretaria de Estado da Comunicação Social, para revalidação, até 28 do corrente mês de Fevereiro».

Da Secretaria de Estado da Comunicação Social e sob a rubrica «Porte Pago — despacho conjunto dos Ministérios das Finanças, dos Transportes e Comunicações e S.E.C.S.», recebemos a seguinte nota oficial:

«Por anterior despacho conjunto, divulgado a 20 de Setembro de 1976, foi cometido ao Estado o pagamento das despesas postais de largo número de empresas jornalísticas.

Previra-se então, para o auxílio assim concedido, uma vigência restrita — que não ultrapassaria o presente ano —, assim como a revisão, em moldes definitivos, das medidas oportunamente tomadas.

Aconteceu, porém, que razões

várias, a que não é estranho o elevado ritmo da acção governativa, vieram retardar os estudos necessários à aludida reformulação, impondo-se agora a manutenção dos benefícios já concedidos.

Por outro lado, a prática veio revelar a existência de algumas dúvidas quanto ao âmbito de aplicação da isenção postal, dúvidas essas que o presente diploma tentará esclarecer.

Nestes termos, determina-se o seguinte:

1) É prorrogada, até 30 de Abril do corrente ano, com as ressalvas constantes dos artigos seguintes, a vigência do despacho conjunto de vinte de Setembro de mil novecentos e setenta e seis, sobre a distribuição postal das publicações periódicas.

2) O pagamento, pelo Estado, da referida distribuição postal restringir-se-á às expedições para território nacional.

3) O ponto II, do mesmo despacho, passa a ter a seguinte redacção:

1. Consideram-se excluídas dos benefícios previstos na disposição precedente:

A) As publicações periódicas de carácter pornográfico, definido nos termos do artigo 1.º, n.º 2, do Decreto-Lei n.º 254/76.

B) Aquelas cujo conteúdo publicitário ocupe uma média mensal superior a metade do espaço total da publicação.

C) Os jornais e revistas editados por partidos políticos, associações de classe ou agremiações desportivas; as publicações periódicas de conteúdo predominantemente religioso, sem distinção de crenças.

D) Todas aquelas que sejam exclusivamente distribuídas a um grupo bem delimitado de pessoas, não sendo postas à venda ao público, em geral.

2. As medidas de apoio constan-

tes do presente diploma reportam-se exclusivamente às publicações periódicas de carácter informativo ou científico, todas as demais, e bem assim aquelas que utilizarem o formato de livro.

3. A Secretaria de Estado da Comunicação Social poderá suspender a isenção prevista no ponto 1, n.º 1, caso se verifique que uma empresa beneficiária deixou de cumprir as suas obrigações legais para com a Previdência.

4. As credenciais emitidas nos termos do despacho conjunto de 20 de Setembro de 1976 deverão ser remetidas à Secretaria de Estado da Comunicação Social, para revalidação, até 28 do corrente mês de Fevereiro.

5) O presente despacho entra imediatamente em vigor.

No sentido de assegurar a plena eficácia das medidas agora tomadas, assim como de permitir a eficaz tutela dos interesses das empresas jornalísticas, chama-se a atenção para o seguinte:

A — A violação do prazo máximo no ponto 4 do despacho conjunto agora divulgado impossibilitará a S. E. C. S. de garantir a manutenção do regime de «Porte Pago».

B — O envio à S. E. C. S. das credenciais já emitidas não impedirá as publicações beneficiárias de continuarem a efectuar gratuitamente a respectiva expedição postal, desde que aquela remessa seja oportunamente comunicada às estações dos CTT.

Nos casos de não revalidação, a empresa jornalística terá de satisfazer o montante das expedições postais realizadas após 21 de Fevereiro.

C — Os pedidos de reembolso formulados ao abrigo do despacho conjunto de 20 de Setembro de 1976 deverão dar entrada, na S. E. C. S., até 28 do corrente mês, data a partir da qual não poderão ser atendidos.

MINISTÉRIO PÚBLICO DECIDIU

Demissões na RDP consideradas nulas

O despacho do ministro da Comunicação Social de 1 de Dezembro de 1975, que demitiu sumariamente das suas funções diversos trabalhadores contratados da ex-Emissora Nacional, foi considerado nulo pelo ajudante do procurador-geral da República junto ao Supremo Tribunal Administrativo.

Semelhante parecer surge na sequência do recurso interposto para o Supremo Tribunal Administrativo por quatro desses trabalhadores (Álvaro Esteves, Francisco Muñoz, João Paulo Guerra e Rui Pratas Mendonça). Após as alegações dos recorrentes, o respectivo processo foi apreciado pelo procurador da República junto do Supremo Tribunal Administrativo.

Eis o parecer, transcrito na íntegra:

«Em meu entender, o recurso merece provimento, por se tratar de acto nulo o despacho impugnado de 1/12/75 do ministro da Comunicação Social.

«É acto nulo por ser estra-

nho às atribuições da entidade recorrida (n.º 1 do art.º 363 do Código Administrativo), conforme se vai demonstrar sumariamente.

«Com efeito, a ex-Emissora Nacional de Radiodifusão (EN), a cujo serviço estavam os recorrentes, era um serviço personalizado do Estado (art.º do Decreto-Lei n.º 41 484 de 30/12/1957), tal como hoje a Radiodifusão Portuguesa E. P. (RDP), face ao regime do Decreto-Lei n.º 274/76 de 12 de Abril.

«Ao presidente da sua Direcção competia contratar e assalarar, nos termos da lei, o pessoal necessário (art.º 4, n.º 8 do Decreto 46 927 de 30/3/66), decidindo, pois, acerca do pessoal, incluindo neste os recorrentes na situação, segundo parece, de contratados (art.º 73 do Decreto 46 927).

«Subsistindo no regime anterior ao Dec.-Lei n.º 224/76, de 12 de Abril, uma norma do teor do art.º 18, os actos dos órgãos directivos da Emissora

Nacional de Radiodifusão, como então se chamava, constituíam actos administrativos definitivos e executórios, recorribéis contentiosamente para este tribunal, salvo nos casos em que a lei estabelecia outro regime (por exemplo, o n.º 9 do art.º 4 do Decreto 46 927).

«Era, portanto, da competência daqueles órgãos a prática de um acto de teor semelhante ao despacho ora recorrido e daí o vício de nulidade que se invoca.

«Se for outro o entendimento, então parece-me que o recurso ainda merece provimento por se verificar o vício de violação de lei: desrespeito do art.º 3, n.º 1 e), do Decreto 46 927, de 24 de Novembro de 1969.

«No mais ofereço o merecimento da matéria alegada pelos recorrentes e da resposta ministerial de fls. dos autos.»

Constata-se assim que os recorrentes e o Ministério Público, defensor dos direitos do Estado, encontram-se de acordo quanto à nulidade do despacho que demitiu os primeiros. Presentemente, aguarda-se o Acórdão do Supremo Tribunal Administrativo.

Setenave tem novo conselho de gerência

Por decisão ministerial, constante da resolução número 46/77, foi nomeado para o cargo de presidente do conselho de gerência da Setenave, o licenciado António de Seixas Costa Leal, o qual é exonerado do cargo de vice-governador do Banco de Portugal.

Assim, o actual presidente do conselho da gerência da Setenave é exonerado dessas funções, continuando, porém, como membro do conselho de gerência.

«E mais determina a resolução: «Exonerar, a seu pedido, do cargo de administrador da Setenave, E.P., por ter sido contratado para desempenhar as funções de director-geral do novo estaleiro do Asry, no Barhain, o engenheiro António José Machado Lopes».

Finalmente, informa a resolução ministerial: «Considerando a necessidade e as vantagens recíprocas de promover

o funcionamento coordenado dos Estaleiros Navais da Setenave, E.P., e da Lisnave, S.A.R.L., em que o Estado tem uma importante participação, a partir desta data, a Parry e Son passa a ser representada no conselho de administração da Lisnave, S.A.R.L., pelo presidente da Setenave, dr. António de Seixas da Costa Leal, sem prejuízo das decisões que venham a ser tomadas brevemente para clarificar e reforçar as representações do Estado no conselho de Administração da Lisnave, S.A.R.L.»

Assentam estas medidas no considerando de que «até à adaptação dos estatutos da Setenave ao regime jurídico das bases gerais das empresas públicas, e sem prejuízo da sua efectivação, «importa desde já tomar algumas medidas relativas à composição e funções do conselho de gerência da Setenave».

S.  R.
MINISTÉRIO
DA INDÚSTRIA
E TECNOLOGIA

DIRECÇÃO-GERAL
DOS SERVIÇOS
ELÉCTRICOS

É DITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto, apresentado pela Electricidade de Portugal — EDP (ex-UEP-Norte), a que se refere o processo 8/59 077, arquivo 4, para o estabelecimento na freguesia de Orlã, concelho de Oliveira do Bairro, de uma linha aérea a 15 kV, com 143 metros, do anóio n.º 4 da linha para o posto de transformação de Fermentelos, da Câmara Municipal de Águeda, ao posto de transformação de Orlã-Agras, da Câmara Municipal de Oliveira do Bairro.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, em 1 de Fevereiro de 1977.

Pel'O Engenheiro Chefe
Joaquim Gonçalves dos Santos

PUB

NOTARIADO PORTUGUES
DécimoOitavo Cartório Notarial
de Lisboa a cargo da licenciada
em direito Maria da Glória
Sampaio Filipe de Sousa

Certifico para efeitos de publicação que, por escritura de vinte e seis de Janeiro de mil novecentos e setenta e sete, lavrada de folhas dezassete, verso, a folhas dezanove, do livro D-seissenta e cinco, para «escrituras diversas», deste cartório, Alberto Moreira Gonçalves, Arnaldo Gomes Fontinha, Manuel dos Santos, José Joaquim Dias Laranjeira e Marcos Couto Balão, como únicos sócios da sociedade comercial por cotas de responsabilidade limitada, «Alberto Moreira Gonçalves, Limitada», com sede em Lisboa, aumentaram o capital social de duzentos e vinte e cinco mil escudos para trezentos e cinquenta mil escudos, e alteraram o artigo terceiro do respectivo pacto, pelo seguinte:

«Terceiro: O capital social é de trezentos e cinquenta mil escudos, inteiramente realizado e representado por todos os bens e valores do activo social, conforme escrituração, e corresponde à soma de cinco cotas iguais de setenta mil escudos, uma de cada sócio.» É certidão de teor parcial que fiz extrair a qual vai conforme o original quanto à parte transcrita e, certifico que na parte omitida da referida escritura, nada há em contrário ou além do que fiz transcrever.

Lisboa, dezito de Fevereiro de mil novecentos e setenta e sete.

PUB

SINDICATO DOS ELECTRICISTAS DO SUL COMUNICADO AOS TRABALHADORES ELECTRICISTAS DO SECTOR METALÚRGICO E METALOME-CÂNICO DO DISTRITO DE LISBOA

Camaradas,
Com vista à verticalização dos trabalhadores electricistas do sector metalúrgico, o nosso Sindicato tem vindo a desenvolver um trabalho de esclarecimento junto dos trabalhadores nas empresas, dando assim cumprimento às decisões dos diversos Encontros de Trabalhadores realizados.

Na impossibilidade de nos deslocarmos a todos os locais de trabalho, vamos realizar plenários de zona, para assim permitir que todos participem.

Assim convocamos todos os trabalhadores electricistas do sector metalúrgico para os seguintes Plenários:

ZONA	DATA	HORA	LOCAL	MORADA
Vila Franca	24/2	21.00	Deleg. dos Metalúrgicos	Rua Serpa Pinto, 135-2.º
Sacavém	25/2	21.00	Deleg. dos Metalúrgicos	Praça da República, 66-A
Mem Martins	1/3	21.00	Deleg. dos Metalúrgicos	Bairro da Beirobra, Lote 31
Torres Vedras	2/3	21.00	Deleg. dos Metalúrgicos	Av. Tenente Valadim, 1-2.º
Lisboa	3/3	21.00	Refeitório da C. P.	Escadinhas do Duque n.º 20

Lisboa, 21 de Fevereiro de 1977

A DIRECÇÃO

Nacional

NO PRÓXIMO SÁBADO

Manifestação em Évora pelo avanço da Reforma Agrária

O Secretariado distrital das UCPs e Cooperativas de Évora anuncia uma manifestação «em defesa da Reforma

Agrária e das conquistas do 25 de Abril» para o próximo sábado, na Praça do Giraldo, naquela cidade. Na convocatória, alerta-se para o facto «dos monopólios, dos latifundiários e do imperialismo, inimigos do povo trabalhador e da liberdade, conspirarem para destruir o regime democrático e instaurar no nosso País, uma nova ditadura fascista, de exploração desenfreada e repressão».

Enquanto os trabalhadores rurais alentejanos se manifestam pela consolidação da Reforma Agrária e das conquistas do 25 de Abril, o MAPRU (Movimento de Agricultores para uma Melhor Previdência Rural) realiza o I Encontro de Agricultores em Coimbra.

Recordamos que num documento entregue, no passado dia 10, na Presidência da República, se afirma: «Não é justo que tendo trabalhado toda

a vida na agricultura, a gente não tenha uma fatia de pão para a velhice (...) Não é justo que as nossas pensões, além de pequenas, sejam diferentes, quando todos trabalhamos igualmente toda a vida — pois uns recebem 600\$00 e outros 900\$00. Mas, ainda mais grave, é que, às vezes, não se recebe nada, como o caso de muitas viúvas de agricultores que trabalharam sempre nos campos. E as mulheres que trabalharam toda a vida ao lado dos homens não merecem que as tratem como o faz a nova lei que lhes dá menos 300\$00 que aos homens». O documento contém, ainda, outras reivindicações: «todos os agricultores devem pagar o mesmo para a Casa do Povo; as pensões devem ser iguais para todos; as viúvas, sem outro meio de subsistência devem ter direito à mesma pensão; as pensões devem ser de 1.000\$00 para todos».

DESPEDIMENTOS NO MAP

Enquanto os trabalhadores tomam medidas na defesa da Reforma Agrária e na conquista de melhores condições de vida, o ministro da Agricultura também toma «as suas medidas». Numa nota oficiosa anuncia o alargamento de prazos para a desocupação de terras. Este alargamento é atribuído, segundo se lê a «numerosas dificuldades ao pretender regularizar situações ilícitas».

Por outro lado fez publicar um decreto-lei do Ministério da Agricultura e Pescas, a qual estabelece que o não-pagamento voluntário das dívidas relativas ao crédito agrícola de emergência garantidas por aval, implica cobrança coerciva.

Mas, a contestação à actualização do MAP, surge agora dos trabalhadores do próprio Ministério. Os secretários sindicais do Ministério da Agricultura e Pescas divulgaram um comunicado em que alertam os trabalhadores para a arbitrariedade dos «despedimentos que se têm vindo a verificar no Ministério, concretamente em relação a alguns trabalhadores da Comissão de Gestão Transitória do Vale do Sorraia e, mais recentemente, alguns trabalhadores do Centro Regional da Reforma Agrária de Portalegre». Repudiando tais despedimentos, que «estão em perfeito desacordo com a Constituição e a actual legislação para a Função Pública», os secretários sindicais do MAP afirmam que «existem já despachos de contratação de pessoas para a substituição daqueles funcionários».

Agostinho Garcia de Figueiredo

Com 79 anos de idade, faleceu ontem em Lisboa o sr. Agostinho Garcia de Figueiredo, pai do nosso camarada de trabalho António Rodrigo Pançada de Figueiredo.

O defunto era natural de Oliveira do Hospital e deixa viúva a sr.ª D. Belmira Pançada de Figueiredo. Ainda não está marcada a hora do funeral.

A toda a família, mas em especial ao nosso camarada de trabalho na Renascença Gráfica, apresenta o «D.L.» as mais sentidas condolências.



A capa do livro sobre a campanha de Otelo, que amanhã será posto à venda

Otelo autografa livro sobre a campanha eleitoral

Otelo assistirá amanhã, na «Assírio e Alvim» à apresentação de um livro sobre a campanha eleitoral para a Presidência da República, intitulado «Otelo — o Povo é Quem Mais Ordena».

A apresentação pública do volume, de 340 páginas, que contém toda a documentação política relativa à campanha, e ainda uma introdução escrita pelo próprio Otelo Saraiya de Carvalho, seguir-se-á a uma sessão de autógrafos.

Segundo uma nota de editora, o lançamento do livro «constitui um importante con-

tributo para a fixação em texto de alguns aspectos da nossa história próxima, que interessam de perto ao evoluir do Movimento Popular no nosso país».

Para a sessão foram convidados «aqueles que apoiam o projecto de Unidade Popular de que Otelo é militante — com destaque para as organizações populares de base — C.T.'s e C.M.'s».

Para os interessados, a «Assírio e Alvim» fica na Rua Passos Manuel, 67-B (à Almirante Reis) e o início da sessão está previsto para as 18 e 30.

Os pescadores madeirenses entraram em greve

FUNCHAL, 23 — Desde ontem à tarde que se encontram em greve os pescadores madeirenses. Admite-se que o Governo regional venha a intervir, numa tentativa de pôr termo ao litígio que opõe trabalhadores do mar aos industriais.

Na base do diferendo, estão os preços dos atunidos (atum e giado): para a Associação de Armadores, os preços deveriam ser de 25 e 30 escudos, respectivamente para a fábrica e venda ao público, enquanto uma proposta conjunta de armadores e pescadores aponta para 20 e 25 escudos; finalmente, os industriais de conservas e proprietários da rede de frio pretendem que os preços não ultrapassem 15 e 27\$50 respectivamente.

Em contacto com as lotas, «DL» apurou que já se nota falta de peixe na Madeira, à excepção do Funchal, onde a variedade não é grande: espadas e peixe fino, que por sinal não vinha do mar mas dos congeladores.

ESCAVADORES SUBSTITUEM ENXADAS?

No Norte da ilha, em Ponta

Delgada (a 60 quilómetros do Funchal) encontram-se desde anteontem em experiências escavadores mecânicos portáteis.

Se as experiências resultarem, aquelas pequenas escavadoras substituirão as enxadas, ainda usadas em toda a Madeira.

Entretanto, encontra-se no arquipélago o secretário-geral do PSD/PPD, Magalhães Mota, para reuniões com o Governo social-democrata e câmaras regionais. Deverá regressar amanhã a Lisboa.

O «SOMA E SEGUE» DAS PROVOCAÇÕES

Um boato que fazia supor o envio de tropas para a Madeira, já formalmente desmentido pelo Governo central, é agora aproveitado pelos separatistas da Flama, que fazem por empolar a questão, a pretexto de não haver «fumo sem fogo».

Em comunicado ontem distribuído, aquela organização diz que no caso de «ocupação», esta teria o repúdio dos madeirenses, que não hesitariam no recurso a meios violentos para o manifestar.

EM DETRIMENTO AUTOMÓVEL

Portugueses viajam de comboio e compram motocicletas

Segundo a publicação «Estatísticas dos Transportes», editada pelo Instituto Nacional de Estatística, os caminhos de ferro portugueses transportaram em 1975 mais quatro milhões de passageiros do que em 1974. Paralelamente, a mesma publicação assinala a diminuição efectuada, em 1975, a nível de registos de automóveis ligeiros e pesados salientando, igualmente, o aumento da venda de motocicletas.

Em números concretos, a diminuição de veículos matriculados em 1975 observa-se da seguinte maneira: veículos registados — 99.298 automóveis ligeiros (105.181 em 1974), 3247 automóveis pesados (23964 em 1974) e 5443 motocicletas (4065 em 1974).

Ainda no âmbito dos transportes é de assinalar o facto do secretário de Estado dos Transportes, Machado Rodrigues, ter participado numa reunião da Comissão Coordenadora da Campanha de Segurança Rodoviária «Circular e viver», cujo plano para este trimestre recebeu o apoio daquele membro do Governo.



Tribunal Judicial

da Comarca de Vila

Franca de Xira

ANÚNCIO

Pelo presente se anuncia que se encontra designado o dia 17 de Março pelas 10 horas, para arrematação em primeira praça à porta deste tribunal e nos autos de carta precatória vindos da 1.ª vara do Tribunal de Trabalho extraída dos autos de execução de sentença que Maria de Lurdes da Conceição da Cruz Santos move a Mimema — Indústrias Alimentares, Lda., que será arrematada pelo maior preço oferecido o seguinte

Bem a arrematar

Uma bateadeira industrial da marca Gear Changing, de cor branca, que vai à praça em 40 000\$00.

Vila Franca de Xira, 17 de Fevereiro de 1977.

O Juiz de Direito

O Escrivão de Direito

(Assin. ilegíveis)

PUB

CARREIRA PROFISSIONAL DOS TRABALHADORES GRÁFICOS

Os Sindicatos Gráficos do País reunidos recentemente em Coimbra, decidiram remeter ao Ministro do Trabalho e Secretário de Estado do Trabalho, telegramas do seguinte teor:

Sindicato Gráficos País reunidos Coimbra 19 corrente potestam contra não publicação regulamento carreira profissional trabalhadores gráficos entregues nesse Ministério 25 de Junho 1976 ponto Reafirmam defender conquista carreira profissional ser competência sindicatos Ministério Trabalho não admitindo cedências interferências patronato ponto Exigem resposta imediata clara sobre situação publicação carreira profissional ponto

Sindicatos Gráficos Minho, Aveiro, Centro, Sul e Ilhas e Porto

PUB

SINDICATO DOS BANCÁRIOS DO SUL E ILHAS ASSEMBLEIA GERAL

SESSÃO EXTRAORDINÁRIA

CONVOCATÓRIA

Ao abrigo do art.º 25.º e alínea b) do art.º 24.º convoca-se a continuação da Assembleia Geral iniciada em 24 de Janeiro p.p. — em Sessão Extraordinária — para o dia 24 de Fevereiro de 1977, às 20 horas e 30 minutos, no PAVILHÃO dos DESPORTOS, em Lisboa.

ORDEM DE TRABALHOS:

2 — ANÁLISE e DISCUSSÃO do DESPACHO do MINISTÉRIO das FINANÇAS de 10/12/76 SOBRE O CAPÍTULO IX do NIVELAMENTO, APLICAÇÃO DO REFERIDO CAPÍTULO EM TODA A BANCA — Medidas a tomar

3 — ANÁLISE e APRECIACÃO da CONTRA-PROPOSTA de REVISÃO do CONTRATO COLECTIVO de TRABALHO — Medidas a tomar.

Lisboa, 11/2/77

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

a) Alberto Martinho Gonçalves

NOTA:

Para ingresso na sala da Assembleia Geral é obrigatório a apresentação do cartão de sócio efectivo do Sindicato ou desde que exhiba outro documento identificativo, credencial passada pelo Sindicato. Não serão atendidos casos de abonação por outros sócios. — Todos os sócios devem preencher e assinar a folha de presenças à entrada.

Trabalho



FUNÇÃO PÚBLICA

Vão realizar-se no próximo dia 13 de Março as eleições para os corpos gerentes do Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública da zona centro. É já conhecido o programa da lista A, «por um sindicato Democrático ao serviço dos trabalhadores», que é integrada por trabalhadores de diversas tendências, com experiência em actividades sindicais e representando as diversas categorias profissionais do sector. Os candidatos pretendem «ser uma voz ao serviço dos trabalhadores e só destes», no respeito pela sua vontade, e propõem-se assegurar a «democraticidade e livre expressão de todas as estruturas sindicais a todos os níveis».

HOTELARIA

A atitude dos representantes das associações patronais do ramo hoteleiro, ao abandonarem uma reunião no Ministério do Trabalho destinada a negociar o CCTV do sector, é classificada pelo Sindicato do distrito de Faro como uma «reles provocação à dignidade» dos 120 mil trabalhadores abrangidos pelo contrato. O sindicato promete uma resposta para breve, lembrando que, até este incidente, os representantes das entidades privadas nunca se dignaram comparecer às conversações, que decorrem desde Abril do ano passado no Ministério do Trabalho.

ESCLARECIMENTO

Esclarece-nos a comissão de trabalhadores dos Serviços Centrais da Inspeção-Geral do Trabalho que a moção de solidariedade para com o Inspector-Geral do Trabalho, cuja suspensão foi recentemente prorrogada, foi aprovada por unanimidade no decurso de uma RGT que já se encontrava marcada há vários dias, e que, por isso, não podia ter sido convocada expressamente para o efeito, ao contrário do que, por lapso, noticiámos na ocasião.

ADESÃO

Os operários metalúrgicos de Famalicão decidiram, por larga maioria, aderir à C. G. T. P.-Intersindical, através de votação secreta realizada em assembleia geral da secção autónoma do Sindicato dos Metalúrgicos de Braga. Também os metalúrgicos de Guimarães decidiram oportunamente da adesão (ou não) à Central Sindical.

REINTEGRAÇÃO

Encontra-se já em laboração normal a Grafarte, empresa de artes gráficas de Águeda, depois da reintegração de um trabalhador-delegado sindical que fora injustificadamente suspenso pela entidade patronal. Esta comprometeu-se a pagar os dias de greve, desencadeada como forma de solidariedade para com o companheiro suspenso.

TÊXTEIS

Nova greve total amanhã se hoje não houver acordo

A não haver acordo entre os representantes dos sindicatos têxteis e as associações patronais do sector, durante o encontro iniciado ao meio da manhã no Ministério do Trabalho, com a presença de técnicos daquele departamento governamental, os trabalhadores farão amanhã greve total, a ser cumprido o calendário de luta proposta pela Comissão Negociadora Sindical, com o apoio manifestado pela classe nos muitos plenários realizados no passado fim-de-semana por todo o país, com relevo para as localidades do Norte onde a concentração industrial é mais forte. A «cláusula três» do contrato colectivo vertical em discussão tem sido motivo do «emperramento» que se tem registado. Aquela cláusula abrange o início e período de vigência do contrato. A partir de sexta-feira, e se continuar o impasse, os têxteis voltarão às formas de luta até aqui mantidas, com paralisações de uma hora em cada turno de trabalho. Desde Agosto do ano passado que as associações patronais têm boicotado as negociações, segundo os dirigentes dos sindicatos. Estes fazem sobretudo notar que cerca de um terço dos operários têxteis, de lanifícios e de vestuário (à volta de cem mil), auferem vencimentos inferiores ao salário

mínimo. «É portanto, da mais elementar justiça — sublinha o último comunicado da Federação dos Sindicatos — a luta dos trabalhadores, uma luta pela sobrevivência, e não uma luta política». Novamente, a Federação faz incidir as suas observações sobre palavras do ministro do Trabalho, que publicamente apelidou de «política e de má-fé» a luta em curso.

O I.T. TOMA POSIÇÃO

«Desde há seis meses, os têxteis de Portugal procuram negociar um contrato nacional de trabalho» — lembra a Orga-

nização Internacional de Trabalho em comunicação à Imprensa. A O.I.T. anunciou ontem que tinha procedido a diligências junto das autoridades portuguesas com vista ao termo de formas de repressão como as que foram utilizadas pela G.N.R., na quinta-feira passada, contra os trabalhadores grevistas da Riopelle, em Vila Nova de Famalicão. A O.I.T. depois de denunciar este procedimento (sete trabalhadores saíram feridos à bala dos incidentes), reclama «a conclusão rápida e positiva do contrato colectivo».

NNNN	MARCONI
ZCZC LSC412 03980	18FEV77 17 59
PCLS CO BEBR 046	BOA
BRUXELLES 46 18 1715	
FEDERACION TEXTIL	
AVENIDA DE LIBERDADE 72 3	
LISBOA	
CONFEDERACAO MUNDIAL DO TRABALHO INDIGNADA EM PRESENÇA	
DE REPRESSAO E GOLPES GRAVE DOS GREVISTAS RIOPELE	
STOP FIRMA SOLIDARIEDADE ABSOLUTA STOP INTERVIMOS GOVERNO	
POR CONCLUSAES POSITIVAS CONHENCAO NACIONAL TEXTIL E PARAGEM	
REPRESSAO E CUIDAR GENTE FERIDOS FRATELNELEMENTE	
FONTENEAU CMT	

Metalúrgicos de Braga preparam manifestação

Como forma de pressionar o patronato a cumprir o contrato colectivo dos metalúrgicos e a solucionar os problemas que mantêm em greve trabalhadores de três empresas de Braga os sindicatos do distrito vão promover proximamente uma grande manifestação naquela cidade, aberta a trabalhadores de outros sectores, em data a designar.

A decisão foi tomada no decurso de um encontro realizado em Braga, na segunda-feira, no qual se aventou a hipótese de uma paralisação do sector metalúrgico que não chegou a ser aprovada. Fizem-se representar dirigentes e delegados sindicais dos metalúrgicos de Braga e Guimarães, bem como as direcções sindicais do Vestuário, Comércio, Têxtil, Trabalhadores Agrícolas, Construção Civil, Calçado e Maleiros, Serralções de Barcelos e Marceneiros.

Ficou constituída uma comissão de luta, que tem por missão organizar a manifestação e mobilizar os trabalhadores, através do esclarecimento e da realização de plenários. Está prevista, também, uma recolha de fundos a favor dos trabalhadores em greve nas empresas Ramoa, Alsipi, e Garagem Herculano.

A análise dos conflitos existentes nestas empresas levou os sindicalistas a concluírem que se trata de uma prova de força desencadeada pelo patronato contra o Governo e os trabalhadores, dentro de um plano de recuperação capitalista e fascista que visa o regresso da exploração.

Concluiu-se igualmente que a utilização de meios repressivos por parte do Governo, como no caso da Alsipi, atiração os ideais do 25 de Abril.

ALSIPI: POLÍCIA À PORTA

Cerca de 20 polícias compareceram anteontem, junto da Fábrica Metalúrgica «Alsipi», cujos operários se encontram em greve há vários dias, em luta pelo pagamento dos dias de «lock-out» feitos em Janeiro.

A força policial pôs fora da empresa o membro da C.T. que há tempos fora suspenso, injustamente, segundo os seus colegas. Ante a intimidação, os restantes operários sentiram-se forçados a abandonar as instalações fabris, com excepção para quatro, que quiseram retomar o trabalho.

Segundo o comandante da P.S.P. o objectivo da «missão» foi garantir o trabalho a quem quisesse trabalhar e impedir a entrada do operário suspenso. Segundo a mesma fonte, cons-

tava que 50 por cento dos trabalhadores queriam retomar a actividade.

A «missão» foi cumprida a pedido da entidade patronal e, depois, de ordens superiores.

Recorda-se que os operários da Alsipi estão em greve desde o princípio do mês por não terem recebido as remunerações correspondentes aos dias de «lock-out», apesar da entidade patronal, durante uma reunião no M.T., ter assumido o compromisso do seu pagamento, através dum delegado seu.

GARAGEM HERCULANO: DESPEDIMENTO COLECTIVO?

Está prevista para hoje a solução do conflito que opõe a administração da Garagem, de Braga, aos trabalhadores metalúrgicos que ali trabalham. Haverá, esta tarde, uma reunião de conciliação da delegação do Ministério do Trabalho, estando prevista a indemnização aos trabalhadores, de acordo com a informação dum dirigente sindical.

Com efeito, o patrão pensa encerrar o sector de reparações da garagem, dispondo-se a pagar as quantias a que os trabalhadores têm direito.

Conforme noticiámos oportunamente, os 14 operários encontram-se em greve desde o dia 2, em luta pelo cumprimento das tabelas salariais em vigor.

Há algum tempo os metalúrgicos dispuseram-se a autogerir a firma, solução de que tiveram de abdicar por falta de apoio dos restantes trabalhadores da firma — os empregados das bombas de gasolina.

NO SÁBADO

CIL analisa lei da greve

A lei da greve vai ser analisada este sábado pelas comissões de trabalhadores da cintura industrial de Lisboa, no decurso de reuniões convocadas para o efeito pelo Secretariado da C. I. L.

A discussão incidirá sobre a proposta apresentada pelo Governo e o projecto do P. C. P. sobre aquele assunto.

As reuniões estão marcadas para as 14 e 30 horas, devendo os participantes comparecer no refeitório da E. P. A. L., nos Olivais (junto às oficinas da UTIC), no caso das CT's de Lisboa, ou no refeitório da J. Pimenta, em Queluz (junto à estação), no caso das CT's da zona de Sintra e Amadora. A coordenadora da zona Ocidental de Lisboa associou-se à convocatória do primeiro encontro.

A importância das reuniões é salientada em comunicado do Secretariado da C. I. L. «Neste momento, em que o grande patronato, liderado pela C. I. P. e com o apoio de um Governo que, através de um conjunto de legislação, lesa os interesses dos trabalhadores e facilita a recuperação capitalista, é necessário resistir para defendermos as conquistas da Revolução de Abril: as nacionalizações, o controlo operário e a Reforma Agrária. Para que essa resistência exista é fundamental o esclarecimento e a mobilização permanente dos trabalhadores».

Em anterior reunião analisara-se já o projecto de lei sobre controlo operário. As conclusões deste encontro serão transmitidas à comissão de trabalho da Assembleia da República, por intermédio de delegações eleitas.

Paralisação na Luso-Alemã

Os trabalhadores da Sociedade de Construções Pré-Fabricadas Luso-Alemã decidiram paralisar a sua actividade desde segunda-feira passada, por a administração da firma ter assumido posições que os trabalhadores não aceitam, temendo inclusivamente pelo futuro dos seus postos de trabalho.

A Sociedade de Construções Pré-Fabricadas Luso-Alemã é uma firma dependente de outras duas empresas: a Sociedade de Construções Luso-Suiza e a Hochtief (alemã). Um dos administradores alemães da L.A. pretende alugar as instalações desta firma, o que implica a transferência dos seus cerca de duzentos trabalhadores para a L.S. que, segundo um porta-voz da comissão de trabalhadores da L.A. se encontra à beira da falência. Os trabalhadores recusam-se a esta transferência pois a perspectiva de serem integrados numa firma em más condições económicas, significa o seu desemprego a curto prazo.

«Esta firma tem condições para ser rendível. Temos operários novos, cheios de boa vontade e força, empenhados no seu trabalho que é aliás muito útil ao país. O recurso às prefabricadas quer para escolas quer para habitação é solução cada vez mais utiliza-

da.» — comentou o porta-voz da CT da L.A.

Há tempo que a CT da L.A. e o Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil têm uma reunião marcada na Inspeção do Trabalho, para definir a situação dos trabalhadores da Luso-Alemã em relação à Luso-Suiza, reunião a que o administrador alemão tem sistematicamente faltado alegando que sozinho não pode dar solução ao problema. Encontram-se já em Portugal dois elementos da Hochtief que deverão comparecer à reunião, mais uma vez adiada para esta tarde, na Inspeção do Trabalho, a fim de tentar sanar o problema.

Entretanto, outras razões estão na base desta paralisação, como sejam o não cumprimento por parte da administração da firma de uma acta assinada em 17 de Janeiro, no Ministério da Habitação e Urbanismo, a dívida parcial dos vencimentos de Dezembro, uma nota de serviço da administração da Luso-Suiza, anunciando aos trabalhadores que por falta de verba iriam ser congeladas durante alguns meses as tabelas salariais, os subsídios de almoço e de deslocações e a falta sistemática de matérias-primas, o que assume forma de sabotagem ao rendimento e progresso da empresa.

Desintervenção motiva incertezas

«Qual a posição do Governo face à resolução do Conselho de Ministros? Será que não se cumpre o determinado na dita resolução, ou seja a passagem a empresa de economia mista?» Estas perguntas são formuladas pelo Secretariado das Comissões de Trabalhadores da Torralta, num comunicado segundo o qual informações vindas a público estão a criar justificada apreensão dada a insegurança quanto ao futuro da empresa e à sobrevivência de quem nela trabalha. «O Governo não dará aos trabalhadores, por intermédio dos seus representantes, o conhecimento do problema Torralta», e pe-

dindo até o seu parecer quanto ao mesmo?» Depois de esta nova interrogação, o Secretariado da C. T. s afirma que, se não forem, concedidas audiências já solicitadas ao Presidente da República, Primeiro-Ministro e o ministro do Comércio e Turismo, serão ecen-tadas «formas de luta mais adequadas».

Entretanto, noutras empresas, as organizações representativas dos trabalhadores reafirmam não estarem estes dispostos a aceitar o regresso de patrões sabotadores. «Que o Governo reconsidere», pede-se em moção aprovada no plenário que decorreu na «Inten-

to», em Alverca.

Noutra empresa do mesmo ramo — construção civil — defende-se que a «desintervenção» só poderá processar-se com a integração no património do Estado. «Isto acontece na Joaquim Francisco dos Santos». «Na verdade», acrescenta o comunicado da C.T., «o grande credor da empresa é o Estado e outras entidades públicas dele dependentes, pois em 1974 o montante das dívidas da entidade patronal atingia 40 mil e 500 contos, além de a empresa estar ainda a ser responsabilizada pela Banca em cerca de 32 mil e 300 contos».

Nacional



O casal, com a filha de 13 meses e os parcos haveres que o despejo lhes deixou

Família de retornados despejada de madrugada

Despejados na madrugada da passada quinta-feira em condições que atentam contra os direitos que a Constituição consigna para a habitação, António Tavares, a sua mulher, Maria Manuela Tavares, e uma filha de 13 meses, retornados de Angola, estão agora em casa do advogado Afonso Baptista de Carvalho, devendo mudar-se (com os três sacos de haveres e poucas roupas que Laura Brites, proprietária do rés-do-chão do n.º 288 da Rua de Campolide lhes deixou retirar da casa que ocupavam há 14 meses) para um quarto que mão amiga lhes cedeu temporariamente.

A despeito de todos os esforços daquele advogado junto da Presidência da República, IARN e Cruz Vermelha, não foi encontrado alojamento definitivo para os despejados.

Já tínhamos sido avisados pela senhoria, que ainda é parente da minha mulher, para sair da casa e não passarmos «pelo desgosto de ter alguém a pôr-nos os tectos à porta, mas para onde é que poderíamos ir? — disse António Tavares ao repórter do «D. L.» «Que é que eu posso fazer com quatro contos que o IARN me dá, com três pessoas para sus-

ter? Claro que não deixei a casa, até porque sabia que a proprietária vive no Dafundo e não precisava da casa. Mas na terça-feira ao chegarmos ao mercado, encontramos a casa ocupada pela proprietária que entretanto já tinha mudado a fechadura. Fizemos-lhe ver as dificuldades que teríamos com uma filha de 13 meses, a impossibilidade de encontrarmos casa, mas a senhoria que é enfermeira num posto de Pediatría na Calçada da Tapada, não se impressionou, reteve todos os nossos haveres, e não nos deixou entrar».

O diálogo que se seguiu envolvendo vizinhos, os interessados, a proprietária e o advogado Afonso de Carvalho, não resolveu a questão, nem levou a que Laura Brites, que parece não ter necessidade da casa, a mudar de posição. No entanto, já de madrugada, o «quadro era tenso, porque muitas das dezenas de pessoas que se juntaram queriam invadir a casa e expulsar a proprietária que ali se encontrava barricada com o genro e uma pessoa de família. A ponderação da maioria e a chegada de cerca de dezena e meia de polícias evitaram o pior.

RONDA PELAS ORGANIZAÇÕES POPULARES DE BASE (II)

Mulheres tomam a iniciativa na Freguesia de N.ª S.ª de Fátima

Numa fase de grande desmobilização, resultante de factores diversos, a Comissão Dinamizadora da Freguesia de Nossa Senhora de Fátima, encontrou nas mulheres que a integram um elemento polarizador. Elas colaboram activamente na campanha da FEPU e, terminada esta, preparam-se para desenvolver na freguesia uma série de actividades que possam beneficiar as populações mais desfavorecidas, mulheres trabalhadoras, donas de casa, crianças, terceira idade, população ainda numerosa que vive nas barracas e, de um modo geral, todos os moradores.

Constituem um grupo ainda não numeroso, «aberto a todas as mulheres» e «determinado e disposto a vencer toda a inércia das populações, especialmente das mulheres». Deste grupo fazem parte uma funcionária pública, uma jornalista, várias domésticas, uma industrial, empregadas de escritório, uma técnica de relações públicas, uma bancária e outras mulheres com diversas profissões. As idades variam entre os 18 e os 50 anos. É um grupo heterogéneo mas que muito facilmente encontrou fórmulas de entendimento para um trabalho útil.

UM PROTESTO A ABRIR

Uma das primeiras iniciativas do grupo foi um protesto contra a discriminação em relação às mulheres na atribuição de pensões. Explicam-nos durante uma troca de impressões acerca dos seus planos de acção que estão «a proceder a uma larga recolha de assinaturas exigindo a revogação imediata da portaria 577/76 que atribui valores dife-

rentes a mulheres e homens nas pensões de invalidez e velhice», uma lei que considera, além de discriminatória, anticonstitucional e inaceitável. Têm já muitas assinaturas e preparam-se para levar para frente este protesto e de

onde as deixar para irem tranquilamente votar. O proprietário do Universal, António Cunha Teles, cedeu o cinema gratuitamente e a iniciativa teve grande impacto na população da freguesia.

«Centenas de crianças, algu-

guesia para nos ceder todo o tipo de material e mobiliário indispensável para esta iniciativa arrancar. Oferecendo-nos coisas mesmo inúteis nós saberemos dar-lhe utilidade.»

Quanto a monitores, explicam-nos, há várias pessoas



As mulheres residentes na freguesia de N.ª S.ª de Fátima preparam-se para ajudar a melhorar as condições de vida naquela área

mediato, após o arranjo das instalações da Associação de Moradores, projectam a instalação de um posto de enfermagem «que possa garantir à população, principalmente à de menores recursos, um mínimo de assistência, gratuita, para casos simples ou primeiros socorros urgentes.»

Mas não é tudo. «Uma creche — revelam-nos — também outro projecto que tentaremos concretizar rapidamente. Claro que tudo isto depende do apoio que a população nos der. Contamos sobretudo com as mulheres, já que estes problemas lhes interessam mais directamente. Até agora a receptividade encontrada foi bastante grande, o que permite encerrar com optimismo a viabilidade destes projectos».

A título de exemplo citam um dos primeiros pedidos de colaboração a alguém da freguesia. Foi a cedência da sala do cinema Universal para a realização de uma sessão de cinema destinada às crianças da freguesia na manhã das eleições para as autarquias de modo a que as mães tivessem

mas descalças e miseravelmente vestidas viram pela primeira vez cinema. Isto confirmou-nos os problemas e carências que já conhecíamos.

ALFABETIZAÇÃO

Quando trabalharam nas operações de recenseamento para as primeiras eleições, este grupo fez um levantamento da população da freguesia que não sabe ler. Concluiu que cerca de 500 pessoas era analfabetas, a maioria mulheres. Isto conduziu ao projecto de criar também cursos de alfabetização. Uma meta arrojada mas não considerada no domínio do impossível é a erradicação do analfabetismo na freguesia.

«Fizemos já uma pequena experiência de alfabetização que deu resultados muito positivos o que nos encorajou no sentido de continuarmos. Este projecto, tal como muitos outros — salienta-nos a porta-voz do grupo — está condicionado aos problemas de instalações e equipamento. Vamos dirigir um apelo à população da fre-

dispostas a ajudar, e tivemos já o oferecimento de vários elementos do ALFA, que se propõem dar-nos apoio.

Outra das iniciativas previstas, caso consigam a cedência gratuita da sala de cinema do Universal, é a realização de sessões de cinema no último domingo de cada mês para as crianças da freguesia a fim de que as mães possam ter, ao menos uma vez por mês, uma manhã livre.

Algumas iniciativas destinadas à juventude estão já em marcha como é o caso de um pequeno grupo coral de jovens, preparado e ensaiado por um elemento da Associação de Moradores de Nossa Senhora de Fátima, e que já tem actuado em diversos locais com muito êxito.

JORNADA DE TRABALHO

Para breve está prevista uma jornada de trabalho na qual podem participar todos quantos queiram aderir às iniciativas da Associação de Moradores. «Vamos arranjar a nossa sede e apelamos para a população da freguesia para nos ajudar. Precisamos de pintar, varrer, limpar, lavar, colocar os móveis que nos sejam oferecidos, etc.»

«Precisamos também de livros, papel, cadernos e tudo o que os moradores tenham em casa e não precisem. Podem ser úteis para conseguirmos arrancar com as nossas iniciativas».

Estes são os projectos mais imediatos que as mulheres integradas na Associação de Moradores de Nossa Senhora de Fátima se propõem realizar para benefício de uma população muito heterogénea numa freguesia onde as carências são muitas e onde muitas pessoas vivem ainda em condições indignas.

TREMENDO!

A mais poderosa Besta da Terra... Tornou-se caçador de homens!



GRIZZLY
— O MONSTRO DA FLORESTA

EDWARD L. MONTORO apresenta

um filme WILLIAM GIRDLER

prod. por DAVID SHELDON & HARVEY FLAXMAN

Columbia Pictures

Hoje Estreia, às 15.15, 18.15 e 21.15

MONUMENTAL

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 18 ANOS

NA LINHA DO ESTORIL

Pontão da Cruz Quebrada não está a cair

Tem causado certa estranheza — e alguma apreensão — aos utentes da linha do Estoril, o facto de há uns dias a esta parte se notar o abrandamento da marcha dos comboios na altura em que cruzam o pontão da Ribeira de Barcarena, entre a Cruz Quebrada e Caxias. As cautelas na manobra logo alarmaram os espíritos mais inclinados ao alarme: «A ponte estará a cair?»

Pois que se tranquilizem os utentes. Em contacto com as Relações Públicas daquela Companhia, foi-nos dito que o

andamento lento dos comboios sobre o referido pontão, é apenas mera precaução de rotina, «enquanto durar a reparação que se está a fazer nas longarinas do mesmo».

Nada de anormal, portanto, nem hipótese para alarme. Terminada a reparação, que se espera esteja concluída dentro de poucos dias, o trânsito de comboios naquela zona voltará ao seu normal. O pontão da Ribeira de Barcarena está ali para durar sem perigos de nenhuma ordem.

Geral

ÁFRICA DO SUL

Bispos católicos
estão com o Soweto

Mons. Denis Hurley, arcebispo de Durban, no final da conferência dos bispos católicos da África Austral, declarou aos jornalistas que «Soweto chama a nossa atenção para a escolha inevitável entre uma evolução rápida, radical, e uma revolução iminente».

Pormenorizando, Denis Hurley afirmou:

«Durante três dias, analisámos, com toda a isenção, o fenómeno Soweto. Tentámos compreender em toda a sua extensão. A gestão quotidiana de uma comunidade implica sempre erros na avaliação dos acontecimentos. Esses três dias de reflexão ajudaram-nos a compreender Soweto e as suas sequelas, as quais ilustram de uma maneira clara, objectiva, a mentalidade dos negros e a sua determinação em recusar o estado de servidão que lhes tem sido imposta. Procurámos também tentar definir com precisão o papel dos bispos e os meios de que dispõem para fazer evoluir as condições dos negros, pois entendemos que a Igreja os deve apoiar na sua luta de libertação».

«A conferência dos bispos pronunciou-se pelo direito de

voto alargado a todos...?».

«Não discutimos esse problema. E isso porque nos dispensámos de definir o futuro político, mas a verdade é que nos pronunciamos a favor de uma rápida evolução dos direitos dos negros. O nosso papel limita-se à promoção dos valores humanos e do Evangelho. Na África do Sul, tal atitude significa promover a libertação dos negros, e, por consequência, criticar o poder branco».

Outro jornalista:

«Várias escolas católicas até aqui reservadas às crianças brancas aceitaram este ano alunos negros e mestiços. Que sucederá se o Governo proceder ao encerramento desses estabelecimentos de ensino...?».

«Se tal vier a suceder, as crianças desses estabelecimentos não mais serão consideradas como crianças que frequentam a escola... Os directores dos mesmos estabelecimentos não voltarão com a palavra atrás, isto é, não repudiaram os alunos negros e mestiços. Atenção, no entanto: tudo dependerá também da atitude dos pais. Talvez a maioria

desses pais hesite. Mas uma significativa e corajosa minoria apoiar-nos-á. Ficará ao nosso lado».

Novamente os jornalistas:

«Reina a unanimidade entre os bispos...?».

Resposta:

«Quando se trata de passar das palavras aos actos, a discussão surge sempre».

«E relativamente à objecção de consciência...?».

«Demo-nos conta de um dilema: os negros pensam que os cristãos não deviam fazer parte de um exército repressivo, e os brancos, por sua vez, acham que o serviço militar é uma coisa natural. Nós pensamos que, qualquer pessoa tem o direito de evocar a objecção de consciência. Acontece, no entanto, que para a tomada, a esse respeito, de uma posição nossa, só quando trocarmos impressões com membros de outras igrejas».

Última pergunta e última resposta:

«A Igreja Católica, na África do Sul, deseja estar na vanguarda da luta contra o «apartheid»?».

«A nossa acção é simbólica. É uma contribuição para uma evolução. Não vai alterar a



«Há que modificar o que existe de errado nas relações dos brancos com os negros» — afirmaram os bispos católicos da África do Sul no final de três dias de ponderação sobre o que se passa (e se passou) em Soweto

condição dos africanos. De momento, a Igreja Católica parece estar a adoptar uma posição de ponta. Mas, se tomarmos em consideração os anglicanos, estes há muito que deram responsabilidades aos negros. Mais de 50 por cento do seu clero é de raça negra. Entre

nós só temos 10 por cento de padres negros, embora 70 por cento dos nossos fiéis sejam negros. Isto tem muito a ver com os métodos de abordagem. Enquanto os anglicanos oferecem uma formação teológica rápida a casados ou solteiros, no seio da sua comunidade, a

Igreja Católica desenraiza os candidatos e impõe-lhes um ensino demasiado demorado, puramente europeu, bastante afastado das suas referências culturais».

© («Le Monde»)

ANDREW YOUNG E A RODÉSIA

"Ridículos os receios de Smith
quanto à ingerência comunista"

Andrew Young, embaixador norte-americano junto das Nações Unidas, classificou de «ridículos» os receios do primeiro-ministro rodesiano Ian Smith de que os comunistas, e em particular os soviéticos, estejam a tentar aposar-se da Rodésia.

«O verdadeiro problema na Rodésia é Ian Smith» — declarou Young, que recentemente visitou diversos países africanos.

Smith, que afirmou estar o seu Governo disposto a transferir o poder para os negros dentro de dois anos, disse por outro lado que a luta de guerrilhas se tornou «uma tentativa deliberada dos comunistas, e ultimamente dos soviéticos para se apossarem do país».

O primeiro-ministro rodesiano acusa ainda os dirigentes nacionalistas Joshua Nkomo e Robert Mugabe de estarem «no bolso dos soviéticos» e repetiu a sua recusa de negociar com eles.

Andrew Young, muito ponderado no que se refere à política rodesiana, contestou esse anti-comunismo primário, salientando que não faz sentido que pouco mais de trezentos mil

negros superintendam no destino de mais de seis milhões de negros.

Uma análise em pormenor à fracassada Conferência de Genebra, demonstra que há, efectivamente, um propósito da parte de Ian Smith em criar complicações no diálogo que quer os EUA, quer a Grã-Bretanha, pretendem levar para a frente. Recorde-se que Ian Smith foi quem deu o pontapé nas conversações, quando estas decorridos alguns dias, «contaram» com a sua ausência.

Uma vez Smith fora do diálogo, os nacionalistas mostraram-se mais duros nas exigências, apoiados, aliás, pelos países da «linha da frente» (Tanzânia, Zâmbia, Botswana, Angola e Moçambique). Assim, exigiram que durante o período de transição os postos da Defesa (Exército e Polícia) passassem a ser garantidos por negros e não por brancos.

Em Salisbury, logo o dirigente rodesiano se opôs a tal pretensão agarrando-se com «unhas e dentes» ao plano Kissinger, mais favorável aos interesses dos brancos.

Ivor Richard, presidente da

Conferência, e embaixador da Grã-Bretanha na ONU, deu mostras de grande diplomacia, apresentando um outro plano mais de acordo com as pretensões dos nacionalistas. Entretanto, porém surgiram divergências entre esses mesmos nacionalistas, acabando por Joshua Nkomo e Robert Mugabe constituírem uma aliança que designaram por «Frente Patriótica». Os dois declararam então que enveredariam pela luta armada.

Depois de outras múltiplas considerações, as conversações foram interrompidas. Ficou marcado o dia 17 de Janeiro para o recomeço do diálogo, tal não tendo porém, acontecido. Nos últimos tempos, aconteceu que, com a intensificação da guerrilha, Ian Smith decretou a mobilização dos civis brancos, o que, já em Fevereiro, levou à demissão do ministro da Defesa, acusado pelos industriais e negociantes de querer afectar a economia do país com semelhante medida.

As coisas, pois, estão neste pé, com Andrew Young a dizer que Smith agita, sem vantagem, o papão do comunismo.

SEGUNDO O "WASHINGTON POST"

A África do Sul em condições
de fabricar bombas atómicas

O «Washington Post» afirma que a África do Sul, apoiada activamente pelos E. U. A. criou a sua própria indústria nuclear e está em condições de fabricar uma bomba atómica em dois ou quatro anos.

J. Hoagland, jornalista americano autor do artigo, citando fontes informadas no seio do Governo, dos E. U. A. indica que aquele período pode vir a ser reduzido para alguns meses.

Já em 1949, os Estados Unidos e a Inglaterra, encetaram conversações com as autoridades de Pretória com vista a investigações nucleares e à produção de energia atómica, em troca de urânio sul-africano.

Outros membros da NATO participam activamente na criação da potência nuclear militar da África do Sul. A Alemanha

Federal pôs à disposição do Governo de Pretória equipamentos e especialistas, e as firmas desse mesmo país enviaram tecnologia nuclear.

Uma fábrica de enriquecimento de urânio foi posta a funcionar, em Abril do ano passado, na África do Sul. Em Agosto, a França assinou com o regime de Vorster um contrato que prevê a construção de duas centrais nucleares.

CIRCO SOBRE
GELO

5 ÚLTIMOS DIAS
DOMINGO DIA 27
DESPEDIDA

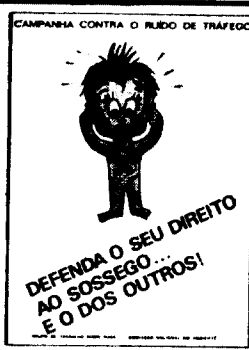
Instalado no Parque
de Jogos do HCP na
Avenida do Brasil
Telef. 804545

HOJE, «MATINÉE»
As 16 horas
NOITE, 21.30

6.ª Feira às 21.30
GRANDE GALA
A FAVOR
DA CRUZ
VERMELHA
PORTUGUESA

SÁBADO e DOMINGO
4 Últimas Matinéas
Infantis
As 14.30 e 17.30

BILHETEIRAS
ABEP — Praça dos
Restauradores ou no
Circo a partir das 10
horas da manhã



VIAGENS

AVIBAR

CRUZEIRO DA PÁSCOA
MADEIRA

De 6 a 11 de Abril

APROVEITANDO OS FERIADOS DA PASCOA
Vá connosco numa viagem inesquecível

A preços excepcionais

Desde 4.480\$00

Abertos à hora do almoço

Consulte-nos e peça-nos programa detalhado

AGÊNCIA DE VIAGENS AVIBAR Av. Liberdade, 49 - Barcelos - Tel. 82928
TURALGARVE - Praça da República, 98-100 - Loulé - Tels. 62143/4
EM LISBOA: TURALGARVE
RUA LUCIANO CORDEIRO, 6-C - T. 538240-40008

VIAGENS

AVIBAR

MARAVILHOSO CRUZEIRO
À MADEIRA

De 21 a 25 de Abril

Fretamento especial do N/M «FUNCHAL»
Aproveitando o Feriado de Abril, vá connosco
numa viagem inesquecível. A preços excepcionais.

DESDE 3.950\$00

Abertos à hora do almoço

Consulte-nos e peça-nos programa detalhado

AGÊNCIA DE VIAGENS AVIBAR Av. Liberdade, 49 - Barcelos - Tel. 82928
TURALGARVE - Praça da República, 98-100 - Loulé - Tels. 62143/4
EM LISBOA: TURALGARVE
RUA LUCIANO CORDEIRO, 6-C - T. 538240-40008

Estrangeiro

PRIMEIRO ORÇAMENTO DE CARTER

Ligeira redução dos gastos da defesa

O presidente Carter dos E.U.A. apresentou o seu orçamento ao Congresso para o ano financeiro de 1974, propondo uma ligeira redução dos gastos da defesa e aumentando as despesas federais para 459,4 mil milhões de dólares. Segundo a AFP, o orçamento é mais «nitidamente social» do que o do ex-presidente Ford.

As propostas de Carter, que são um amplo reflexo do seu programa de relançamento da economia americana, prevê um aumento de cerca de onze mil milhões de dólares do «deficit» orçamental para o ano em curso de 1977 e para o ano orçamental de 1978, que começa no próximo mês de Outubro. As mudanças para 1977 são devidas às reduções de impostos e aos programas de despesas públicas previstas no programa de relançamento. No entanto, as modificações ao orçamento 1978 que o presidente Ford apresentara três dias antes de deixar a Casa Branca são mais profundas.

A redução das despesas militares é contudo muito ligeira. Limita-se a 300 milhões de dólares, pois Carter propõe 119,9 mil milhões de dólares em vez dos 112,2 propostos por Gerald Ford. O presidente prevê, no entanto, uma redução mais sensível (2,7 mil milhões de dólares) dos pedidos de abertura de créditos destinados a financiar programas militares que se prolonguem para além do orçamento de 1978.

A redução das despesas no capítulo da defesa é de 2,7 mil milhões de dólares. Os observadores fazem notar que Jimmy Carter tinha previsto, durante a sua campanha eleitoral, que esta redução atingiria 5 a 7 mil milhões de dólares.

A Administração Carter conserva, por agora, o programa de construção do bombardeiro da próxima geração «B-1» mas reduz de oito para cinco a primeira encomenda deste aparelho pelo Pentágono. Isto não significa, no entanto, que a

«luz verde» tenha sido dada definitivamente pela Administração, pois esta deve decidir até ao mês de Junho se deve ou não anular completamente o programa. Por outro lado, o aperfeiçoamento do futuro míssil intercontinental «M-X» vai ser levado a cabo, embora mais lentamente do que estava previsto sendo também limitados os fundos para os mísseis «minuteman-3». Certos observadores vêem nesta intenção um sinal de moderação dirigido à U.R.S.S.

Entretanto, a Comissão de Relações Exteriores do Senado aprovou ontem um projecto-lei que proíbe a importação de cromo rodésiano pelos E.U.A.

Por outro lado, o director do Conselho para os Assuntos Hemisféricos, Lawrence Birns, anunciou que vai pedir o corte da ajuda militar e económica a São Salvador, por causa da «caricatura de eleições livres» que foram realizadas naquele país. Recorde-se que os núme-

ros oficiais dão vantagem ao candidato governamental para a PR e que são múltiplas as provas de fraudes. Manifestantes em fúria bloquearam ontem ruas nos subúrbios de São Salvador protestando contra a fraude eleitoral.

Enquanto isto, o primeiro-ministro canadiano, Pierre Trudeau, termina hoje uma visita oficial de três dias aos E.U.A. Nas suas conversações com Carter foram abordados diversos temas desde o Quebec, Cuba até ao Médio Oriente. Segundo fontes oficiais, houve pleno acordo entre os dois dirigentes. A única divergência parece ter residido na controversta questão dos «dissidentes» de países socialistas, para a qual Trudeau propõe uma abordagem «mais calma» que a de Carter, que pretende uma tomada de posição pública.

Anuncia-se, aliás, que no princípio da semana, o presidente Carter e o seu vice-presidente receberam na Casa Branca o «dissidente» Bukovsky. Idêntica sorte não teve Andrei Amalrik em França, cujo presidente se recusou a dar-lhe audiência. Em face disso, o «dissidente» fez greve da fome em frente do Eliseu, sendo interrompido por algumas horas com uma passagem pelo comissariado da polícia mais próximo.

CLIFFORD EM CHIPRE

Depois de vários dias de conversações com dirigentes gregos e turcos, chega hoje à capital cipriota o enviado especial do presidente Carter, Clark Clifford.

O valor desta visita neste momento é contestado por cipriotas gregos, incluindo o próprio presidente Makarios, e suscita o alarme dos cipriotas turcos.

geiros (entre os quais Salgado Zenha, do P.S.) assistem ao Congresso. Nas suas intervenções, Joop den Uyl, da Holanda, o antigo chanceler da R.F.A., Willy Brandt, o ex-primeiro-ministro sueco, Olof Palme, declararam-se a favor dum identidade nacional do povo palestino. Os três referidos dirigentes e ainda o chanceler austríaco, Bruno Kreisky, estão a efectuar reuniões individuais com autoridades israelitas para discutir problemas do Médio Oriente.

Enquanto isto, em Amã, uma delegação da Organização de Libertação da Palestina (O.L.P.) prossegue hoje as primeiras conversações que tem com a Jordânia, há sete anos. Estas conversações poderão vir a ser um dos acontecimentos mais importantes da actualidade do Médio Oriente, dado que podem desbloquear completamente a convocação da Conferência de Genebra, considerada o único meio de chegar a uma solução pacífica da crise.

Por outro lado, o secretário norte-americano de Estado, Cyrus Vance, projecta regressar ao Médio Oriente em Junho próximo.

Missão cumprida na «Salyut-5»

Os cosmonautas soviéticos Viktor Gorbakto e Yuri Glazkov completaram o programa de pesquisas técnica e científica a bordo do laboratório orbital «Salyut 5» e prepararam-se para regressar à Terra — anuncia a agência Tass. Depois das experiências efectuadas ontem, a tripulação prepara a nave para

voo automático e ordena o material que será levado para a nave «Soyuz 24», que se encontra acostada ao laboratório.

Os cosmonautas encontram-se bem e os sistemas de bordo funcionam normalmente. A «Soyuz 24» partiu para o Espaço a 7 de Fevereiro.

180 mortos no carnaval «pacífico»

Entre a meia-noite de sábado e o meio dia de ontem, 180 pessoas haviam morrido e 11.578 foram hospitalizadas, nos três primeiros dias do Carnaval do Rio de Janeiro e de São Paulo. Apesar dos números, as autoridades policiais brasileiras dizem que este foi

«o Carnaval mais pacífico dos últimos anos». A maior parte dos mortos corresponde a acidentes de viação, homicídios e suicídios. Os feridos foram para os hospitais, muitos deles em estado grave, depois de acidentes, agressões e grossas bebedeiras.

C.I.A. pediu estrangeiros para vigiar norte-americanos

A Central Intelligence Agency recorreu durante os anos 60 e princípios dos 70 a ajuda de alguns serviços secretos estrangeiros «amigos» para obter informações sobre os opositores à guerra do Vietname e sobre os «radicais» americanos em viagem pelo estrangeiro, segundo ontem informou o «The New York Times». O jornal, citando vários documentos da C.I.A. indica que os nomes dos serviços, de informações estrangeiros envolvidos no caso foram apagados e substituídos pela letra «B». Esta cooperação entre a C.I.A. e os serviços secretos estrangeiros tinha o nome de operação Caos.

Nos textos agora conhecidos, a C.I.A. pede a um desses serviços, no dia 11 de Junho de 1968, para circunscrever a actividade de um grupo de suspeitos americanos no seu país. Um outro documento, de 29 de Outubro de 1969 vai mais longe, ao pedir para um serviço de informação estrangeiro infiltrar um agente seu num grupo de opositores, mesmo no interior dos Estados Unidos: «Estamos particularmente interessados em explorar a possibilidade de introduzir um agente qualificado «B» na Nova Esquerda. O agente, com um sólido conhecimento doutrinário, deverá ser capaz de se introduzir por si próprio em organizações americanas e estrangeiras, de interesse prioritário».

Entretanto, soube-se também que a C.I.A. entregou a Israel milhões de dólares para financiar projectos de «auxílio externo» em África, segundo escreveu o «Wall Street Journal». O mesmo

jornal diz que esta operação se destinou a «apoiar a posição política de Israel no continente africano». A notícia diz que Telavive começou a «auxiliar» militar e tecnicamente países africanos, incluindo o Uganda e a ex-República Centro Africana, nos anos 60. Não se sabe nada a respeito da continuação desta «assistência» nos anos 70, depois da maior parte dos «mal agradecidos» ter apoiado os árabes na sua disputa com o sionismo.

Por outro lado, Jimmy Carter fez chegar ontem à noite uma carta pessoal ao presidente da Venezuela, Carlos Andrés Pérez, com uma explicação sobre as acusações de que este teria recebido fundos secretos da C.I.A. A carta foi entregue ao presidente venezuelano pelo embaixador dos E.U.A. naquele país, Viron Vaky, que se recusou a revelar o conteúdo da mensagem. Entretanto, Vaky disse acreditar que o problema «estava resolvido» e que deixava os comentários para o governo da Venezuela. Mais tarde, o ministro dos Negócios Estrangeiros, Ramon Escovar Salom, disse que Pérez «mostrou-se satisfeito com o texto e o conteúdo da mensagem pessoal de Carter».

Por causa de acontecimentos assim, Carter decidiu ordenar uma redução drástica do número de funcionários com acesso às informações secretas. Assim, pela «incapacidade do governo em guardar segredos», serão reduzidos de 40 para 5 os funcionários com permissão para saber o que que ninguém mais pode conhecer...

Derrota do governo de Londres na Câmara dos Comuns

e ao País de Gales. O resultado da votação foi de 283 votos a favor e 312 contra.

A derrota não põe em perigo o futuro do Governo, mas lança sérias dúvidas sobre a lei de autonomia. Os resultados da votação devem-se à deserção de 35 parlamentares da ala esquerda do partido, o que levou os nacionalistas galeses e escoceses a pedir a demissão do Governo, considerado incapaz de cumprir os seus compromissos, «uma vez que é traído pelos seus próprios deputados».

O Governo tem, entretanto, uma notícia animadora: o desemprego diminuiu ligeiramente durante o mês passado, havendo agora menos 25 mil desempregados e cifrando-se a taxa de desemprego em 5,9 por cento da força de trabalho. Em contrapartida, a criminalidade aumentou em Londres 25 por cento no ano passado — segundo indica o relatório anual da Scotland Yard.

Enquanto isto, o Governo nomeou David Owen como substituto do falecido M. N. E., Anthony Crossland.

David Owen, apenas com 38 anos, é o mais jovem chefe da diplomacia britânica depois de Anthony Eden e já desempenhava as funções de secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, tendo nessa quali-

dade, e na ausência de Crossland, acompanhado Callaghan nas recentes conversações em Londres com o primeiro-ministro português Mário Soares.

Doutor em Medicina e autor de uma obra sobre a doença de Parkinson, Owen tinha sido, anteriormente, ministro adjunto da Saúde e da Segurança Social, posto para o qual fora nomeado em Julho de 1974. No Governo de Wilson, tinha sido, entre 1968 e 1970, subsecretário de Estado para a Defesa, encarregado da Marinha.

Por outro lado, Callaghan designou Judith Hart, membro destacado da ala esquerda do Partido Trabalhista, para o cargo de ministro do Desenvolvimento Ultramarino, funções que já desempenhara durante o Governo de Harold Wilson, mas do qual havia sido afastado pelo próprio Callaghan, quando este sucedeu a aquele.

Judith Hart substituiu Frank Judd, que foi designado secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros em substituição de David Owen.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Press, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina e Reuter

Idi Amin acusado de massacres tribais

O presidente do Uganda, Idi Amin, admitiu que tropas rebeldes participaram numa tentativa para destituir o seu Governo, mas ainda são conhecidos poucos detalhes acerca da extensão das lutas. A existência da revolta, segundo a Reuter, foi revelada pela Rádio Uganda, ontem à noite, oportunidade em que Amin enviou condólicas às famílias dos soldados leais que haviam morrido.

Entretanto, as agências norte-americanas Associated Press e United Press International, transmitidas pela ANOP, dizem que «se desenvolve no

Uganda um massacre, à escala nacional, de membros de duas tribos», citando como fonte 22 refugiados chegados a Tanzânia. Estes afirmam que Idi Amin deu ordem para «liquidar» todos os membros das Tribos Langi e Acholi que servem no Exército, na Força Aérea e na Polícia, porque pensa que essas duas etnias querem derubar-lo do Poder. Os tais refugiados vão mais longe, dizendo que Amin «não quer ucranianos no Exército» e que pretende recrutar elementos para as suas Forças Armadas, no sul do Sudão.

A tática indicada para lidar com os dois «inimigos» consistia em alargar as contradições existentes entre eles.

Os dois relatórios circulam actualmente em Hong-Kong, e terão sido obtidos pelos serviços secretos de Taipé, que os conseguiu por intermédio de correspondentes que vivem na China Popular.

Relatórios secretos atribuídos a Chu En-Lai

«Os E. U. A. e a U. R. S. S. são os dois inimigos mais importantes da China», mas os soviéticos são «o inimigo mais próximo, mais real e mais perigoso», eis, em síntese, a «filosofia diplomática» que se contém em dois relatórios secretos atribuídos ao falecido primeiro-ministro de Pequim, Chu En-lai.

A tática indicada para lidar com os dois «inimigos» consistia em alargar as contradições existentes entre eles.

Televisão

Canal da Crítica

CINZA À TERÇA

Informa-se o povo, por intermédio do **Telejornal**, que o dr. Barreto garante a continuação das desocupações na área da Reforma Agrária.

Aqui está como a ameaça da Quarta-feira de Cinzas se adianta e se instala em pleno reino da Terça-feira Gorda. Aqui está como, na refrega da luta de classes, as máscaras caem totalmente enquanto o Rei Momo ainda respira...

AVISO

Babacar Ba, representante do Senegal, aparece-nos no grande banquete ao lado do dr. Barreto.

O Babacar Ba, o santinho, vê lá onde te metes!

RÁDIO COM TODOS

A Rádio, diz a TV mansamente, com bons modos quer estar, pois já se vê, ao serviço mas de todos. Já ferve o grande cortiço. Temo o enguiço, também. Quem nos diz, no seu derricho, estar de todos ao serviço está ao serviço de alguém...

Ó Rádio, não escondas isso: estás ao serviço de quem?

NA TV O ENTRUDO CONTINUA

Do Porto, ao fim da noite. Notícias do Norte. Blanco, ner-

vosíssimo, fala-nos do Carnaval. Por exemplo do Carnaval em Canas de Senhorim.

O qual, segundo Blanco, possui «tradições e grande riqueza de conteúdo».

Pois é. Acabou-se o Durão mais as suas reportagens da C. E. E. Mas o Entrudo da linguagem continua.

TELEJORNAL: VAI ABRIR A BOLSA

O capital vê o furo. Recupera. Reembolsa. Será a bem do futuro que se abrem cordões à Bolsa!

INTERCÂMBIO

Vocês viram aquela paródia carnavalesca que ontem nos chegou do Brasil. Viram aquele vômito de alienação no coração apunhalado do Brasil. Pois bem. Fiquem sabendo que aquilo é ao abrigo de um acordo de intercâmbio entre a RTP e o Rádio Globo.

Por MARIO CASTRIM

Hoje



Peter Finch um dos intérpretes do filme Regresso à Malásia

PROGRAMA

- 18.30 Abertura e Jardim Secreto 4.º episódio «Eu sou Collin».
- 19.00 Abre-te Sésamo.
- 19.30 Ligeiríssimo: Fado a João Branco Nuncio, Gemini e Discos de Carnaval
- 19.50 Vamos jogar no Totobola.
- 20.00 Novos rumos para a pesca. Último programa.
- 20.30 Telejornal 1.ª Edição.
- 21.00 Música e silêncio. Um program de António Vitorino de Almeida.
- 21.30 Regresso à Malásia. Filme realizado por Jack Lee com interpretações de Virginia McKenna, Peter Finch, Takagi, Maursen Swanson e Renes Houston.
- 23.45 Telejornal 2.ª Edição.
- 00.05 Fecho.

II PROGRAMA

- 20.30 Telejornal.
- 21.00 Casamentos nos confins do Mundo 3.º episódio.
- 21.30 Um homem e a sua música: Rameau.
- 22.30 Fecho



DESTAQUES

I PROGRAMA
Regresso à Malásia

II PROGRAMA
Casamento nos confins do Mundo (21.00)

Philips - faz parte da sua vida

Amanhã

1.º PROGRAMA

- 1.º Período: 13.30: Ciclo Pre-aratório TV; 18.05 Fecho.
- 2.º Período: 18.30: Abertura e Bonecos; 19.00: Faz de conta; 19.30: As viagens de Gulliver 4.º episódio «Os Pequenos Vikings»; 20.00: A ideia e a imagem; 20.30 Telejornal 1.ª Edição; 21.00: Ellery Queen policial; 21.30: episódio; 22.00: Programa da Direcção de Informação; 23.15: Telejornal 2.ª Edição; 23.32: Fecho.

2.º PROGRAMA

- 20.30: Telejornal; 21.00: Belarmino. Filmes português realizado por Fernando Lopes; 22.30: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO

COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA

DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRATIS — SERVIÇO PERMANENTE

Telefs. 722786-834271

Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

UM HOMEM ENTRE O AMOR E A LUTA PELA LIBERDADE

vento de inverno
sirocco d'hiver

um filme de **MIKLOS JANCOS** com
MARINA VLADY - JACQUES CHARRIER

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 16 ANOS
COLOR SCOPE DOPPERFILME

estudio ESTREIA AMANHÃ

COMUNA
TEATRO DE PESQUISA

Diariamente, às 21.30 h.

«O MURO»

Inspirado nas «AVENTURAS DE JOÃO SEM MEDO» de José Gomes Ferreira

— 3.º MÊS —
Só até DOMINGO

Domingo só «matinée» às 18 h.

4.ª FEIRA: DESCANSO

PRAÇA DE ESPANHA
METRO: PALHAVA
Telef. 762624

Continua na pág. 15

A VELHA SENHORA
5.ª SEMANA INDIGNA

la vieille damme indigne

um filme de **RENE ALLIO**
baseado na novela de **BERTOLT BRECHT**
com música de **JEAN FERRAT**
interpretado por **SYLVIE**

QUANDO A LIBERDADE SE CONQUISTA AOS 60 ANOS

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS

Apos 2001 e LARANJA MECÂNICA vem a obra máxima de STANLEY KUBRICK

“Uma maravilha, o apogeu de um género, um acto de beleza... uma obra-prima!”
L'EXPRESS

“O mais belo filme do mundo”
L'AURÖRE

4 OSCARS
BARRY LYNDON
Escrito e Realizado por STANLEY KUBRICK

Com **RYAN O'NEAL** e **MARISA BERENSON**

Não Aconselhável a Menores de 13 Anos

6.ª FEIRA, na **estúdio Apolo 70**

A MONDA DESTE FILME ESTÁ GRAVADA EM DISCOS
WARNER BROS. DISTRIBUÍDO POR RADIO TRIUNFO

Dias, 23, 24 e 25

CASINO ESTORIL

SLOT MACHINES, M/21 • SALA DE JOGOS DAS 15 AS 3 H.

NO SALÃO RESTAURANTE DAS 22.30 (não acorre n. 12)



THE FANTASTICS

FAMOSO CONJUNTO VOCAL NORTE AMERICANO

VEJETAS DO "HIT PARADE"

ZOUKY GALI GALI ★ ROSMANINHO ANA

HIGH SOCIETY BALLET

STRAUSS WUNDER DANCE (Interp. n. 10)

WHITE HEAT "STRIP-SHOW"

CONSUMO MÍNIMO: SEXTAS, SÁBADOS E VESPERAS DE FERIADOS, 180\$00 - OUTROS DIAS, 160\$00

CONTEÚTO REGIONAL DO CIRCUITO DE CINEMA SEMANAL • JANTAR, 180\$00 • L.L.

Espectáculos

Crítica
de
Cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

FICHA:

Título original: Novecento
Realização: Bernardo Bertolucci (Itália - 1976)
Argumento: Bernardo Bertolucci, Franco Arcalli e Giuseppe Bertolucci
Fotografia (technicolor): Vittorio Storaro
Música: Ennio Morricone
Montagem: Franco Arcalli
Interpretação: Burt Lancaster (Alfredo Berlinghieri), Sterling Hayden (Leo Dalco), Robert de Niro (Alfredo), Dominique Sanda (Ada), Gérard Depardieu (Olmo Dalco), Donald Sutherland (Attila), Stefania Sandrelli (Anita), Laura Betti (Regina), etc.
Distribuição em Portugal: Rank Cinemas: S. Jorge (1.ª parte) e Mundial (2.ª parte)
Classificação: Não aconselhável a menores de 18 anos
Duração: 305 minutos.

Como é? Juntarmos-nos ao coro laudatório em honra deste filme ou fazer a *fine bouche* via *Chaiers* e falar vagamente um esperanto de grupo? Ou seja, mais terra a terra, como reagir perante um tão evidente monumento cinematográfico?

Questão que é afinal fulcral. Para o grande público o monumento é local de peregrinação veneranda; para muitos de nós que nos ocupamos em reflectir sobre cinema é lugar de cautelosa aproximação. E porque?

Uma superprodução como 1900, com uma gama de actores como a que nele, magistral mas desigualmente, desempenham, um orçamento cheio de zeros e só possível graças à intervenção dos produtores americanos, destinado à nascente ao êxito e à glória, um filme, enfim, vindo em directo pelos canais dos monopólios mais monopólios que o cinema sustenta, é lugar de contraditórios reacções. Como é? Os americanos patrocinando uma obra que se autodefine como uma saga à longa marcha do povo italiano para a libertação, sob a égide do Partido Comunista daquele país? Onde começa e acaba a chamada recuperação? Por onde passam questões tão fundamentais como uma estética da transpa-



Pela primeira vez a esquerda pode atingir grandes circuitos de distribuição e fazê-lo de um modo triunfal

rência ou o culto da vedeta cinematográfica?

Tudo isto surge, é claro, por uma simples razão. É que 1900 é um filme que nos empolga, nos fascina, nos arrebatava. (E esqueçamo-nos dos últimos 3 ou 4 minutos, por favor!). É uma obra onde apetece gastar a adjectivação que o dicionário possui. É assim como que uma materialização do nosso espanto e um catálogo de quase tudo o que nos faz amar o cinema. É um relatório da memória do cinema italiano (Visconti, por exemplo).

Porquê então a reserva, já que, no seio do filme, a reserva é mínima?

É assim que nos é dado ver um tipo de cinema que, entendendo a política, a História, como seu cerne, e entendendo-a numa óptica inequivocamente progressista é capaz de ser suficientemente lúcido para não falar do lugar (em vez de) do proletariado mas segundo um intelectual de formação e cultura burguesas (não é por acaso que é a cena burguesa a mais rigorosamente tratada) e, para mais, segundo uma construção que não o restringe à

marginalidade do cinema «militante» mas o projecta para milhões de espectadores. Ou seja, e pela primeira vez, a esquerda pode atingir os grandes circuitos e fazê-lo de modo triunfal. Que os americanos o paguem e promovam é secundário. Li algures que Lenine afirmou que «quando quisermos eles querãovender-nos a corda». Porque não comprá-la?

«NADA» DE CLAUDE CHABROL

FICHA:
Título original: Nada
Realização: Claude Chabrol (França-Itália-1973)
Argumento: Claude Chabrol e J.-Patrick Manchette segundo o romance de J.-P. Manchette.
Fotografia (eastmancolor): Jean Rabier.
Música: Pierre Jansen
Montagem: Jacques Gaillard.
Interpretação: Fabio Testi (Diaz), Mariangela Melato (Cash), Maurice Garrel (Eapular), Michel Duchaussoy (Treuffais), Michel Aumont (Goemond), André Falcon (o ministro), Viviane Romance

(Mma. Gabrielle), etc.
Distribuição em Portugal: Filmes Lusomundo.
Cinema: Berna.
Classificação: Não aconselhável a menores de 18 anos
Duração: 110 minutos.

Os mecanismos aleatórios da distribuição fazem com que Nada nos chegue já depois de Uma estranha forma de amar (filme posterior do seu autor) e, portanto, num momento em que é já visível (mau grado Os inocentes de mãos sujas) uma hipótese de renovação na carreira de Chabrol. Renovação que Nada vem provar ser cada vez mais urgente.

Chabrol, já se sabe, é um realizador de sólido *métier*. Mas onde a força, o vigor, o élan interior, a garra, que sei eu? Onde a inteireza destes personagens que podiam vir de Godard, de Molinero, de Bogart, ou seja, de locais contraditórios?

Falando mesmo «Chabrolia-namente» para onde foi esse sóbrio humor negro (herdado (?) de Hitchcock) que costuma pontear nos seus filmes e que aqui é esparsa, episódica e que surge mais como «marca na orelha» que como parte integrante da película?

Perguntas pertinentes face a um autor que parece ancorado num profissionalismo bloqueado, coerente mas improdutivo. Perguntas a que talvez o futuro responda, que este filme, bem encenado e falhado, não atina com a questão. É que se trata *tout court* de saber se Chabrol é um valor consumível ou um autor. Ou o caso mais exemplar do fim da *Nouvelle Vague*.

Questão de que Chabrol parece conhecer os contornos. É um dos seus personagens que diz (cito de memória) «os desesperados têm hoje um estatuto que os torna consumíveis». Se este filme tem, sobre si, uma tal opinião, perguntar-se-á (ainda) qual a situação de Chabrol no cinema de hoje? Dever-se-á guardá-lo como relíquia de uma cinefilia caduca, ou apenas denunciar o conformismo e a superficialidade em que navega?

(E, por favor, não me falem da política, de esquerdistas, dos polícias neofascistas, dos ministros hipócritas e não sei quê que mais. Trata-se de cinema, antes de tudo; o resto é acréscimo que só existe se o cinema (se este filme) existir. E existe pouco).

Temas de televisão e pugilismo candidatos ao Óscar

«Network», uma visão satírica da indústria televisiva, e «Rocky», a história de um pugilista, foram escolhidos, com 10 designações cada, como candidatos ao prémio de Melhor Fil-

me do Ano da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood.

Os outros filmes escolhidos também como candidatos ao

mesmo prémio são «All the President's Men» («Os Homens do Presidente»), com oito designações, «Bound for Glory», com seis e «Taxi Driver».

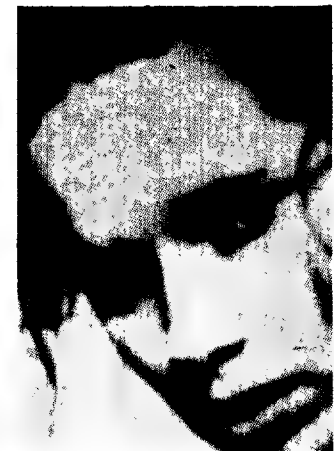
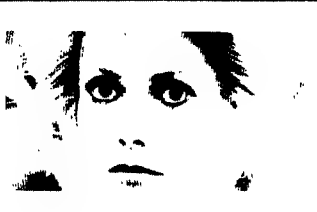
Como candidatos ao prémio de melhor actor principal foram escolhidos Peter Finch (a título póstumo pelo seu trabalho em «Network»), Robert de Niro («Taxi Driver»), Giancarlo Giannini («Seven Beauties»), Silverster Stallone («Rocky») e William Holden («Network»).

O prémio de melhor actriz será atribuída a uma das seguintes candidatas: Faye Dunaway («Network»), Talia Shire («Rocky»), Marie-Christine Barrault («Cousin, cousine»), Liv Ullmann («Face to face») e Sissy Spacek («Carrie»).

Os candiados designados para o Óscar para o melhor realizador são Alan Pakula (All the President's men), Ingmar Bergman («Face to Face»), Sidney Lumet («Network»), John Avildsen («Rocky») e Lina Wertmüller («Seven Beauties»).



Peter Finch (a título póstumo pela sua actuação em «Network») e Liv Ullmann (pela participação em «Face to Face») são dois dos candidatos aos Óscares de Hollywood

um homem
uma mulher
a justiça
o amor

A AGRESSÃO

l'agression

CATHERINE DENEUVE
JEAN-LOUIS TRINTIGNANT

um filme de GÉRARD PIRES



participação dos CAMPEÕES DE FRANÇA EM MOTO



EASTMANCOLOR
ITALIA FILMES

IMPERIO

3.ª SEMANA!

INTERDITO A MENORES DE 18 ANOS

MARÇO, 13: AZAR PARA UM MAIORAL

Sporting-Benfica: a "Taça" ferve

O dia 13 de Março será de azar para um dos maiorais do futebol nacional. O sorteio para os oitavos de final da «Taça de Portugal» foi drástico para os comandantes do campeonato: Sporting e Benfica (numa final talvez antecipada...) terão de confrontar-se em Alvalade, num jogo em «mão» única. Foi um facto inédito na prova e, depois da queda do último triunfante na competição (o Boavista, eliminado em Guimarães, no último domingo) ficam abertas mais risonhas perspectivas de visão europeia para outras colectividades ainda envolvidas na corrida.

Mais encontros que o sorteio estabeleceu: Cuf-Guimarães; Famalicão-Setúbal (ou Arrifanense); Porto-Lordelo; Almada (ou C. D. Nacional)-Braga; Paços de Ferreira-Feirense; Bragança-Gil Vicente e Limianos-Fafe. Por seu turno o encontro Vitória de Setúbal-Arrifanense foi aprazado para 2 de Março, (21 e 30) e o Almada-Nacional, para o dia 3 (21h).

ALTERAÇÕES

Mais mudanças ao calendário dos jogos oficiais foram autorizadas pela Federação Nacional da I Divisão: sábado às 15 horas, Sporting-Leixões. Nacional da II Divisão: sábado às 15 horas, Académico de Viseu-Sanjoanense; Feirense-União de Tomar; Estrela de Portalegre-União de Santarém e Cuf-Marítimo; sábado às 16 horas, Riopelle-Régua. Nacional da III Divisão: sábado às 15 horas, Vianense-Tadim e Ançã-Naval 1.º de Maio.

Foram também mudados os locais dos seguintes jogos a disputar no próximo domingo: Nacional da II Divisão: União de Leiria-Peniche no campo de treinos do Estádio Municipal de Leiria. Nacional da III Divisão: Nisa e Benfica-Vieirense em Vieira de Leiria, Alhandra-Benavente no campo, eng. Tavares de Almeida em Marinhais e Casa Pia-Sacavenense no campo de treinos do Estádio Pina Manique. Nacional de Juniores: Mirandela-Vitória de Guimarães em Macedo de Cavaleiros.

ÁRBITROS

Na Comissão Regional de Árbitros de Lisboa, plenário de juizes, pelas 21 horas da próxima sexta-feira. Na agenda, assuntos de interesse: a indisciplina nos campos e a tabela de prémios (subvenções e transportes).

DESENVOLVIMENTO

Na D. G. D., processa-se esta tarde (18 horas) uma reunião

com a Imprensa, para apresentação de um «plano de desenvolvimento do futebol». Estarão presentes alguns dos elementos contratados para o sector dirigido por Rodolfo Begonha.

DESGRAÇAS

Depois dos incidentes registados em Marvila (novamente problemas com árbitros, desta feita agressão ao setubalense Inácio de Almeida) nova má hora bate à porta do Oriental: ontem, em Paços de Ferreira, em jogo que desempatava para a «Taça de Portugal», os lisboetas foram inofensivamente batidos, por 0-4. Ao intervalo havia igualdade nula: depois, falou a melhor preparação física dos nortenhos.

As equipas que se defrontaram em Paços de Ferreira:

P. Ferreira: Luz; José Manuel, Valdemar, Brito e Carlos Alves; Helder Ernesto (Pimenta), José João e Ricardo; Malheiro, Capitão-Mor e Canavaro.

Oriental: Rui Pinheiro; Mafra, Tozé, Vicente e Almeida; Semedo, Dinis e Jorge; José João, Carrapito e Henrique.

Todos os golos foram obtidos por Capitão-Mor, em golpes de cabeça. O mesmo jogador viu ainda ser-lhe anulado um quinto tento, igualmente conseguido na concretização de um remate de cabeça...

Arbitrou o bracarense José Lourenço.

DÓLARES

João Carlos e Móia (actualmente ao serviço do Estoril

Praia) vão novamente actuar em campeonatos norte-americanos, para o que já pediram autorização para concluírem os contratos com os estorilenses no final do mês de Março.

ESPECTÁCULO

Os jogos Bayern-Dinamo de Kiev (com arbitragem de António Garrido), que se disputa a 2 de Março, e o encontro Liverpool-Saint Etienne (a 16 de Março), serão transmitidos pela RTP. Espera-se que o organismo estatal do Lumiar coloque aos micros, como comentadores, elementos abalizados: se possível, abstraindo habituais palradores do seu «departamento desportivo». Um pergunta: Alves dos Santos está votado ao ostracismo?

LAVRADIO

O jogo Cuf-Marítimo (a contar para o nacional da 2.ª divisão) foi incluído pelos fabris no genérico «Dia do Clube», pelo que os seus associados que desejem ver o espectáculo terão de munir-se do indispensável bilhete especial.

MEIRIM

Joaquim Meirim é definitivo: com a razão pelo seu lado, apenas esperará até ao fim da tarde de hoje pela competente indemnização, a receber do Leixões. Em equação: 500 contos, documento comprovativo do pagamento dos impostos (em relação aos descontos processados pelo clube de Matosinhos, nos meses de Agosto e Dezembro, mais no subsídio de Natal) e um exemplar-cópia do inquérito a que foi submetido, depois da agressão sofrida por um dirigente do clube nortenho. Os leixõesenses contra-põem: 550 contos (cheque de 50 contos a pronto pagamento; outros dois cheques no valor de 300 contos, a liquidar em dias diferentes deste mês; ainda outros dois cheques, com datas de 1 e 15 de Abril). Porém, o treinador é categorico: tudo de uma vez, os documentinhos pedidos também na mão e não se fala mais nisso.

SACAVÉM

O Sport Grupo Sacavenense vai organizar, em meados do próximo mês de Março, um torneio de mini-futebol, destinado a rapazes dos 10 aos 13 anos de idade. As inscrições das equipas que desejarem concorrer ao referido torneio podem ser feitas, todos os dias, das 21 às 24 horas, na sede deste clube.

SPORTING

Keita e Manuel Fernandes recuperaram: o departamento médico de Alvalade (dr. Branco do Amaral e Manuel Marques) já os deram como totalmente aptos para os trabalhos verde-brancos.

TREINADORES

Elementos directivos do Sindicato dos Treinadores (Carlos Silva, Peres Bandeira e Mário Morais) estiveram no Ministério do Trabalho, onde foram recebidos pelo dr. João Durão (da Secretaria de Estado) e Rocha Pinto (da secção dos Cartões Profissionais). O encontro foi demorado e, entre outros assuntos, falou-se do número de desempregados no sector dos técnicos futebolísticos, da reestruturação do funcionamento de cursos para treinadores, da passagem do respectivo cartão profissional, da anacronia e obsoleta justiça federativa (que se permita multar em verbas pecuniárias os que nem sequer são seus empregados) e, também, o caso da constante vinda de estrangeiros que desembarcam em clubes portugueses para caçar as divisas que (diz-se...) fazem muita falta ao País. Em período de austeridade, o contrasenso é manifesto e gritante, apenas espantando (ao mortal comum) a apatia, a inércia, a complacência com que as entidades directamente ligadas ao problema assistem a essa intromissão, desde o Ministério do Trabalho à Secretaria de Estado dos Desportos, passando pela Federação e pela D. G. D. Só «planos» é que aparecem...



Sorteio de futebol, para a «Taça»: entre Manuel Barbosa e Fausto Pires, o delegado bracarense tira a bola que indica Almada (ou Nacional, da Madeira) como opositor ao «team» de Mário Lino. Em baixo, Ilídio Fulgêncio (Benfica) e João Araújo (Sporting) antecipam o duelo de 13 de Março

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DOS TÊXTEIS, LANIFICIOS E VESTUÁRIO DO SUL

COMUNICADO N.º 137

ÚLTIMA HORA

CAMARADA TRABALHADOR TÊXTIL A LUTA CONTINUA!

CAMARADAS: Continuam os entraves às negociações do nosso CCTUV/TÊXTIL, em que estamos empenhados e, pelo qual temos lutado valentemente, nas fábricas e oficinas, com a finalidade ÚNICA de conseguirmos um CCTUV/TÊXTIL que nos garanta uma vida digna e melhoria de condições de trabalho.

CAMARADAS: Em virtude do BOICOTE FEITO PELO PATRONATO REACCIONÁRIO ÀS NEGOCIAÇÕES DO NOSSO CCTUV/TÊXTIL, e ainda devido aos casos de terrorismo e agressões por EIE praticados, os trabalhadores têxteis reuniram-se em todo o país, tendo os TRABALHADORES DOS TÊXTEIS, LANIFICIOS E VESTUÁRIO DO SUL, REUNIDO NO PASSADO DIA 20 DE FEVEREIRO NO INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO E, FEITO O PONTO DA SITUAÇÃO, APROVARAM A SEGUINTE FORMA DE LUTA A LEVAR À PRÁTICA A PARTIR DE HOJE DIA 21/2/77:

FORMA DE LUTA A DESENVOLVER

1. — 2.ª FEIRA DIA 21/2/77 — PARALISAÇÃO DE UMA HORA EM CADA TURNO E 15 MINUTOS DE DUAS EM DUAS HORAS.
2. — 4.ª FEIRA DIA 23/2/77 — PARALISAÇÃO DE UMA HORA EM CADA TURNO E 15 MINUTOS DE DUAS EM DUAS HORAS, (dia em que recomeçam as negociações).
3. — 5.ª FEIRA DIA 24/2/77 — PARALISAÇÃO TOTAL. CASO O PATRONATO MA TENHA A SUA POSIÇÃO RADICAL.

CAMARADAS: Mantenham-se sempre em contacto com o V/Sindicato (sede ou delegações), para estarem sempre em cima dos acontecimentos.

A DIRECÇÃO CONVOCA TODOS OS DELEGADOS SINDICAIS PARA UMA REUNIÃO GERAL A REALIZAR NO PRÓXIMO DIA 28/2/77 — 2.ª FEIRA, ÀS 14 H 30 M, NA SEDE DO SINDICATO PARA SE FAZER O BALANÇO DA SEMANA QUE PASSOU, NO QUE DIZ RESPEITO AO ANDAMENTO DO CCTUV.

5.ª FEIRA — dia 24/2/77: PARALISAÇÃO

TRABALHAMOS!!! QUEREMOS VIVER!!! NÃO ESTAMOS DISPOSTOS A ABDICAR DE DIREITOS E REGALIAS QUE HÁ MUITO CONQUISTAMOS! EM FRENTE COM O NOSSO CCTUV/TÊXTIL! ÀS ATITUDES REACCIONARIAS DOS PATRÕES, RESPONDEREMOS COM A NOSSA FORÇA E UNIDADE!

Lisboa, 21 de Fevereiro 1977

PEL' A DIRECÇÃO

UNIDOS E ORGANIZADOS, VENCEREMOS!

Andebol em hora de eleições

Enquanto a selecção nacional permanece na Suíça, em estágio para os jogos do «mundial» (na Áustria) o andebol movimentou-se: congresso pelas 10 horas do próximo sábado (na sede federativa) com duas listas à compita.

A ideia e o consenso, apurados numa reunião prévia da lista B, pode notar-se num documento agora divulgado, com rubrica de Francisco Manuel Campas. Eis o seu teor:

«Total entendimento nos diversos órgãos directivos do andebol português, desde a Direcção-Geral dos Desportos, a todas as Associações e Clubes, independentemente da Divisão ou Escalão etário ocupado. Entendimento esse, que se quer forte na compreensão e trabalho para que a modalidade continue a florescer no nosso país, e bem assim, alcance no mais curto espaço de tempo a valorização generalizada, quer nacional quer internacionalmente.

Porque, esse, estamos convencidos, é o objectivo primeiro de todos os amantes do andebol português.

«Em sequência da ideia anterior, pensamos que o melhor caminho para alcançar tal posição é expandir a modalidade em regiões até agora menos protegidas. Na verdade, tem-se

assistido a uma centralização de potenciais nos grandes centros urbanos em desfavor de todos os demais. Preconiza-se assim o nivelamento do andebol nacional, e a captação de mais praticantes.

Por consequência, tudo faremos para apetrechar material e humanamente as Associações que se enquadram neste conceito.

«Apoiar com toda a firmeza os Clubes que fomentam a modalidade. Entendemos que são eles os grandes responsáveis por tudo o que se tem feito no Andebol e parece-nos de elementar justiça não só continuar mas também ajudá-los na tentativa da conquista de caminhos mais ambiciosos.

«A Federação Portuguesa de Andebol trata essencialmente de Andebol competição. Considerando esta tese, pensamos que a movimentação das equipas de Iniciados, Juvenis e Juniores em forma de competição — campeonato — deve ser, não só incrementada como totalmente apoiada. Tornando-se o problema desta maneira alvo das nossas melhores atenções. As valorizações técnicas adquiridas serão valores inestimáveis num futuro, e é dele que indubitavelmente iremos viver.

«No âmbito de Selecções

Nacionais, pensamos ser fundamental o contacto internacional, pelo que todos os esforços serão feitos para que tal seja uma realidade. E o contacto com outras Selecções (de uma maneira geral mais evoluídas) que traz a maturidade e o aperfeiçoamento técnico.

Além do anterior conceito, não podemos ignorar o estímulo que para o atleta representa a Selecção Nacional, porque ele é a peça fundamental no «xadrez».

«Procuraremos dinamizar e apoiar o andebol feminino de forma a que se consiga uma maior adesão a nível nacional, para o que procurar-se-á esclarecer e incentivar com especial incidência no campo regional.

«No campo técnico consideramos de primordial importância a criação de cursos. Convidar técnicos estrangeiros de reconhecida capacidade para dirigirem cursos no nosso país ou ainda fazer deslocar os nossos técnicos a países estrangeiros para aperfeiçoamento.

«Arbitragem, entendemos que devem existir relações muito estreitas e em total compreensão, porque os dois sectores embora totalmente separados fazem parte de um todo.»



Uma dedicação ao pugilismo

Francisco Brito: bons serviços

Foi assinada pelo ministro da Educação e Investigação Científica a portaria que atribui a Medalha de Bons Serviços Desportivos a Francisco da Costa Brito, pelos serviços prestados ao boxe como praticante e treinador.

Esta concessão foi feita sob proposta da Federação Portuguesa de Boxe e teve o parecer favorável da Direcção-Geral dos Desportos e a concordância do secretário de Estado da Juventude e Desportos.

LISBOA

LISBOA

TUNO 29
Até às 22 horas

ALVALADE, Av. Igreja, 18-A (Tel. 892070)

ALVES DE CARVALHO, Rua Vale de Santo António, 7-9 (Tel. 840125)

AMOREIRAS (das), P.º Aguias Livres, 8-D (Tel. 681515)

BARROS GOUVEIA, Rua Vale Formoso de Cima, 79-B (Tel. 382101)

BIOTIFAR, Rua D. João de Castro, 27-B (Tel. 638824)

BOM SUCESSO, Rua Bartolomeu Dias, 83-A (Tel. 611454)

CAPUCHOS (dos), Rua Luciano Cordeiro, 2-A (Tel. 572076)

CENTRAL DOS OLIVEIS, Rua Alfereis Barrilero Ruas, 7-C (Tel. 315539)

COSTA, Rua Lusitadas, 30 (Tel. 636704)

DALVA, Av. Duque de Ávila, 125 (Tel. 45225)

GASPARINHO, Rua Dr. Gama Barros, 54-A (Tel. 890465)

MARLUZ, C.º da Picheleira, 140-B-C (Tel. 720703-728395)

ONILDA, Av. João XXI, 13-A (Tel. 726848)

OURIQUE, Rua Freitas Gazul, 32-B (Tel. 671667)

PRATES E MOTA, Rua da Beneficência, 91 (Tel. 773728)

PROGRESSO, Estr. A-da-Maria, 64-C (Tel. 702226)

SANTAS, P.º Luis de Camões, 24 (Tel. 322798)

REIS GARRIDO, Rua Janelas Verdes, 90 (Tel. 662327)

S. JOSÉ, Rua dos Anjos, 41-A (Tel. 570730)

S. MARÇAL, Rua de S. Marçal, 100 (Tel. 375318)

S. TOMÉ, Estrada do Desvio, lote 12-C (Tel. 790704)

SIMÕES, Calçada do Tojal, 102-A

SOUSA, Estrada de Benfica, 429-431 (Tel. 789985)

TAVARES, Rua da Palma, 194, (Tel. 863350)

VERAL, Rua Morais Soares, 109-111 (Tel. 821732)

Permanente

ALVALADE, Av. da Igreja, 18-A (Tel. 892070)

AMOREIRAS (das), Praça das Águas Livres, 8-D (Tel. 681515)

BOM SUCESSO, R. Bartolomeu Dias, 83-A (Tel. 611454)

REIS GARRIDO, Rua das Janelas Verdes, 90 (Tel. 662327)

DALVA, Av. Duque de Ávila, 125 (Tel. 45225)

BIOFAR, Av. Duque de Ávila, 125 (Tel. 45225)

BIOFAR, Rua D. João de Castro, 27-B (Tel. 638824)

SIMÕES, Calçada do Tojal, 102-A

TAVARES, Rua da Palma, 194, (Tel. 863350)

VERAL, Rua Morais Soares, 109-111 (Tel. 821732)

PRATES E MOTA, Rua da Beneficência, 109 (Tel. 773728)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Combatalentes, Av. Comb. G. Guerra, 166 (Tel. 2113953)

ALCABIDECHÉ
Carvalho, Alé às 21 horas

PORTO SALVO
Ferreira-Bastos, Alé às 21 horas

CARCAVELOS
Central Alé às 24 e das 0 às 9 horas

S. DOMINGOS DE RANA
Godinho da Silveira, Av. Saboia, 29-B (Tel. 260085) até às 21 horas

PAÇO DE ARCOS
Pargana, Av. eng. Bonnevillle Franco (Tel. 2435147) até às 24 e das 0 às 9 horas

OEIRAS
Oeiras, L. Henrique Paiva Couceiro (Tel. 2430485) até às 22 horas

NOVA OEIRAS
Leal, Alé às 21 horas

PAREDE
Grincho, Av. da República 87 (Tel. 2471204) até às 24 e das 0 às 9 horas

PAREDE
Junqueiro Mendes, Alé às 21 horas

AMOREIRA
Amoreira, (Tel. 262313/267314) até às 22 horas

MONTE ESTORIL
Lopes, R. Hangar, 3 (Tel. 260008) até às 24 e das 0 às 9 horas

CASCAIS
Cordeiro, Av. Comb. G. Guerra, 40 (Tel. 280170/281419) até às 21 horas; A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C (Tel. 280214) até às 24 e das 0 às 9 horas.

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Helénica, R. Elias Garcia, 2 (Tel. 933613). Serviço permanente; S. Jorge, R. Pedro dele Negro, 5 - Reboloira (Tel. 938704) até às 22 horas; Carmelo, R. Elias Garcia, Lote 28 (Tel. 933303) até às 22 horas.

DAMAIA
Confiança, Est. Militar Lote O (Tel. 9710231)

MERCES
Claro Russo

QUELUZ
Correia, L. do Mercado, 3 (Tel. 950906)

CACÉM
Araújo e Sá, Est. de Paço de Arcos, Lote 1-B (Tel. 2940781)

SINTRA
Marrazes, V. la (Tel. 2930155)

COLARES
Abreja, (Tel. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. Antonio dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100)

ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 204020)

ALMADA
Castro Rodrigues, R. Capitão Leão, 21-A (Tel. 2750076)

BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, Est. Nacional, 178-B (Tel. 2040302)

BARREIRO
Normal, Av. Alfredo da Silva, 116 (Tel. 2073035)

COVA DA PIEDADE
Morgado, R. Cabo da Boa Esperança, 25-A (Tel. 2767356)

MOITA
União Moitense, Av. dr Teófilo Braga (Tel. 239025)

MONTIJO
Montepio, R. Almirante Reis 93 (Tel. 2310035)

SESIMBRA
Leão, Av. da Liberdade, 13 (Tel. 2250111)

SETÚBAL
Marques, Arronches Junqueiro (Tel. 227831); Bonfim, Av. Rodrigues Manito, 12 (Tel. 245558)

SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Couceiro, 38 (Tel. 2218560)

PORTO

ALVES DA SILVA, Av. da Boavista, 1016 (Tel. 60342)

AZEVEDOS, Rua de Azevedo, 136 (Tel. 52344)

GOMES FERREIRA, Rua Faria Guimarães, 449 (Tel. 481907)

NAU VITÓRIA, Rua Nau Vitória, 723 (Tel. 490427)

ORDEM DA TRINDADE, Rua Heróis e Mártires de Angola (Tel. 27420)

CONFIANÇA, R. de Santa Catarina, 90 (Tel. 22884)

FALCÃO, Rua de Santp Ildelfonso, 61 (Tel. 21566)

FERREIRA, Pr. D. Afonso V. 55 (Tel. 681975)

(De dia e toda a noite)

ANTAS, Av. Fernão de Magalhães, 1076 (Tel. 481158)

ANTIGA PORTA DO OLIVAL, Campo Mártires da Pátria, 122 (Tel. 24262)

LOUSADA, Largo do Campo Lindo, 82 (Tel. 480353)

COIMBRA

BAPTISTA, Praça da República, 9 (Tel. 23747)

RAINHA SANTA, Rua da Figueira da Foz, 11 (Tel. 24737)

cinemas

ALVALADE

Tel. 897 48014 15, 16.30, 18.45 e 21.15

Primitivo Poderoso Selvagem!

AS MELHORES MARAVILHAS DA NATUREZA

De Walt Disney Productions

Para todos

Falado em Português

CALEIDOSCÓPIO

Tel. 795093 14, 16.30, 19, 21.15

A partir de hoje sessões:
As 14, 16.30, 19 e 21.30

Robert Redford, Dustin Hoffman em

OS HOMENS DO PRESIDENTE

Um filme de Alan J. Pakula

Não acons. a men. de 13 anos

NIMAS

14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

Não acons. a men. de 13 anos

O OUTRO

Um filme de Robert Mulligan

APOLLO 70

Tel. 763319 as 14, 16.30, 19 e 21.15

Alain Noury, Katia Moguy, Roberto Lande em

ATITUDE JUVENTUDE

Um filme de Franco Rossi

Não acons. men. de 13 anos

Hoje às 24.00 horas
Grupo D (18 anos)

ESPIÕES

CASTIL

Tel. 630194 15.00, 17.00, 19.00 e 21.15

Não acons. maiores 18 anos

Laura Antonelli e Umberto Orsini

2.ª Semana

ENCONTRO DE AMOR EM BALI

Hoje as 24 h em antestreia

TRIANULO EROTICO

ODISSEIA

Tel. 326263 15.15, 18.15 e 21.10

Int. a men. de 18 anos

ADOLESCENCIA (FIVE EIGHT)

Contem cenas de violência

PAÇO DE ARCOS

Tel. 821933 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

Não acons. maiores 18 anos

A PROFESSORA (DE GRACIAS NATURAL)

c/ Hill Casati, Michel Geronzi

CONDES

Tel. 322523 14, 16.30, 19 e 21.15

Não acons. maiores 18 anos

A missão impossível

O RAID RELÂMPAGO DOS COMANDOS

Com Charlus Bronson

AVIS

Tel. 47163 15.30, 18.30 e 21.15

Int. a men. de 18 anos

NO CALOR DE JULIA (3.ª semana)

Est. film. Contem cenas violentas e chabank

BERNA

Tel. 77605 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15

Primitivo Poderoso Selvagem!

AS MELHORES MARAVILHAS DA NATUREZA

De Walt Disney Productions

Para todos

Falado em português

CASINO ESTORIL

Tel. 264521 17 e 21.15

Int. a men. de 18 anos

JOGOS PARA CASAS INFIEIS

EDEN

Tel. 320766 14, 16.30, 19, 21.15

No mais puro estilo oriental, a magia da força e da fúria!

O DRAGÃO DE OURO

com Lo Jieh e Birt Tove

Intert. a men. de 18 anos

2.ª Semana

ESTÚDIO

Tel. 535134 15.30, 18.30 e 21.15

Não acons. menores de 13 anos

1943 **UM ENCONTRO**

2.ª Semana

c/ Anna Galinani, Eurico Maria

ESTÚDIO 44

Tel. 779036 14.30, 16.45, 19.00, 21.15

Não acons. a men. de 18 anos

CASAMENTO MODERNO

Ante estreia hoje às 21 horas

PAULO O FRIO

Não acons. men. 13 anos

IMPERIO

Tel. 551347 15.15, 18.30 e 21.15

Int. a men. de 18 anos

Catherine Deneuve e Jean-Louis Trintignant

3.ª semana

A AGRESSÃO (L'Aggression)

Régis Vautier

LONDRES

Tel. 51100 14.30, 16.30, 19 e 21.15

Não acons. maiores 13 anos

OH MEUS AMIGOS

Um filme de...

MUNDIAL

Tel. 538743 15.00, 18.15, 21.30

Não acons. men. 18 anos

A obra prima de Bernardo Bertolucci

1900 2.ª parte

STADIUM

Tel. 2112544 19 e 21.30

Não acons. a men. 18 anos

MAQUINA

De Joaquim Pedro de Andrade

S. JORGE

Tel. 554153/4 15, 18.15 e 21.30

Não acons. a men. de 18 anos

1900 1.ª PARTE

Atenção: A 2.ª parte de "1900" está em exibição no Cinema Mundial

TIPOI

Tel. 570 595 15, 18.15, 21.15

Não acons. maiores 13 anos

(Um filme de John Huston)

FORA DE EST. CAI

Cliff Robertson, Vanessa Redgrave, Susan George

UNIVERSAL

Tel. 774402 15.00, 19.00, 21.00

Não acons. a men. de 13 anos

VIVA PORTUGAL

Um filme de Carlos de Azevedo

Mário Rocha, Samuel Simões, M. Beck

As 17 e 21 h O ANO 01 em filme de Jacques Lecoq, Alain Resnais e Jean-Pierre

ESTE ESPAÇO PODE SER PARA SI! CONTATE-NOS!

DIÁRIO DE LISBOA vende-se na TABACARIA PAULA Em ARMACÃO DE PERA

LISBOA/Teatros

COLISEU
21.30 (6 anos)
1.ª Companhia Internacional de Circo 1977

CIRCO SOBRE O GELO
21.30 (6 anos)
Av. do Brasil

MONUMENTAL
21.15 (18 anos)
Uma Estranha Forma de Amar

CASA DA COMEDIE
21.45 (13 anos)
"O Eduvado"

LAURA ALVES
21.30 (18 anos)
"As Calcinhas Amarelas"

LISBOA/Cinemas

CAPITÓLIO
21.15 (18 anos)
"O último Tango em Paris"

EUROPA
21.15 (13 anos)
"Onde está o Oscar"

MONUMENTAL
21.15 (18 anos)
"Grizzly" o Monstro da Floresta

VOX
21.15 (10 anos)
"Cantinitas e Amigos"

PARIS
21.15 (13 anos)
"O Triunfo de Costa Susana"

OLIMPIA
Sessões permanentes (18 anos)
"O Maluquinho do Sexo"

PROMOTORA
21.15 (18 anos)
"O Vidarista"

CINEARTE
21.15 (18 anos)
"Super Fly"

SATELITE
21.15 (18 anos)
"Lucky Lady"

CINEBOLSO
21.30 (18 anos)
As Melhores Filmes de Ano

JARDIM
21.00 (18 anos)
Porque Morreu o nosso Amor?

PESTELO
21.15 (13 anos)
"A Vida é uma Festa"

Linha de Sintra

AMADORA
Lido
21.15 (13 anos)
"O Triunfo de Costa Susana"

AMADORA
Cineestúdio
21.30 (18 anos)
"As Aventuras de um Motorista de Táxi"

SINTRA
Carlos Manuel
21.15 (13 anos)
"Quo Vadis"

OUTRA BANDA

ALMADA
Academia
21.15 (12 anos)
Teatro "A Grande Invasão"

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.15 (13 anos)
"A Mansão do Príncipe Negro"

Linha de Cascais

PAÇO DE ARCOS
Chaplin
21.15 (18 anos)
"Os Padrinhos de Hong Kong"

ESTORIL
Palácio
21.15 (6 anos)
"Branca de Neve e os Sete Anões"

ESTORIL
Palácio
21.15 (18 anos)
"A Volta de Billy Jack"

CASCAIS
S. José
21.15 (10 anos)
"Spartacus"

PORTO/Teatros

COLISEU
21.30 (6 anos)
O Circo de Moscova

PORTO/Cinemas

JULIO DINIS
17.45 e 21.15 (18 anos)
"A Vida é uma Festa"

Linha de Sintra

AMADORA
Lido
21.15 (13 anos)
"O Triunfo de Costa Susana"

AMADORA
Cineestúdio
21.30 (18 anos)
"As Aventuras de um Motorista de Táxi"

SINTRA
Carlos Manuel
21.15 (13 anos)
"Quo Vadis"

OUTRA BANDA

ALMADA
Academia
21.15 (12 anos)
Teatro "A Grande Invasão"

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.15 (13 anos)
"A Mansão do Príncipe Negro"

Linha de Cascais

PAÇO DE ARCOS
Chaplin
21.15 (18 anos)
"Os Padrinhos de Hong Kong"

ESTORIL
Palácio
21.15 (6 anos)
"Branca de Neve e os Sete Anões"

ESTORIL
Palácio
21.15 (18 anos)
"A Volta de Billy Jack"

CASCAIS
S. José
21.15 (10 anos)
"Spartacus"

PORTO/Teatros

COLISEU
21.30 (6 anos)
O Circo de Moscova

PORTO/Cinemas

JULIO DINIS
17.45 e 21.15 (18 anos)
"A Vida é uma Festa"



RENASCENÇA GRAFICA S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO GERAL
 RUA CASTILHO, 185, 1.º 2.º
 TEL. 654531/2/3/4
REDAÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS E PUBLICIDADE
 RUA LUZ SORIANO, 44
 TEL. 371154/5, 370211/2/3
 RUA DA ROSA, 75
 END. TEL. DIBOA TEL. 12363
 LISBOA PORTUGAL

A PARTIR DE UM DE FEVEREIRO

Pensão mínima sobe para 2.250 escudos

É aumentado para 2.250 escudos o quantitativo mínimo das pensões de invalidez e de velhice... determina a portaria número 94/77 da Secretaria de Estado da Segurança Social publicada na primeira série do «Diário da República» de hoje. Com efeitos retroactivos a partir de um de Fevereiro, ela só começará a ser recebida com aumento — a partir de Maio. Para a actualização das pensões foi adoptado, como princípio, o aumento uniforme de 750, 600 e 250 escudos mensais, respectivamente para as pensões iniciadas anteriormente a 1975, em 1975 e em 1976.

Em relação ao actual valor médio das pensões (cerca de 2.250 escudos mensais) estes aumentos representam respectivamente, cerca de 33, 27 e 11 por cento.

O limite máximo das pensões é estabelecido em 12 contos.

«Com o sistema agora aprovado», observa a portaria... «reduz-se aquele leque a pouco mais de metade para as pensões mais recentes e a menos de metade para as pen-

sões iniciadas antes de 1976 e adoptam-se vários escalões de melhoria, por forma a passar-se harmonicamente da pensão mínima para o quantitativo das pensões a partir do qual é uniforme a melhoria estabelecida pelo presente diploma». Da revisão das pensões, estabelecida pela presente portaria, resultará para a Caixa Nacional de Pensões um aumento de encargos, em 1977, da ordem dos 2.400.000 contos e dos 400.000 contos, nas modalidades de invalidez e velhice e de sobrevivência, respectivamente.

Assim, o valor médio das pensões mensais em curso em 31 de Dezembro de 1976 aumentará cerca de 520 escudos, quanto às de invalidez e velhice, e de 260 escudos, no que respeita às de sobrevivência.

Um caso há no entanto, pouco significativo embora, em que a pensão poderá não ser superior a dois contos. Concretamente: nas pensões de velhice iniciadas a partir de um de Janeiro de 1977 quando o quantitativo estatutário não é superior a 750 escudos.

DEPOIS DAS AGRESSÕES

Patrão encerra a Maivest

As instalações da fábrica de confecções Maivest (Vialonga) foram hoje encerradas por ordem do patrão, enquanto os trabalhadores se organizam em piquetes, à porta, e aguardando o resultado de uma reunião que esta manhã começou no Ministério do Trabalho, em Lisboa, entre uma comissão eleita para participar nas negociações e a entidade patronal.

A situação teve origem na posição assumida pela entidade patronal, que, ao ter conhecimento de que os trabalhadores da firma tinham aderido à luta desenvolvida pelos trabalhadores têxteis a nível nacional, os convocou na quinta-feira passada e ameaçou de despedimento os 34 eventuais, aconselhando os restantes (cerca de duzentos os trabalhadores da Maivest) a irem receber o vencimento ao sindi-

cato. Os trabalhadores pediram então a comparência na fábrica de dirigentes sindicais que os fossem esclarecer. Quando estes chegaram à fábrica para se avistarem com o «sr. Sá», sócio maioritário da firma, este juntamente com um funcionário administrativo, agrediu os representantes do sindicato na presença de trabalhadores, «a murro e a pontapé», prosseguindo a agressão aos três trabalhadores (duas mulheres e um homem) que se encontravam nessa altura na recepção.

Hoje, os trabalhadores ao apresentarem-se ao serviço, deram com as instalações encerradas. Entretanto, esta manhã desmentiram categoricamente ao «DL», notícias vindas a público de que teriam sido sequestrados nas instalações da «Maivest» familiares da entidade patronal.

Bombistas lançam ultimato

Continuação da pág. 1

agora nas visitas a Caxias, há fortes indícios de que ela continue a passar informações do exterior para os «pides» e vice-versa.

A disciplina interna, em relação aos «pides» e bombistas, também parece não ser muito apertada. É também voz corrente que nas celas dos principais bombistas se bebe e joga às cartas até altas horas da noite e o próprio segundo-comandante não escapa a ser citado participante nesses convívios.

«ULTIMATUM» A EANES

Enquanto tudo isto se passava outras forças multiplicavam a sua actividade no interior de

unidades militares numa tentativa de desestabilização que uma vez atribuíam às forças de esquerda, às forças democráticas e antifascistas. Em certos casos, uma notória falta de conhecimento político e um anticomunismo primário levaram a conotar com o P. C. P. forças que sistematicamente se lhe opõem.

Mas o mais significativo é sem dúvida um comunicado de uns denominados «Comandos Democráticos do Norte de Portugal», surgido no Porto, e reproduzido pelo «Jornal de Notícias», com uma espécie de «ultimatum» ao Presidente da República para soltar «os acusados pelo chamado processo bombista».

O «ultimatum» termina depois de amanhã...

C.E.E.: FRANÇA E BENELUX

Uma "etapa" difícil para aproximação de Soares

Mário Soares terá uma tarefa muito difícil na segunda etapa da sua visita às nove capitais dos países da C. E. E. Apesar das mudanças já registadas na tática de aproximação utilizada pelo Governo P. S. (insistir nos aspectos políticos do «sim» europeu, condescendendo nas questões económicas), os países do Benelux e a França continuam a manifestar sérias dúvidas, segundo notícias veiculadas pelas agências internacionais.

Assim, enquanto a «Interpress» alude à hipótese da Bélgica utilizar o seu direito de veto para se opor à admissão de Portugal, a «Reuters», em despacho do seu correspondente em Paris, dá conta de sérias apreensões que grassam entre os dirigentes franceses pela actuação da Grã-Bretanha na direcção da C. E. E., nomeadamente quanto ao aproveitamento que pode ser feito do alargamento da Comunidade para a enfraquecer, transformando-a apenas numa vasta zona de comércio livre.

Quanto ao caso belga, as autoridades de Bruxelas, embora concordando que, politicamente, as pretensões do Governo P. S. são aceitáveis, consideram que Portugal deveria ser sujeito a um estatuto de associação como país em vias de desenvolvimento, antes de se integrar.

Por sua vez, os franceses, temem, sobretudo o facto de um enfraquecimento da C. E. E., que se vislumbra com as

eventuais adesões de Portugal, Grécia e Espanha, servir substancialmente os Estados Unidos cuja influência na Europa dos «Nove» tem vindo a aumentar, já não apenas por via da República Federal Alemã, mas agora sobretudo por intermédio de Londres.

Aguarda-se que os receios de Paris sejam manifestados pelo ministro francês dos Negócios Estrangeiros, Louis de Guiringaud, quando visitar Londres em Março. De Guiringaud exporá algumas críticas à forma como a actuação da C. E. E. tem sido conduzida desde que a Inglaterra assumiu a sua presidência por seis meses, em Janeiro último.

Como se sabe, a Inglaterra, primeiro país visitado por Mário Soares na recente digressão europeia, manifestou-se abertamente favorável às pretensões do Governo P. S.

CONFERÊNCIA DE IMPRENSA DE MÁRIO SOARES

«Penso que a Europa deve ela própria evoluir para o socialismo e deve deixar de ser a Europa dos capitalistas para ser a Europa dos trabalhadores», afirmou Mário Soares em conferência de imprensa dada na passada segunda-feira, à chegada ao aeroporto da Portela no regresso da primeira etapa da viagem aos países membros do Mercado Comum.

Noutro passo da conferência de Imprensa, o Primeiro-Ministro salientou a possibilidade de se acelerarem as negociações com vista à plena adesão de Portugal à, por enquanto, «Europa dos capitalistas», afirmando ainda que a adesão de Portugal à C. E. E. não prejudicará o caminho para o socialismo consignado na Constituição.

«A nossa transformação, a nossa marcha para o socialismo, não se poderá fazer indiferentemente da evolução dos outros países europeus, mas sim em conjugação com a evolução desta parte da Europa, juntamente com a evolução da C. E. E. para o socialismo», salientou Mário Soares.

Mais adiante referindo-se à colaboração dos trabalhadores na «recuperação económica», o Primeiro-Ministro afirmou: «O P. C. P. tem influência nos aparelhos sindicais. Mas, independentemente dos aparelhos sindicais, há o movimento sindical que pertence aos trabalhadores no seu conjunto, que na sua grande maioria não votam P. C. P.»

«Penso», acrescentou, «que é fundamental um acordo com os trabalhadores, que é necessária uma política de concertação e vamos fazê-la. O Governo tem de entender-se com os trabalhadores e pedir-lhes a sua cooperação para uma política de recuperação económica, de austeridade, para podermos competir com êxito com os outros países do Mercado Comum».

Fascismo em Espanha

Continuação da pág. 1

A maior rede fascista-nazi do mundo tem hoje a sua sede em Espanha, Centro da «Internacional Negra». Pelo menos setenta e quatro organizações «ultras», identificadas, actuam em território espanhol. O seu número, todavia, pode ser bem mais vasto, pois a dimensão exacta da «Internacional Negra» não é conhecida com exactidão.

Entre as setenta e quatro organizações identificadas, pelo menos cinquenta e duas serão constituídas pelos centros de decisão ou no mínimo por importantes delegações dos movimentos fascistas-nazis que nos finais de 1976 participaram na «Cimeira negra» que decorreu em Friburgo, na República Federal Alemã com a complicitade das autoridades locais.

Trata-se de algumas organizações bem conhecidas pelos seus crimes terroristas, como sejam a «Ordem Nova», de origem italiana mas que se ramificou, sob outras designações, para vários países e que, mesmo em Itália, se apresenta sobre várias «versões» alargando as suas ligações até à Mafia; a «Frente Nacional Italiana»; a «Esquadra de Acção Mussolini»; a «Triplíce 'A' Argentina» (AAA); o «Grupo de Acção da Bolívia»; a «Frente Nacional de Portugal» (E.L.P./M.D.L.P.); o «Grupo de Acção para a Segurança do Chile»; e a «Federação Nazi da Alemanha Ocidental» (que engloba vários movimentos ultras da R.F.A.).

Para além destas organizações estrangeiras, outras aparecem com uma consti-

tuição mista de estrangeiros e espanhóis, mas actuando (tanto quanto se sabe) apenas em Espanha. São elas a «Aliança Anticomunista de Espanha»; o «Movimento Antiterrorista de Estado» a «Cruz Ibérica»; a «Associação Cultural Covadonga» e a «Aliança Apostólica Anticomunista» (homóloga da «Triplíce 'A' Argentina»). A presença de estrangeiros nestas organizações é geralmente predominante e o seu tipo de actuação visa fins essencialmente provocatórios ou «punitivos».

Finalmente, surgem as organizações inteiramente espanholas, conhecendo-se as designações de pelo menos dezasseis: a «Acção Universitária Nacional»; o «Bloco Nacional de Estudantes»; o «Círculo Espanhol dos Amigos da Europa»; o «Comando Negro da Falange»; a «Defesa Universitária»; da «Força Jovem»; da «Força Nova», da «Frente Socialista Operária»; do «Grupo de Acção Sindicalista»; dos «Guerrilheiros de Cristo-Rei»; da «Geração Nova»; da «Guarda de Franco»; da «Jovem Europa»; do «Movimento Social Espanhol»; do «Movimento Nacional Revolucionário»; da «Ordem Nova»; e do «Partido Espanhol Nacional-Socialista».

Entre os estrangeiros que integram esta «legião» da subversão e do terrorismo fascista-nazi contam-se, tanto quanto se sabe, italianos, portugueses, jugoslavos, romenos, argentinos, chilenos, franceses, belgas e alemães.

Pelo lado dos portugueses, há ainda que considerar a proximidade em que o chamado

«Movimento África Livre» se encontra da Internacional Negra. Este movimento, onde Jorge Jardim desempenha papel preponderante, terá actualmente o seu centro de decisão em Espanha, embora os centros operacionais se encontrem na Rodésia (sem qualquer disfarce), na África do Sul (sob forma coberta, mas com o acordo do regime de Vorster) e no Malávi.

Para além de Jorge Jardim, Gonçalves Rapazote, Barbieri Cardoso e outros nomes de dirigentes do antigo regime e de agentes da PIDE, fugidos ou libertados, figuras como as do argentino Jorge Casarski Goldstein (preso em Janeiro) e dos italianos Stefano delle Chiaie, Salvatore Francia, Pozzan e Zafforni, são algumas das mais destacadas da «legião estrangeira fascista», que se estabeleceu em Espanha.

A cobertura de que gozam estas figuras, em Espanha ou em alguns casos nos próprios países, mantêm, no entanto, na sombra, os nomes mais importantes e as suas ligações. É, por exemplo, frequente acusar-se a democracia-cristã italiana de «cobertura» às organizações fascistas daquele país, como também são muitas as acusações que pendem sobre o bávaro Franz Josef Strauss quanto às suas ligações com os «ultras» oeste-alemães. Quanto a Portugal, as denúncias de todo o público conhecidas...

3 tomes

IMPRENSA REGIONAL ANTIFASCISTA

Está injustamente generalizada a ideia de que toda a Imprensa Regional é reaccionária e até fascizante. Ora a verdade é que existem magníficos exemplos de órgãos da Imprensa Regional democráticos e antifascistas, do Minho ao Algarve.

O «Aurora do Lima», por exemplo, que se publica em Viana do Castelo, inclui na sua edição de 15 do corrente, uma separata sob o título «Nós, os Mortos e os Vivos Protestamos». Já, a propósito da «despudorada desculpabilização dos esbirros da P. I. D. E./D. G. S.», se reúnem impressionantes e dramáticos depoimentos de democratas e antifascistas vienses que sofreram a prisão e a tortura nas masmorras da tenebrosa polícia política de Salazar e Caetano: dr. Ribeiro da Silva, Aurélio Barbosa, José Castro, João Maia, Orlando Manuel Gonçalves, José Agostinho da Conceição, Alfredo Reguengo, Jaime dos Anjos, M. L. Vital Monteverde, Ernesto Ribeirinho, Abílio de Sousa, José Gonçalves Lima, João José da Costa Vieira, João Duarte...

Entre estes depoimentos destacamos o de Orlando Manuel Gonçalves, que recorda as circunstâncias em que foram assassinados os antifascistas Manuel Fiúza e Lemos de Oliveira (Repas). Páginas dignas de serem largamente divulgadas e meditadas, para todos que clamam por justiça!

FESTIVAL

O Festival da Canção que a RTP organiza terá, este ano, ao que parece, um «efeito benéfico», relativamente à percentagem de sobras de certos jornais. Alguns até aumentaram um pouco as respectivas tiragens. Referimo-nos às comparsas madiças de jornais, feitas por algumas empresas ou editoras de discos, com equipas pagas à colaboração para o corte e preenchimento de cupões... Se calhar, é por isso que o Nuno Martins (mudam-se os tempos, mudam-se as vontades!) achou curta a sala do escrutínio para argumentar que os representantes das 7 canções não podiam assistir à contagem.

PLANO OFICIAL DE CONTABILIDADE
 DECRETO-LEI 47/77 DE 7-2-1977
LIVRO COM TRÊS ÍNDICES
 1º índice geral
 2º - remissivo por assuntos de contas
 3º - de contas
 edição do *Rei dos Livros*
 R. da Conceição, 1-23 Tel. 389.945-LISBOA-2

civilizações
MILENÁRIAS

EGIPTO
 Cartão de Assinatura, Abon. 500 BRL

TERRA SANTA
 Itin. Anual, Jerusalém, Tiberíade, Nazareth, etc.

GRÉCIA
 Itin. Anual, Atenas, História da ALFENAS

ROMA
 Itin. Anual, Roma, História da ALFENAS

Para info. e encomendação

Europeia

TIRAGEM MÉDIA DIÁRIA EM JANEIRO: 45.122

Europa: O Inverno em San Marino. A "guerra-relâmpago" de um general belga

Religião: O Vaticano diz não às sacerdotisas

África: Guerra suja em Cabinda

Américas: Os índios do Canadá

Figura em destaque: Andrew Young

OS ÍNDIOS DO CANADÁ

1/O SONHO PROIBIDO

□ LE MONDE

■ Yves Berger

SABE-SE que o índio dos Estados Unidos está inquieto: a ocupação da ilha de Alcatraz, a marcha sobre o Secretariado dos Assuntos Índios, em Washington, os trágicos tiroteios de Wounded Knee, são acontecimentos que ainda estão na memória das pessoas. Mas os índios do Canadá? Esses trezentos mil autóctones, isto é, um pouco mais de 1 por cento da população total do país e que se repartem em quinhentos e sessenta e cinco colectividades chamadas «bandos»?

Todos sabem que eles habitam na «reserva», uma coisa que o europeu dificilmente compreende: parcela de terra cujo título jurídico pertence a Sua Majestade a rainha, que concedeu ao bando o uso exclusivo da referida parcela... Há reservas que só têm alguns hectares e outras, imensas, com milhares. Como vivem os índios do Canadá, no infinitamente pequeno e no infinitamente grande? A sua notável manifestação militante de 1974, chamada «caravana dos autóctones», não terá continuação? Como compreender o suicídio, em Maio passado, de Nelson Small Legs, de Alberta, que deixou uma nota em que dizia sacrificar-se pela causa do seu povo oprimido? Em 1976 o que querem, o que preparam os índios do Canadá?

A primeira vista parece um homem de negócios, e é-o, de facto: Joe Mathias, chefe dos Squamish, isto é, uns mil e duzentos índios que têm vinte e três reservas onde nasceram cinco aldeias,

numa província maravilhosa, a Colúmbia britânica. Joe Mathias é, não só o chefe da sua própria reserva mas ainda o representante dos outros responsáveis Squamish, que fizeram dele, de certo modo, o seu grande chefe. Fomos recebidos na sala onde Joe Mathias delibera diariamente com os seus conselheiros. É isto que acontece em todas as reservas do Canadá. De dois em dois anos (às vezes de três em três) os índios elegem democraticamente o seu chefe (cujas funções são retribuídas) e os conselheiros deste (que não são pagos). Neste dia o chefe Mathias está apressado.

A sorte dos Squamish

Tem encontro com os seus banqueiros que não se impacientam se ele demorar os pagamentos:



as reservas Squamish são ricas. Como todas as da costa do Pacífico, na Colúmbia britânica. A pobreza começa conforme se vai avançando para o Leste. Mas isto não acontece só na Colúmbia britânica. Nas outras províncias, de Alberta ao Quebec, a linha que



separa a pobreza da fartura é simples. Quanto mais a norte do continente fica a reserva mais pobres são os índios que nela habitam (índios dos bosques, da neve, das tempestades, da terra gelada); quanto mais meridional é a reserva, mais ricos são os índios.

A sorte dos Squamish está em Vancouver. A cidade foi edificada nos limites do seu território. Ah, os brancos bem teriam desejado comprar-lhes terras. Por sorte, há uma lei que proíbe aos índios vender a reserva parcialmente ou no seu todo, até porque não são seus proprietários. Só a tribo é que possui o título. Os brancos resignaram-se então a alugar. Somas enormes caem mensalmente na bolsa dos Squamish, cuja reserva foge por completo à imagem estereotipada que na Europa se faz de uma reserva. Esta é cheia de lojas, de fábricas, de casas, de sucursais de toda a espécie. Tem mesmo «marinas», que os índios administram. Trabalham lá milhares de brancos em

2

ECONOMIA CHINESA

SOB A ÉGIDE DE HSIAO-PING

□ LE MONDE

SERÁ certo que Teng Hsiao-Ping regressou já à vida política? Seríamos tentados a crer nisso, a avaliar pela maneira como oficialmente estão a ser retomadas, uma após outra, as teses pelas quais ele fora condenado no ano passado. A última em data é a denominada «da base material», que recomenda a prioridade das tarefas económicas, argumentando que só depois será possível modificar e eliminar as relações mercantis herdadas do direito burguês e que ainda subsistem na sociedade socialista.

Condenada como revisionista há menos de um ano, por adiar sine die as tentativas reais de alteração nas relações económicas, esta tese é actualmente apresentada co-

mo conforme com os princípios marxistas-leninistas fundamentais.

O mesmo artigo aflora o tema delicado dos «estímulos materiais», outra tese condenada no Verão passado como revisionista e actualmente submetida a reformulação. Se no plano teórico os estímulos materiais não estão ainda inteiramente adoptados, na prática já começaram a ser aplicados em certas regiões, como na Mongólia e em Shan-tung.

Para muitos, a linguagem oficial é ainda obscura, ou porque nela se reflectem hesitações de fundo a propósito de certos problemas, ou porque os seus autores fazem rodeios, porque não podem ainda dizer com toda a clareza aquilo que querem. «A medida que a luta se vai aprofundando escrevia no dia 10 o «Diário do Povo» teremos novos problemas a resolver no plano ideológico».

Os problemas já levantados não são simples e a coerência de pensamento da nova direcção é tanto menos evidente quanto é certo que a questão das personalidades em suspenso nas cúpulas do regime o priva ainda da homogeneidade desejável.

□ Alain Jacob



OS ÍNDIOS DO CANADÁ

milhares de empregos em centenas de edifícios.

O velho cemitério da tribo escapou, em todo o caso, à destruição e à construção — durante quanto tempo? Dispersos os ossos dos antepassados? Tal sacrilégio seria impensável há trinta anos, e esse pormenor mostra bem a mudança radical que afecta a condição índia, pelo menos nas reservas ricas. O chefe e os seus conselheiros de bandos fazem e refazem as suas contas, distribuem o maná (a reserva, na América do Norte), não tem imposto de rendimento. Os Squamish compram às vezes, fora da reserva, terras para cultivo. Locatário do bem tribal, o índio gosta de ser proprietário e por isso compra terras em território branco. Aí paga imediatamente imposto. Paga-o, por exemplo, quando tem barcos de pesca, que custam 500 000 dólares.

Joe Dion é o chefe dos Kehewin, tribo Cree de Alberta que reúne, nas suas quarenta e duas reservas, uns 40 000 índios. O avô e o pai foram chefes desse mesmo bando, o que faz pensar num privilégio hereditário. Mas não. Antigo jornalista em Edmonton, Joe Dion fez estudos superiores. Está por isso à frente de 570 kehewin, em que cada família tem uns seis filhos e em que a idade média do índio é de vinte e cinco anos: juventude e forte natalidade são dois traços que caracterizam os grupos autóctones de uma ponta à outra do Canadá.

Algumas reservas de Alberta têm petróleo, mas a de Joe Dion não é rica em nada. Nenhum recurso natural. E aquele lago, tão belo? Justamente tem de ser aranjado, e depois tem de se negociar com os brancos o seu direito à pesca. Entretanto a reserva vive mal. Ontem havia dezassete agricultores. Hoje estão reduzidos a cinco. O desemprego, endêmico, afecta 60 por cento dos homens e, durante o Inverno, afecta mesmo 85 por cento, números estes

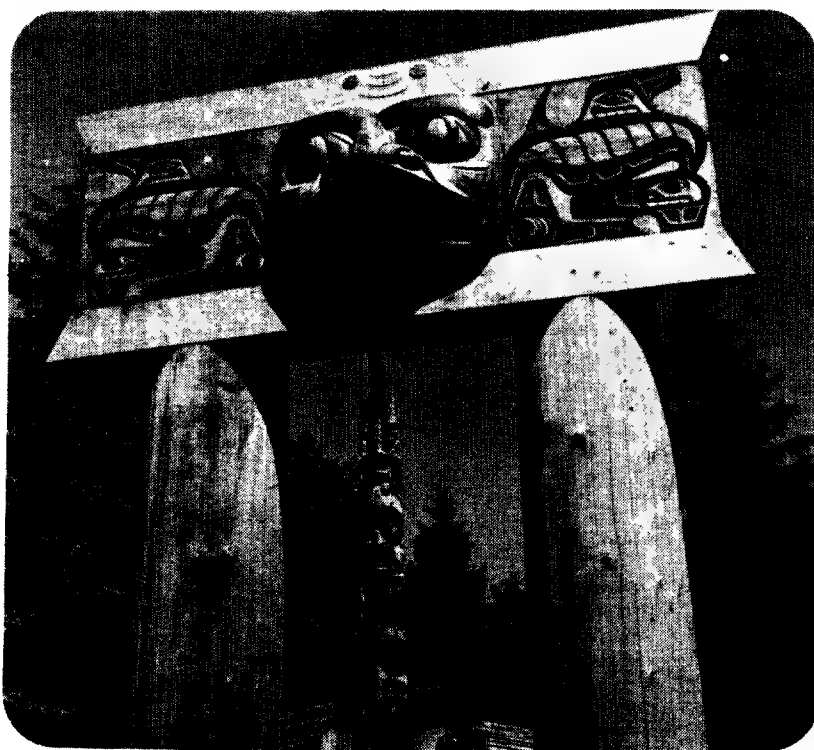
que não devem surpreender. Encontramo-los em todas as regiões do Canadá, onde o desemprego dos índios é um drama nacional.

A escola dos kehewin é bela: clara, espaçosa, é obra de um arquitecto Cree... O nível da educação está, porém, muito baixo: só 10 por cento dos kehewin quadragenários e quinquagenários — e menos de 35 por cento dos jovens adultos sabem ler. Quem é que, em tais condições, não se sentiria estranho à cultura da maioria, a dos brancos? Frustração, azedume, desconfiança, caracterizam o mal-viver destes índios que se sentem estranhos no seu próprio solo. Durante a nossa visita descobrimos a oficina de marcenaria que emprega entre dez e quinze kehewin, a de fabrico de abrigos que se converteu, a pouco e pouco na montagem de trailers, a tecelagem on-



de as mulheres trabalham. Estas oficinas nasceram e duram graças aos fundos fornecidos pelo Ministério dos Assuntos Índios e, no Norte, pelo Ministério de Tutela dos Índios. Calcula-se que tais empresas nunca se desenvolverão de modo a poder dispensar o auxílio que o ministério concede a todas as reservas, a título de desenvolvimento económico.

Quanto às condições de vida dos kehewin, elas são más: poucas casas têm água corrente e a maior parte dos 700 000 dólares que o ministério entregou em 1975 aos administrados do chefe Joe Dion, foi para a assistência



O SONHO PROIBIDO

social. Joe Dion, diga-se a verdade, queria um aumento do auxílio federal, para dar maior amplitude aos programas de trabalho. Entretanto, os índios, desocupados, infelizes, incultos, bebem. Tanto em Alberta como na Colômbia britânica, como por toda a parte nas dez províncias do Canadá, o álcool — e os delitos que ele provoca — é, com o desemprego, a grande miséria da condição índia.

Condição que, durante essa viagem de Oeste a Leste, de Vancouver a Montreal, do Pacífico ao Atlântico, vamos descobrir, de reserva em reserva, sempre seme-

lhante, com os seus grandes e pequenos males litânicos e monótonos, que abatem o índio.

Em Saddle-Lake, ainda em Alberta, as casas dos dois mil e duzentos Cree são espaçosas e abrigam, em média, dez pessoas. Infelizmente as paredes isolam mal o frio e, como só dezassete habitações dispõem de água corrente, imagine-se o que é a vida desses homens e dessas mulheres, no duro Inverno de Alberta, tirando a água dos poços... Aqui, o desemprego, atinge em período de ponta os 85 por cento, e os Saddle-Lake, à espera de um petróleo hipotético, criam bisontes

cujas carnes comercializam. Os Saddle-Lake são, porém, mais felizes na sua pobreza do que os índios da Saakatchewan, a província em que a sorte do índio é mais dramática, porque não tem nenhuma reserva rica nem com possibilidades de enriquecer. Sabe-se que corre pouco petróleo no subsolo do Saskatchewan, e que esse subsolo também não tem minério.

Eis o Manitoba, perdida nas florestas do Norte, a 800 quilómetros de Winnipeg, Norway House, onde vivem dois mil e duzentos Cree de língua algonquina. Também aí, nenhuma das quatrocentas casas (que dificilmente merecem tal nome) têm água corrente. Os alimentos chegam de avião e de barco. A Companhia da Baía de Hudson abriu, na reserva, uma loja que vende mais caro do que em Winnipeg. Os índios, que queriam construir um estabelecimento que um deles administraria, queixam-se disso. Em 1975, Norway House recebeu 1 200 000 dólares. Mas os Cree querem mais, e o mesmo acontece com os Micmac, de Big Cove, no Novo Brunswick, uma das três províncias marítimas.

Nesta região as reservas são demasiado numerosas, demasiado pequenas, por vezes miseráveis, com magras florestas. As casas têm um ar desolado. O subdesenvolvimento económico está no seu máximo e, seja ele Micmac ou Malecite, o índio não pode sonhar com uma reserva rica que, bastando-se a si própria, não mendigasse mais subsídios ao governo de Ottawa. Os autóctones não têm aqui à sua disposição os 350 000 quilómetros quadrados da baía James, que os seus ocupantes venderam ao governo provincial do Quebec para os seus projectos hidroeléctricos, pela soma fabulosa de 600 milhões de dólares.

O sonho é interdito à maioria dos índios do Canadá, mesmo o sonho banal do espaço. Então que sorte será hoje a deles, e que destino amanhã?

No próximo número:

NASCIMENTO DA CONTESTAÇÃO



O INVERNO EM SAN MARINO

VINTE e sete estradas levam a San Marino. Quando, por detrás de uma curva da estrada que serpenteia entre as pequenas montanhas, se desdobra o panorama do país, pode-se abarcá-lo de uma só olhadela: os dezoito milhares de habitantes de um dos mais pequenos dos Estados do mundo vivem numa área de sessenta e um quilómetros quadrados de declives montanhosos.

A lenda conta que, há dezasseis séculos, um pedreiro de nome Marino fugiu dos seus senhores e fundou na montanha de Titano uma comunidade de pessoas livres. Ao morrer, recomendou aos seus descendentes que vivessem em liberdade. Marino foi o nome dado ao país e à sua capital.

Passaram séculos, caíram e ergueram-se impérios, mas a pequena nesga de terra no centro de Itália permaneceu como a República de San Marino. No entanto, quanto mais nos aproximamos dos nossos dias, menos nos agrada essa lenda. O acordo com a Itália, concluído em 1939, constituiu uma censura na liberdade de San Marino. Esse acordo

continua hoje a determinar a vida da pequena República: San Marino está proibido de ter estações de rádio, de cobrar tarifas alfandegárias nas suas fronteiras, de possuir um sistema monetário próprio... E se estas medidas se revelarem «insuficientes» bastará simplesmente cercar com viaturas policiais as estradas que conduzem ao país, a fim de obrigar San Marino, que vive do turismo, a cair de joelhos. Assim se fez em 1957, quando alguém decidiu acabar com o Governo de esquerda, de comunistas e socialistas. O jornalista italiano Stefano Regiani, que partiu há dois anos, à procura da liberdade, para San Marino, escreveu: «A melhor maneira de conservar a liberdade é começar a vendê-la como recordação para os turistas.»

Nem todos em San Marino estão, entretanto, de acordo com essa liberdade. Também não está de acordo com ela Humberto Barulli, secretário-geral do Partido Comunista de San Marino.

«Nós, comunistas, e todos os democratas do nosso país, lutamos pela mudança da situação existente. Situação que se vai tornando cada dia mais pesada. O acordo de 1931 deve ser revisto. Mas o problema não reside só nesse acordo. A nossa economia necessita de uma reestruturação de base: no país quase não há indústria, e a agricultura foi negligenciada em extremo. A crise económica da Itália agrava as nossas próprias dificuldades. O turismo é a principal fonte das nossas receitas.»

As ruas de San Marino estão cobertas de neve. Ela é tão branca que parece irreal, simulada...

Aliás toda a cidade parece um brinquedo nestes dias de Inverno. Estreitas e velhas vielas, as torres e as flechas dos cataventos, uma antiguidade demasiado pura e cuidada para ser verdadeira. Como que uma decoração num teatro vazio. Não há espectadores: o vento frio afastou da rua

aqueles para quem é montada aquela representação — os turistas. É para eles que se organizam os desfiles de trajes nacionais, é para eles que se cunham moedas, sem curso no próprio país, é para eles que se expõem nos balcões montanhas de recordações... As ruas de San Marino estão quase sempre em silêncio.

NOVOSTI
V. Prunov

Surge atrás da grossa vitrina de vidro o rosto do proprietário, que ouviu passos na rua: não quererá o senhor estrangeiro comprar uma recordação? Às seis horas da tarde os estabelecimentos fecham-se de súbito. Eu fui hoje o único comprador de toda a cidade.

À noite, numa cidade desconhecida, mesmo pequena, é fácil perdermo-nos. Particularmente em San Marino quando se apagam as luzes das montras e se pode passar muito tempo à espera de ver um transeunte. Mas desta vez tive sorte: encontramos, em pouco tempo, um polícia. Adi-

vinhando que éramos estrangeiros, aprestou-se a explicar-nos o caminho em francês. Admirados com a capacidade linguística do defensor da lei, conseguimos chegar ao hotel. O seu proprietário disse:

«Um polícia poliglota? E que tem isso de espantoso? No nosso país muitos falam também inglês e alemão. Eu próprio sei francês. Nove anos passados nas minas em França, chegaram para aprender a língua. Podem-se encontrar pessoas de San Marino no Canadá, na Alemanha, na Itália, na França, numa palavra, em toda a parte onde haja trabalho. Isso não é justo... Deve-se trabalhar na pátria. E é por isso que nós lutamos.»

«A quem se refere ao dizer nós?»

«Aos comunistas, cidadãos de San Marino. Eu estou convicto de que os meus netos viverão e trabalharão aqui, em sua casa. Na sua pátria.»

De Inverno, passado o Natal, San Marino não esconde a sua tristeza. E atrás das portas fechadas das casas muitos dos seus cidadãos pensam com inquietação no dia de amanhã do seu país...

OUTRA "GUERRITA" SUJA

LAGOS (NIGÉRIA) — Embora a tensão entre a França e a República Popular do Congo remonte a alguns anos atrás, perto do final do ano passado circularam boatos de uma crise iminente: a Companhia de Potassa do Congo (CPC) não tinha conseguido superar dificuldades financeiras e parecia à beira da falência.

Em teoria, não havia razão para essa quebra perturbar o Estado francês mais do que qualquer outra, em território metropolitano ou ultramarino. No entanto, neste caso, estão em jogo 100 milhões de dólares. A CPC tem cerca de 85 por cento de participação da Empresa Mineira e Química, por sua vez propriedade do Departamento de Investigações Mineiras da França. Os 15 por cento restantes estão repartidos entre a Empresa Petrolífera Francesa (ELF) e o Estado congolês. Para impedir o colapso da CPC, o governo de Giscard d'Estaing propôs ao do coronel Marien Ngouabi discutir as condições para a retirada dos capitais franceses e a transferência total dessa empresa para Brazzaville.

O primeiro-ministro do Congo, L. Goma, viajou expressamente para Paris a fim de negociar a transferência, mas regressou com as mãos vazias: as condições exigidas pela França para a transferência da dívida da CPC foram consideradas inaceitáveis, porque leoninas.

Aparentemente a França tratava de compensar as perdas com outro negócio não realizado, a exploração de jazigos petrolíferos a cargo da citada empresa ELF, em conjunto com a empresa italiana AGIP. No início de 1976, a França acedeu a indemnizar o Congo por uma produção inferior à estabelecida pelos contratos de exploração, mas nos meses seguintes não vacilou em classificar de «agressão» o aumento do imposto de exportação por barril, de 3.60 para 5.40 dólares. Ao que se sabe, esta queixa fez parte da plataforma de negociação do primeiro-ministro Goma.

Sem relação necessária, pelo menos aparente, a 15 de Janeiro, elementos da FLEC (Frente de Libertação do Enclave de Cabinda) atacaram a zona em que está a ser conduzida a linha férrea Brazzaville-Pointe Noire, causando a morte de catorze trabalhadores

e o sequestro de cinco técnicos, entre eles três de nacionalidade francesa, além de largos prejuízos materiais. A FLEC ganhara certa notoriedade no momento em que se deram os últimos combates, na vizinha Angola, entre as forças do MPLA de Agostinho Neto, com apoio cubano, de um lado, e as da FNLA de Holden Roberto, com apoio do Zaire e da CIA, e as da UNITA de Jonas Savimbi, com apoio da África do Sul, do outro. Naquele momento — Janeiro de 1976 —, o «Nouvel

Abaki Mongo

Observateur» revelou que o SDECE (Serviço de Documentação Externa e de Contra-Espionagem) francês estava envolvido numa operação destinada a conseguir a secessão do enclave de Cabinda, que faz formalmente parte do Estado de Angola. O pequeno território de Cabinda, sobre o Atlântico, tem fronteira com uma estreita faixa do Zaire, que o separa de Angola. Não é segredo que Mobutu Sese Seko tem a antiga ambição de incorporar Cabinda ao Zaire, com o que obterá um acesso mais amplo ao oceano.



O presidente Ngouabi, da República Popular do Congo

Mas não é alheio a esse desejo o riquíssimo manancial de petróleo que flui da estreita faixa do enclave e que é prioritariamente explorado, por acordo com Angola (desde os tempos da dominação portuguesa) a Gulf Oil Corporation.

De que modo operam os interesses contraditórios da Gulf e os da ELF e da AGIP, na região, só os arquivos da SDECE e da CIA poderiam esclarecê-lo. Para já, e através da Radiodifusão Nacional, o coronel Ngouabi denunciou que o ataque à aldeia congolense no sul do país fora apoiado por «potências ocidentais» e especificou que os atacantes pertenciam à FLEC e contavam com o apoio de mercenários franceses. Embora não o estabelecesse taxativamente, os observadores relacionaram esta referência com a revelação formulada há um ano pelo «Nouvel Observateur», segundo a qual o SDECE patrocinava o treino em países africanos de elementos da FLEC, sob a direcção de Jean Da Costa, um ex-oficial do exército francês.

É de notar o facto de que, uma semana antes do ataque à linha férrea, um porta-voz do governo francês tinha chamado a atenção para a possibilidade de uma crise iminente no Congo, que poderia levar a pôr em causa os interesses das sociedades francesas no país e, como corolário, pôr em perigo a segurança dos cidadãos franceses. Além desta referência recente, figuram outras que remontam às semanas anteriores e procedem do governo da República Popular de Angola: ataques esporádicos de grupos de guerrilheiros ocorrem contra o território nacional, presumivelmente com origem e base no vizinho território do Zaire.

Deste modo, não obstante os repetidos protestos de «neutralidade» proferidos por Mobutu, o seu cunhado Holden Roberto estaria outra vez activo, participando numa «guerrita» suja de que as agências de notícias dão escassa informação, mas que abarcaria duas nações suas vizinhas cuja política externa não é, obviamente, a preconizada pelos Estados Unidos e a França. O coronel Ngouabi reafirmou que os ataques como os da FLEC e dos mercenários franceses apenas contribuem para consolidar as relações que unem as duas nações agredidas: o Congo e Angola.

INVESTIMENTO MONUMENTAL NA NATO

Vinte e sete «Boeing 707» equipados dum potente radar em forma de disco, montado sobre o avião, custam a linda soma de 72 mil milhões de escudos. É esse impressionante total que a NATO parece disposta a pagar ao produtor norte-americano para se dotar dum sistema de «fortalezas voadoras», destinadas a voar permanentemente ao longo das fronteiras com os países membros do Pacto de Varsóvia, «para evitarem um ataque de surpresa».

Na sessão extraordinária que os ministros de Defesa da NATO terão em meados deste mês em Bruxelas ficará muito provavelmente decidida a aquisição do sistema, dito AWACS. O encargo financeiro será dividido por todos os países da NATO, incluindo Portugal. A preparação psicológi-

ca das opiniões públicas dos países da NATO — todos eles a braços com graves problemas económicos e com programas de austeridade — esteve a cargo de todos os quartéis-generais da intimidação do mundo ocidental, onde se propalou durante meses e onde se continua a propalar um hipotético perigo dum ataque-surpresa dos países do Pacto de Varsóvia.

O general Haig, comandante supremo da NATO (cargo em que será ao que parece brevemente substituído) justificou, numa entrevista à AFP, este investimento monumental, dizendo que ele resulta do «aumento espectacular da ameaça aérea que emana do Pacto de Varsóvia» e acrescentando que «mais de 200 aviões soviéticos da segunda geração

foram reforçar nos últimos dez meses as forças estacionadas na Europa Central».

Segundo números publicados num boletim especializado da NATO que se publica em Bruxelas, e que vêm citados num telegrama da France Press, Portugal terá de entrar com sete milhões de dólares (equivalente a 22 milhões e 400 mil escudos) e os outros países da NATO despendirão as seguintes somas (em dólares): E A, 680 milhões; RFA, 650; Grã-Bretanha, 450; Canadá, 190; Itália, 100; Bélgica, 70; Holanda, 70; Dinamarca, 48; Noruega, 25; Turquia, 20; Grécia, 6 e Luxemburgo, 2. A Islândia, que não possui Forças Armadas, não foi solicitada. A França não participará, mas pagará pelas informações que receber dos radares.



FOTO
EXCLUSIVO

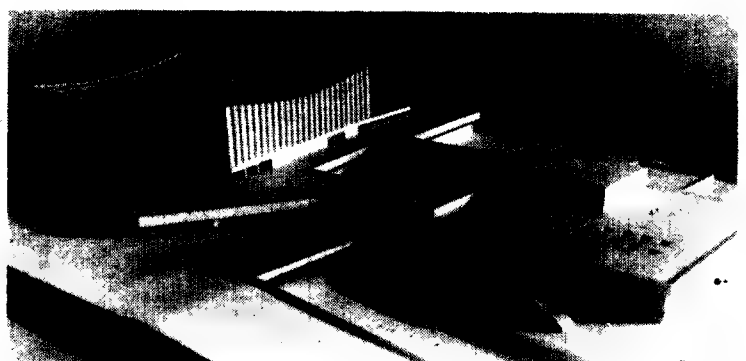
O ministro francês da Cooperação, Robert Galley, visitou a cidade lendária de Tombuctu, aproveitando um momento de pausa nas negociações que travou com os dirigentes do Mali, durante a recente visita que fez àquele país, integrado na equipa que acompanhou o presidente Giscard d'Estaing. Aí o temos na foto, montado em soberbo camelo



ESTA casa pintada por crianças pertencente à aldeia ucraniana de Perelestnoie, famosa já no mundo socialista pelas exposições que tem exibido além-fronteiras. Desde 1964, que, por iniciativa do professor Alexandre Chevtchenko, ali funciona um estúdio («Pássaro Azul») actualmente frequentado por 75 crianças. O estúdio tem uma colecção-museu de obras de alunos que anda sempre «em viagem» pelas fábricas e diversos clubes daquela república soviética.



CONSULTA médica ao ar livre — um camponês é examinado por uma médica, que faz parte da equipa itinerante do hospital número dois da região autónoma Uigure, do Siquião (China Popular). Regularmente equipas médicas percorrem os campos e as fábricas chinesas, na preocupação de assegurar assistência clínica aos trabalhadores. (Foto Keystone).



MOSCOVO prepara-se desde já para os Jogos Olímpicos de 1980. Esta maqueta, recentemente apresentada na capital da URSS, representa a sala (de cinco mil lugares) destinada às competições de halterofilia. Este pavilhão será construído na Avenida Sirenevivny perto do Instituto de Cultura Física. (Foto Keystone).

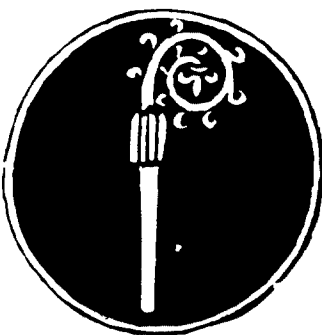


CIDADE DO VATICANO — A Congregação Romana para a Doutrina da Fé divulgou, a 27 de Janeiro passado, uma «Declaração sobre a questão da admissão das mulheres no ministério do sacerdócio». Para apresentar o documento à Imprensa, a Congregação recorreu ao homem das missões delicadas e das grandes ocasiões: o padre Roberto Tucci, director da Rádio Vaticano, um dos mais talentosos membros da Companhia de Jesus. Ao seu lado encontravam-se dois peritos, monsenhor Alberto Descamps, secretário da Comissão bíblica pontifical e o padre Louie Ligier, consultor do ex-Santo Ofício.

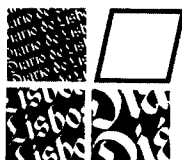
Não era necessário analisar o documento dado que acabara de ser divulgado um extenso comentário oficial. Os três conferencistas limitaram-se, portanto, a descrever a sua origem e a responder por antecipação a possíveis objecções.

Foi Paulo VI quem pediu à Congregação, no decurso do Verão de 1975, para preparar um texto sobre o sacerdócio feminino. Foi nomeado um redactor, assistido por uma comissão cujos membros pertenciam a diversos organismos da Santa Sé ou eram exteriores à cúria. Como é norma em tais casos não foram revelados os nomes desses especialistas. O mesmo sucedeu em relação às mulheres, religiosos, celibatárias e mães de família que foram consultadas no decurso dos trabalhos. Também foi pedida a opinião aos presidentes das conferências episcopais. Tendo tomado conhecimento da versão final em 15 de Outubro de 1976, Paulo VI, solicitou pessoalmente aos seus autores algumas correcções. É de salientar que a redacção definitiva foi dada a conhecer, antes da sua publicação, não só a todos os bispos mas também a diversas personalidades não católicas como os patriarcas de Constantinopla e de Moscovo, o arcebispo de Canterbury e o secretário-geral do Conselho Ecuménico das Igrejas. O padre Tucci esforçou-se sobretudo por demonstrar que com o «não» ao sacerdócio das mulheres, Roma não se isolava, não atacava o ecumenismo.

Não terá a Santa Sé provocado uma forte desilusão no próprio mundo católico? O padre Tucci pensa que não. «A expectativa era sobretudo dos intelectuais e dos jornalistas». O jesuíta referiu um inquérito levado a cabo nos Estados Unidos, país onde em princípio o sacerdócio feminino deveria ser mais desejado: mais de metade dos católicos seriam decididamente contra e os seus partidários seriam apenas 32 por cento dos homens e... 28 por cento das mulheres. — R.S.



LE MONDE



O TEXTO DA IGREJA



ESDE há alguns anos que em livros, revistas, conferências ou congressos, é frequentemente levantada a questão de saber se a Igreja Católica poderia modificar a sua disciplina e admitir mulheres na ordenação sacerdotal. Tal questão foi levantada por duas correntes contemporâneas. Por um lado, desde há algum tempo que diversas comunidades cristãs saídas da Reforma do século dezasseis, permitiram o acesso das mulheres ao sacerdócio em igualdade de condições com os homens; petições no mesmo sentido surgiram no seio do anglicanismo.

«Por outro lado, os trabalhos do Ano Internacional da Mulher, chamaram firmemente a atenção para o lugar que as mulheres deveriam ocupar na sociedade e até na vida pública, bem assim como sobre as formas de discriminação de que têm sido vítimas e que devem ser eliminadas. Tais desejos juntam-se, de resto, os ensinamentos da Igreja, designadamente as recomendações do segundo concílio do Vaticano na constituição pastoral *Gaudium et*

Pontífice — que já tinha intervido sobre esta questão nas suas duas cartas ao dr. Coggan, arcebispo de Canterbury —, se dedicou a um estudo atento do problema e pensou ser necessário lembrar, através da presente declaração, que a Igreja, ligada pela fidelidade ao seu Senhor, não pode modificar a prática observada, sem interrupção desde os tempos apostólicos, tanto no Oriente como no Ocidente, de conferir exclusivamente aos homens a possibilidade de ordenação sacerdotal.

«Esta chamada de atenção será talvez recebida dolorosamente, mas era um dever fazê-la ouvir com clareza, a fim de evitar a manutenção de ilusões. A posição da Igreja não é só afirmada, mas também explicada e, por isso, será evidente o seu valor positivo, porque esclarecerá certos aspectos do Mistério de Cristo e da Igreja, e poderá mesmo ajudar a aprofundar a missão respectiva do homem e da mulher. Ao transmitir esta declaração aos bispos, que são os seus primeiros destinatários a Congregação para a Doutrina da Fé, permite-se lembrar-lhes que é a eles que

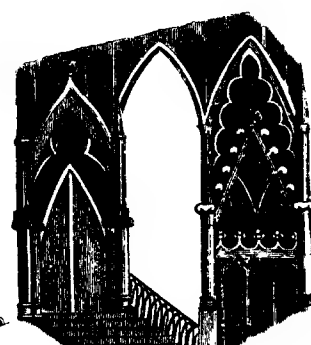
VATICANO RESPONDE:



incumbe a missão de a dar a conhecer aos seus povos, de lhes explicar o seu significado, com



o seu sentido pastoral e o conhecimento que têm do meio em que se exerce o seu cargo.



mais de uma disposição disciplinar do passado, traem a influência sobre os Pais da Antiguidade ou sobre os teólogos da Idade Média dum contexto sócio-cultural que não é o nosso. Contudo, nunca ninguém provou, e seria de resto impossível fazê-lo, que a não admissão das mulheres à ordenação sacerdotal resulta apenas de motivos sócio-culturais. Pelo contrário, quase todos os testemunhos desta tradição a justificam, em última análise, pela necessidade da Igreja se manter fiel ao tipo de ministério da ordenação sacerdotal desejado pelo Senhor Jesus Cristo e internacionalmente observado pelos apóstolos.



Spes que foi evocada por Paulo VI na sua alocução, de 18 de Abril de 1975, aos membros do comité para o Ano Internacional da Mulher.

«Não deveria a igualdade entre o homem e a mulher manifestar-se claramente na própria Igreja, através do acesso das mulheres às responsabilidades pastorais e à ordenação sacerdotal? É assim que de diversos quadrantes se pressiona a Igreja para intervir em apoio a tais iniciativas, se interroga febrilmente o Novo Testamento, a história dos tempos apostólicos, a tradição e a razão teológica, a história das instituições e dos costumes, a sociologia e a psicologia.

A igualdade com o homem

«Foi por isso que a Congregação para a Doutrina da Fé, devido às funções que desempenha e por mandato do próprio Sumo

1

E um facto que a tradição da Igreja foi tão firme sobre esta questão ao longo dos séculos que não foi necessário fazer intervir sobre ela a decisão solene do magistério. A mesma tradição foi religiosamente salvaguardada pelas Igrejas no Oriente. A sua unanimidade sobre este ponto é tanto mais notável quanto em numerosas outras questões a sua disciplina admite uma grande diversidade. Actualmente, essas Igrejas recusam associar-se aos pedidos de acesso das mulheres à ordenação sacerdotal.

2

É certo que, mais de uma consideração antropológica,

3

Cristo teve, a respeito das mulheres, uma atitude que contrastava com a do seu meio, não hesitando em manter as dis-



OTAL DAS MULHERES



tâncias em relação à Lei de Moisés, para afirmar a igualdade dos direitos e dos deveres do homem e da mulher face aos laços do matrimónio. Um grupo de mulheres acompanha-O no seu ministério; foram mulheres quem teve o privilégio de ver primeiro Jesus ressuscitado. Estas constatações realçam ainda mais o facto de Jesus não ter confiado às mulheres o cargo dos Doze. Os Pais da Igreja salientaram o facto notável de que Maria, tão estreitamente associada ao mistério do seu filho, não tenha sido investida do ministério.

A atitude de Jesus

4

A comunidade apostólica manteve-se fiel à atitude de Jesus. Ainda que os apóstolos, quando saíram dos limites do mundo judeu, tivessem tido de romper, por vezes dolorosamente, com as práticas de Moisés, não puseram a hipótese de conferir a ordenação às mulheres, ainda que as tenham associado à obra de Evangelização, como o testemunham os Actos e as Epístolas de S. Paulo.

5

Esta atitude de Jesus e dos apóstolos foi considerada pela tradição como normativa. Preten-

deu-se, hoje, que tal se explicava por influência do meio e da época. Pelo contrário, o exame dos Evangelhos mostra que Jesus enfrentou os preconceitos do seu tempo, contrariando largamente as discriminações praticadas acerca das mulheres. Por maioria de razão, o condicionamento sócio-cultural não teria influenciado os apóstolos em meio grego, onde tais discriminações não existiam. É certo que se podem observar nas Epístolas de S. Paulo prescrições ou mesmo considerações sobre as mulheres que são hoje caducas. Mas é um exagero acusar o apóstolo de preconceitos hostis em relação às mulheres, quando se constata a confiança que lhes testemunha. É a ele mesmo que devemos um dos textos mais vigorosos do Novo Testamento sobre a igualdade fundamental do homem e da mulher como filhos de Deus em Cristo.

6

É certo que a Igreja tem sobre os sacramentos um certo poder para lhe determinar o sinal e as condições de administração.

Tal poder é contudo limitado. A adaptação às civilizações e às

épocas, não pode abolir em pontos essenciais a referência dos sacramentos aos acontecimentos

fundadores do cristianismo e ao próprio Cristo, do mesmo modo que à pedagogia e ao simbolismo bíblicos. São opções históricas às quais nos mantemos ligados, mesmo que em absoluto possamos imaginar outras. E é a Igreja que, pela voz do seu magistério, assegura o discernimento entre o que pode mudar e o que deve manter-se imutável. Quando ela pensa, como sucede no presente caso, não poder aceitar certas mudanças, é porque se sabe ligada pela maneira de agir a Cristo.

7

O documento não se limita pois a lembrar a norma da Igreja e o seu fundamento. Procura esclarecê-lo mostrando, pela analo-

gia da fé, a profunda conveniência do facto de que só os homens sejam chamados à ordenação sacerdotal, com a natureza do sacramento da ordem e a sua referência específica ao mistério da Igreja. Com efeito o padre,

no exercício dos actos do seu ministério que exigem o carácter sacerdotal, como a consagração da eucaristia e a reconciliação dos pecadores, não age em nome próprio, antes ocupa o lugar de Cristo, é o símbolo eficaz de Cristo que representa e age por ele. Poderia o símbolo ter semelhança natural com o que significa, se o papel de Cristo fosse desempenhado por uma mulher? Cristo foi e continua a ser um homem. É em vão que

se procura minimizar um tal facto, que está estreitamente ligado a toda a Revolução e particularmente à Comunhão: Cristo é o esposo da Igreja.

«É por isso que nos actos essenciais da Comunhão só um homem pode desempenhar o papel de Cristo, ser o símbolo da sua presença. Tal não é o resultado duma superioridade pessoal, mas tão-só duma diversidade de facto, no plano das funções e dos serviços, entre o homem e a mulher. Se é verdade que o padre representa também a Igreja, é porque representa, antes do mais, o próprio Cristo, que é o chefe e o pastor da Igreja.



O significado do episcopado e do presbitério

8

A controvérsia gerada actualmente sobre a ordenação das mulheres é pois um convite urgente a todos os cristãos para aprofundarem o significado do episcopado e do presbitério, a redescobrir a situação original do padre na comunidade dos baptizados. Mais geralmente ainda, é o mistério da Igreja que é necessário modificar. Esta é uma sociedade diferente das outras, original na natureza e estruturas. As ciências humanas, por mais preciosas que seja o seu contributo noutros domínios, não podem atingir a sua realidade sobrenatural.

«A igualdade de direitos da pessoa humana e, em particular, a igualdade do homem e da mulher na vida baptismal, tão claramente afirmada por S. Paulo, não confere nenhum título pessoal ao ministério público na Igreja. O sacerdócio é o resultado duma vocação expressa totalmente gratuita, cuja autenticidade é assegurada pela Igreja. O cargo pastoral não é um simples governo comparável aos modos de autoridade que se verificam nos Estados: é o Espírito Santo dado por ordenação que permite a participação na regência de Cristo.

«A igualdade dos baptizados não é pois sinónimo de identidade: a Igreja é um corpo diferenciado, onde as funções são distintas e não devem ser confundidas. Não dá lugar à superioridade duns membros sobre os outros. O único carisma superior que pode e deve ser desejado é o da caridade. Os maiores no reino dos céus não são os seus ministros, mas os Santos.

«As controvérsias sobre a ordenação ameaçam impedir as mulheres cristãs de tomar plena consciência da grandeza da sua missão. O seu papel é hoje, contudo, capital tanto para a renovação e humanização da sociedade, como lhes lembrou o Papa Paulo VI, como para a redescoberta, entre os crentes, da verdadeira face da Igreja.»

EXCLUSIVO

O texto que hoje publicamos da autoria de Vladimir Lomeiko é uma sátira às declarações incongruentes que todos os dias surgem no mundo ocidental sobre o «perigo soviético». Se alguns dos que semeiam o pânico, na sua luta contra o desanuviamento, procuram apresentar argumentos com um mínimo de lógica, outros caem nas maiores contradições, revelando abertamente a falsidade daquilo que afirmam. A partir de uma entrevista que o general Robert Close concedeu à revista norte-americana «Newsweek», Lomeiko concebeu esta sátira, em que as afirmações daquele destacado militante belicista são levadas a um exagero caricatural, o que não quer dizer que sejam inteiramente falseadas.

A divisão blindada do general belga Robert Close foi a melhor nas manobras militares da «guerra-relâmpago», levadas a cabo pelo quartel-general da N.A.T.O. de concerto com os jornais e revistas simpaticizantes. Combatendo ao lado dos soviéticos contra a N.A.T.O., o general foi o primeiro a esmagar os aliados, e, espalhando o pânico por todo o Ocidente, alcançou o Reno. Mantendo-se a pé firme nos territórios ocupados depois do salto triunfal dos seus blindados, o general (que já tinha nome feito, graças ao seu best-seller, chamado «A Europa Indefesa?») concedeu uma conferência de imprensa improvisada.

Eis as perguntas e respostas:

Sr. general, o sr. provou claramente que a União Soviética e os demais países do

Pacto de Varsóvia têm força suficiente para desencadear uma guerra-relâmpago. Quanto tempo precisarão os russos para efectuarem uma operação de ruptura através da Alemanha Ocidental?

Depois de eu ter dito em voz alta que o «rei natiano» vai nu, são cada vez mais numerosos os especialistas que não duvidam de qual vai ser o resultado dessa guerra. Resta especificar os pormenores. Assim: quantas horas pre-

Carta de Moscovo

NOVOSTI
■ Vladimir Lomeiko

A "GUERRA-RELÂMPAGO" DE UM GENERAL BELGA

cisarão os russos para alcançarem o Reno? Já demonstrei que dois dias, ou melhor, duas noites, são mais do que suficientes.

Duas noites!?

Sim. Os russos estudaram com atenção o ritmo do trânsito nas nossas auto-estradas e chegaram à conclusão de que de noite o trânsito pára, o que é extremamente cómodo para o trânsito das colunas de blindados. Desvendei o principal segredo deles: a velocidade.

Nesse caso, sr. general, para que serve a nossa defesa anticarros na qual gastamos milhões de dólares?

É como se não existisse. Os blindados russos rompem-na em 11 horas e 46 minutos. É como uma faca em

manteiga... cortam o Ocidente em duas fatias.

E a nossa aviação, general?

A nossa aviação! As manobras da N.A.T.O., «Autumn Forge» mostraram bem que, devido à diferença dos meios de transmissão, vamos abater os aviões dos nossos próprios aliados.

E então a artilharia?

As munições não dão nem para meio dia de combates intensos. Mas o mais aflitivo é que o nosso moral está muito em baixo. Os soldados teimam em defender apenas as suas casas e só muito contrariados é que vão lutar para longe do seu país.

Qual é então a solução, general?

Se não queremos ver

as despesas com a defesa. O inspector-geral da Bundeswehr (Forças Armadas da R.F.A.) anunciou já que estão a ser formadas três novas brigadas. Mas a Alemanha Ocidental tem de ir mais longe e tem de criar uma guarda territorial de civis. Podemos também armar os escuteiros.

E o sr. general não receia que um enorme aumento das despesas com a defesa venha a estrangular a economia da Europa Ocidental?

sa.

Além disso, general, como é que o sr. associa os cálculos comprovativos do crescimento da ameaça soviética com a redução do orçamento de defesa da U.R.S.S., que dos 11 por cento total em 1971 passou para os 7,8 por cento em 1976?

Isso são manobras para desviar as atenções. É uma tentativa para levar o Ocidente a reduzir as suas despesas militares.

Mas há dirigentes políticos ocidentais que consideram que a U.R.S.S. segue uma política autêntica de desanuviamento.

Esses para mim não contam. Para mim quem conta é Alexandre Haig, Henry Jackson, Franz Josef Strauss. Helsinquia também não conta. O desanuviamento, eles tencionam invadir a Europa e arrancar uma praça de armas para atravessarem o Oceano. Agora que eu abri os olhos dos russos sobre a fragilidade das defesas da Europa, eles decerto vão-se deixar enbalar pelo desejo de atacar o Ocidente.

Mas então porque é que os russos não atacaram ainda?

A resposta encontra-se o sr. em Dostoiévsky: a alma russa é um enigma. Desde o fim da guerra que os melhores espíritos da N.A.T.O. andam às voltas com esse enigma. Em meu entender, esse pacifismo dos russos tem um fim em vista: fazer-nos, a nós, ocidentais, o hábito de fazer a guerra.

de **a** **2**

de norte a sul do país

as **"Páginas Amarelas"**

põem em contacto

quem quer **COMPRAR** com quem **FORNECE**

comércio • indústria • serviços • turismo

"Páginas Amarelas"

A consulta que resulta

circular é viver

Mesmo de dia, com nevoeiro ou com chuva, acenda os médios.

Diário de Lisboa

Fundado: Joaquim Manso

PINHEIRO DE

**FOR
I
QUA**

**QUALIDADE
DE
INFORMAÇÃO**



**ança tem
eu dia**

(em expressão nacional e em vendas) entre os quotidianos da tarde e o mais lido (por exemplo) entre um público, socialmente activo, desde os 15 aos 43 anos



Octáv
na
Margem Sul
(Pág. 5)

de hoje
de amanhã
(Pág. 9)

FIGURA EM DESTAQUE

■ **Andrew Young é o actual embaixador dos Estados Unidos junto à Organização das Nações Unidas. Nasceu em New Orleans, é filho de um dentista e tem 45 anos. É o primeiro negro a ocupar o cargo de embaixador dos EUA na ONU. Foi ordenado por um dos ramos mais antigos do protestantismo norte-americano. Iniciou-se na política em 1970, como presidente da Comissão Inter-Racial do Alabama. Andrew Young é a única pessoa junto da qual Jimmy Carter contraiu uma dívida política, no dizer do próprio presidente dos Estados Unidos.**



ANDREW YOUNG

■ Apesar de Carter dizer que não, o lugar de embaixador dos Estados Unidos na O.N.U. atribuído a Andrew Young, está na mira da «boa América». Motivo da irritação: as suas declarações durante a recente viagem à África quando acusou Kissinger de se ter preocupado mais com a reeleição de Ford que com a resolução do problema do Zimbábue. As iras ainda foram mais provocadas com as alusões à admissão do Vietname nas Nações Unidas e com os elogios aos cubanos que estão a auxiliar Angola.

O sorridente Carter gosta muito de afirmar que Andrew Young é «a única pessoa junto de quem contrai uma dívida política». Com efeito, graças a ele 90 por cento da comunidade negra dos Estados Unidos rejeitou a candidatura de Ford, apoiando o candidato do Partido Democrático, agora na Casa Branca. Além disso, o presidente norte-americano havia dado garantias ao seu embaixador de que este tinha a liberdade para exprimir-se sobre assuntos da sua competência. Promessa um tanto curiosa, quando Carter sabe que nem mesmo ele próprio tem essas garantias, como ficou provado no caso da escolha do novo director da CIA quando Sorensen, o nome por ele indicado, foi terminantemente recusado.

Em todo o caso, Andrew Young personifica a nova investida da diplomacia norte-americana, e por que não, Ocidental, depois do fracasso de Kissinger. Nomeadamente no caso africano, após o malograr da «missão Richard» que, como não é difícil de constatar, esteve votado ao insucesso desde o seu início.

Nascido em New Orleans, há 45 anos, Andrew Young não «arrancou do zero» como Carter gosta de deixar entender. Seu pai era dentista na cidade, que sempre teve uma burguesia negra evoluída aceite pela sociedade local. Estudou na universidade negra de Howard em Washington e quando sentiu a vocação sacerdotal não tolvou oara o Sul, preferindo o seminário de Teologia de Hartford, no estado de Connecticut. Ordenado por um dos ramos

mais antigos do protestantismo norte-americano, a Igreja Unida de Cristo, exerceu depois o seu ministério na Geórgia e no Alabama. Participou no grande movimento dos direitos civis e entre 1957 e 1961 dirigiu as actividades da juventude do Conselho Nacional das Igrejas. Esteve ao lado de Martin Luther King, que fez dele o seu adjunto na direcção da Southern Christian Leadership Conference — SCLC — uma confederação de organizações negras que pregavam a reivindicação não violenta.

Os seus talentos de negociador levaram-no à presidência da comissão inter-racial de Atlanta, em 1970, época em que mantém os primeiros contactos com Carter que então governador da Geórgia, sempre recorria aos seus bons ofícios.

Tal como o presidente que o nomeou, a sua primeira tentativa política fracassou. Em 1970 quis ir para o Congresso mas foi batido por um republicano racista. Mas dois anos depois foi eleito, com 53 por cento dos votos, incluindo uma quarta parte de eleitores brancos. Foi a primeira vez, desde a Guerra de Secessão que um negro vinha para Washington, saído do «Deep South». Igualmente pela primeira vez, um negro podia entrar num santuário chamado «Comissão da Ordem do Dia».

Entretanto, para muitos dos seus colegas no Congresso não passa de um activista, chagando mesmo a ser o único a votar pela ratificação de Gerald Ford como vice-presidente.

Para já, é demasiadamente cedo para a demissão de Young. Ele tem uma função importantíssima deve tentar a possibilidade de um governo moderado negro no Zimbábue, ainda que isto custe a Ian Smith. Acontece que os Estados Unidos querem lá um governo ainda mais dependente de Washington, em caso de guerra. E Ian Smith é incontornável. O facto de serem os Estados Unidos a intervirem na política da África Austral em vez da Grã-Bretanha, demonstram claramente esta importância. Entretanto, Young é vigiado, Kissinger e os seus saudosistas pensam diferente.

SEMANA INTERNACIONAL

A C.I.A. ESSA DESCONHECIDA



Os últimos dias desta semana foram animados com as revelações sensacionais, que, de três fontes diversas, chegaram dos EUA acerca da CIA. Dirigentes vivos e mortos, políticos ainda actuantes ou postos já na prateleira terão figurado nas listas de pagamentos desses serviços secretos acerca dos quais tudo se acredita porque deles pouco se sabe. O caso mais espectacular será o do rei Hussein da Jordânia, e, para nós, europeus, o da alta personalidade da social-democracia alemã, Willy Brandt. Na sua maioria, todos os acusados — desmentiram tais «calúnias», mas a dúvida subsiste. É de esperar que o folhetim — continue na próxima semana e é muito provável que a Península Ibérica seja contemplada com alguma revelação. Que diabo! Nós também somos gente!

O presidente e a moral



Em face desta perpétua fonte de escândalos, que é a CIA, o presidente Carter, eleito, como se sabe, sob o signo da moral, anunciou já que vai introduzir alterações nos serviços secretos do seu país. Mas não são apenas estes escândalos que afligem o popular Jimmy: é também a «imoralidade» do concubinato, contra o qual já jurou terçar armas. A actividade de Carter tem sido bastante intensa, aliás: no meio dos seus múltiplos afazeres, descobriu tempo para escrever ao sr. Sakharov, ilustre «dissidente» soviético, ao qual louvou expressamente pelos seus esforços em prol dos direitos humanos. As autoridades soviéticas apresentaram, entretanto, um protesto contra essa ingerência nos assuntos internos do seu país. Mas a questão dos «dissidentes» promete também continuar em pleno: agora há uns na Roménia e os da Checoslováquia prometem mais agitação. Nos EUA, um dos postos-chaves que Carter deu em troca dos votos negros é ocupado por um homem que também entrou em «dissidência»: o negro Andrew Young, agora sob o fogo cerrado dos americanos patriotas, indignados com as suas críticas demasiado acerradas a Kissinger, com a sua benevolência para com a presença cubana em Angola e com as suas promessas de admitir o Vietname na ONU. Ao mesmo tempo, um director dum programa do Pentágono revelou que estão em fase avançada os estudos de novas armas, cujo poder destruidor vai muito além do que até agora se conhece. Um aspecto positivo em todo este caos de factos: a normalização das relações com Cuba, já previsível na semana passada, afigura-se agora mais provável que nunca.

Partidos em Espanha



A Espanha já tem sete partidos legitimados por lei: PSOE, PSP, PSD, EL, P. Proverista, PDP, Esquerda Democrática. Mas o governo não legitimou ainda os que estão à esquerda das correntes socialistas. Aguarda-se a todo o momento a legalização do PCE, que, mau-grado todos os «eurocomunismos» continua a suscitar apreensões à direita. Oposição democrática e governo chegaram já a um acordo sobre as modalidades da organização das eleições, que, segundo se espera, serão em 5 de Junho.

Uma vitória

Na Dinamarca, a social-democracia conseguiu uma inesperada vitória, nas eleições parlamentares, tendo o governo de Joergensen saído reforçado da consulta. Em Inglaterra, os trabalhistas perderam um bom ministro e a maioria nos Comuns, com a morte de Anthony Crosland. O processo de Estrasburgo, os escândalos que rebentaram de quando em quando em torno do ex-primeiro-ministro Harold Wilson, o agravamento das dificuldades económicas, tudo se traduz em perspectivas sombrias para os sociais-democratas londrinos.

A paz mais próxima



Dois homens terminaram na segunda-feira uma missão diplomática ao Médio Oriente: Cyrus Vance (dos EUA) e Louis de Guiringaud (França). Segundo o primeiro, há lugar para um optimismo moderado sobre a convocatória da conferência de Genebra para este ano. A ideia duma confederação palestino-jordana, estabelecida antes da realização da conferência, parece estar a seguir o seu curso, muito embora sejam previsíveis dificuldades sérias, agravadas com as revelações sobre Hussein. Em Africa, a violência na terra do apartheid continua, e no reino de Idi Amin vão mal as coisas. A morte «acidental» dum bispo e de dois ministros pode ser a última casca de banana para Amin Dada. Na América Latina, as eleições presidenciais em S. Salvador saldaram-se por batotas várias, e uma raiva crescente da população, há 15 anos sujeita a um regime de república de bananas. Quanto ao Brasil, são agora os próprios juristas do Vaticano que denunciam as torturas sobre os presos políticos.

A. N.

PROVADAS AS TORTURAS DOS INGLESES NO ULSTER

Pat Shivers foi torturado durante nove dias consecutivos. Primeiro não o deixaram dormir: batiam incessantemente nas paredes da cela, feitas de zinco canelado, provocando um constante barulho, verdadeiramente infernal. Mal terminou esta tortura, logo começou outra: despiram-no, enfiaram-lhe na cabeça um saco de tecido espesso e meteram-no num compartimento onde instalações especiais amplificavam o barulho de máquinas criadas para tal fim. «Por vezes, tinha a impressão de que não era capaz de aguentar mais, que estava condenado a morrer de morte lenta ou que saíria da prisão completamente louco» — conta Pat Shivers, católico da Irlanda do Norte, militante do movimento pelas liberdades e direitos civis.

O seu caso ilustra a veracidade duma das conclusões do relatório da Comissão Europeia dos Direitos do Homem que reconheceu o governo inglês culpado de

prática de torturas sobre presos irlandeses.

Segundo um detido do Ulster, os irlandeses são permanentemente maltratados pelas autoridades penitenciárias. Aqueles que ousam protestar contra a brutalidade e as humilhações de que são vítimas, são obrigados a tomar tranquilizantes, que têm um efeito pernicioso sobre o organismo humano.

As torturas praticadas no Ulster estão a ser objecto de julgamento no Tribunal Internacional de Estrasburgo. Recusando-se a fazer esforços para regular o problema da Irlanda do Norte, por via pacífica, e continuando a apostar na força, as autoridades britânicas só conseguem agravar o conflito, provocando vagas de violência e terror.

A pretexto dessa onda de violência, as forças armadas e a polícia recorrem à repressão e à tortura. Nos últimos doze meses, mais de mil irlandeses, sobretudo católicos, foram presos.

O governo britânico, que teima

em negar estas acusações, procurou que o governo da Irlanda do Sul desistisse da sua queixa. Mas Dublin pretende prosseguir o processo até ao fim.



PELO MUNDO

UMA REVOLUÇÃO NA FÍSICA ATÓMICA?

Um grupo de cientistas suíços parece ter feito uma descoberta susceptível de revolucionar os conhecimentos actuais no campo da Física Atómica: ao contrário do que se pensava, as partículas atómicas podem transmutar-se.

A notícia é transmitida pela France Presse, que refere informações dadas em Chicago (E. U. A.) pelos membros da Sociedade Americana de Física, os quais ouviram falar da experiência dos seus colegas suíços e aguardam com impaciência a publicação do relatório das observações feitas pelos cientistas helvéticos.

A confirmar-se a transmutação das partículas atómicas, isso implicaria a existência doutra força natural elementar, ainda não descoberta. Segundo o cientista Steven Weinberg, essa força seria mil vezes mais fraca que a «interacção fraca», responsável pelo desaparecimento progressivo das emissões radioactivas e dos outros processos atómicos. Ora, as experiências realizadas no Instituto de Pesqui-

sa Nuclear, perto de Zurique, teriam levado à transmutação dum **muão** num **eléctron** e num **raio gama**.

Segundo as teorias actuais, o **muão** divide-se num **eléctron** e dois **neutrinos**. Na experiência helvética, não teria havido produção de **neutrinos**. A descoberta implicaria que **muão** e **eléctron** não diferem fundamentalmente, ao contrário do que supunham os cientistas, segundo os quais, quando essas partículas se alteravam produziam tipos distintos de **neutrinos**.

A nova força elementar poderia ter por suportes partículas denominadas **scalar** (os cientistas pensam há muitos anos que a «interacção fraca» da radioactividade é suportada por certas partículas pesadas, que ainda não foram isoladas experimentalmente). As partículas que suportariam a nova força elementar teriam de ter uma massa extraordinária (da ordem do milionésimo do grama). Isso seria o suficiente para que os físicos doravante tivessem que contar com a força da gravidade nos seus cálculos atómicos.



IMPRESSÕES DIGITAIS COM 3.000 ANOS

Um perito da Força Policial de Manchester examina os dedos de uma múmia egípcia com mais de três mil anos no Museu da Universidade daquela cidade britânica. Tarefa de que o perito foi incumbido: descobrir qual o estilo de vida de tão longínqua cidadã egípcia... Primeiro dado conseguido: a múmia tinha quarenta anos ao morrer. Segundo dado: as suas mãos e os seus pés revelavam cuidados extremos, facto que demonstrava tratar-se de alguém de categoria. Terceiro dado: certamente que teria desempenhado funções religiosas, talvez, as de membro de um coro. Bem entretanto, outros especialistas, operando no mesmo local, conseguiram detectar elementos para uma película de longa metragem. Finalmente — espera-se que a colaboração entre a Polícia e a Universidade conduza ao estabelecimento de... um banco mundial de impressões digitais de múmias.

NOVO CÓDIGO DE TRABALHO NA R.D.A.

A semana de cinco dias, a redução do horário de trabalho semanal sem diminuição de salário, o prolongamento de licença de parto, a concessão de um dia livre pago mensalmente às trabalhadoras maiores de 40 anos — eis algumas das inovações do novo Código de Trabalho da R. D. A., ainda em projecto. Neste momento a população discute as novas disposições da lei do trabalho, que depois serão debatidas na Câmara do Povo. Este código vem substituir o de 1961, o qual, embora revisto mais tarde, já se encontra desactualizado, pois novas melhorias foram entretanto introduzidas na vida dos trabalhadores sem que a lei as tivesse ainda integrado. É o caso das medidas acima referidas, adoptadas em consequência das orientações do VIII Congresso do P. S. U. A., celebrado em 1971. Pelo novo código são alargados os direitos das comissões sindicais de empresa e dos delegados sindicais, no que toca à representação dos interesses dos trabalhadores, desde a contratação até ao termo do contrato de trabalho.

O próximo número do «Exclusivo» será de 12 páginas, nas quais se inclui um «dossier» da América Latina.

2 Perspectivas económicas da

OCDE

O facto da recuperação se ter, em grande parte, exaurido e de um modo tão rápido, nos países em que uma forte procura interna seria desejável, surge aos olhos de alguns observadores como um sinal de fracasso, indicando, quer que as políticas expansionistas não estavam adaptadas à situação, quer que estas são amplamente inoperantes numa economia mundial atacada pela recente inflação e pelo impacto da subida dos preços do petróleo. Um tal juízo, carregado de conotações pessimistas em relação ao futuro, é muito contestável. Seria mais correcto afirmar que as políticas que foram aplicadas deram, em larga medida, os resultados que os seus autores esperavam e que, apesar dos traumatismos provocados pelos acontecimentos de 1973 e 1974, as economias reagem com bastante prontidão aos estímulos governamentais. Quando chegou a altura de adoptar medidas de recuperação, em 1975, foi voluntariamente que os governos utilizaram prudentemente os estímulos orçamentais, apesar da existência de uma grande margem de recursos por utilizar. A experiência tinha demonstrado que, quando a recuperação da economia dos países industrializados se inicia bruscamente, aparecem rapidamente estrangulamentos localizados e renascem antecipações inflacionárias, ainda que a recessão tenha sido longa e profunda. Os governos aplicaram, na maior parte dos casos, com igual circunspeção uma política mone-

tária suficientemente flexível para deixar a recuperação seguir o seu curso normal, pois era fácil tirar as lições da anterior fase de recuperação conjuntural.

Nestas condições, não nos surpreende que a recuperação tenha vindo a abrandar à medida que a acção dos estimulantes orçamentais se esgotavam e que o retrocesso do ciclo dos «stocks» acabava de fazer sentir os seus efeitos. O facto da recuperação, depois de uns primeiros meses de intenso desenvolvimento, ter sido muito mais progressiva do que geralmente teve o resultado positivo de atenuar o clima inflacionário numa série de países mais influentes — contrariando oportunamente algumas apreensões expressas por **Perspectivas Económicas** de Julho passado. Tendo em conta o que estava em jogo, pode-se considerar como sinal de sucesso, e não de derrota, que certos governos tenham pensado ser necessário rectificar a sua actuação para reanimar a procura, cerca de dez meses após o início da recuperação. Ao fim desse lapso de tempo, a maior parte das recuperações económicas anteriores começavam já a cair na inflação. Se certas medidas de relançamento pareciam desejáveis para dar novo fôlego à recuperação, teriam, tal como as primeiras, de ser moderadas e limitadas aos países em que a evolução do mercado de trabalho deixa a desejar, a balança de pagamentos estabilizou em boa situação e a taxa de inflação é relativamente fraca.

A PELE DE PORCO PODE SALVAR VIDAS

O Centro Nacional de Investigações Frederica Juliot-Curie, de Budapeste, foi o primeiro instituto dos países socialistas a utilizar pele de porco como substituto temporário de epidermes humanas mortas. As propriedades biologicamente favoráveis do tecido animal esterilizado fizeram-no eleger como remédio para salvar a vida dos pacientes em caso de graves queimaduras. Este substituto não fica atrás dos estrangeiros, custando quatro a cinco vezes menos e prestando-se a uma produção em larga escala.

O número de pacientes hospitalizados na Hungria devido a queimaduras é de quatro mil a cinco mil por ano. As queimaduras são o terceiro acidente de trabalho mais frequente no país. As pessoas cuja pele fica destruída em 30 por cento correm riscos de morte, e, por isso, é de importância vital a encertia temporária de um substituto de epiderme.

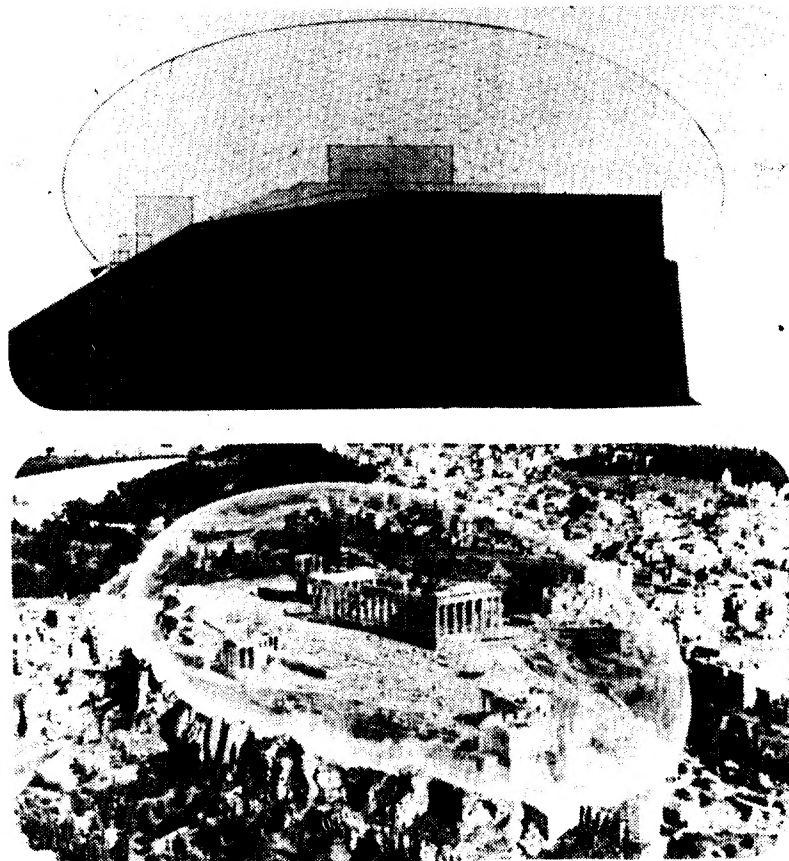
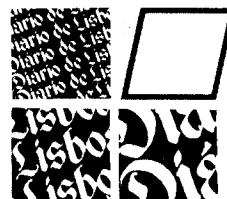
O começo das experiências do género são muito remotas, datando dos primeiros anos do século passado. Hoje desenvolvem-se esforços para produzir te-

cidos a partir de matérias sintéticas, mas até agora não se têm revelado substitutos capazes da pele humana. O problema está em que a pele humana é de acesso limitado e muitas vezes provoca reacções de rejeição. A utilização da pele de porco preparada até conseguir a quantidade necessária do tecido humano, oferece possibilidades quase ilimitadas de acesso.

A substância agora produzida no Instituto de Budapeste sob o patrocínio da Agência Internacional de Energia Atómica, foi utilizada com resultados animadores em 300 doentes.

EXCLUSIVO

N.º 3 / 77



DEFENDER A ACRÓPOLE

A Grécia decidiu salvar a Acrópole da poluição do ar que, há algum tempo já vem fazendo notar a sua acção, que fatalmente acabará por destruí-la. A importância histórica e os dividendos turísticos que proporciona justificam qualquer esforço. Entre todas as sugestões recebidas esta que as fotos demonstram é, sem dúvida, uma das mais espectaculares. Veio de Genebra com

a assinatura do arquitecto Olivier Rossel. Trata-se de uma gigantesca redoma de plástico transparente que, além de proteger o milenar monumento grego da poluição do ar e da erosão provocada pelos ventos não lhe tira a visão interior e exterior. A foto faz parte do projecto e é simplesmente um desenho daquilo que poderá ser uma nova visão da famosa colina ateniense.